



MotoBr@sil

O LIVRO

2ª Edição (2014)



PREFÁCIO

Taí a idéia original.

Autor : Harry

Mensagem de 21/06/2000

HARRY/CEM/JAKE/BITY: também gostei da idéia de juntar algumas das ótimas estórias que parecem aqui no MB, dentro da mesma "capa"... só não consigo imaginar como é que seria feita a coordenação do "esforço"...? Talvez o Harry pudesse nos falar um pouco mais sobre a metodologia da coisa.... fala aí Harry.... parece que vc é quem tem experiência nessa loucura!

Está bem, vou começar, pois segundo alguns autores, o mais difícil são as 3 primeiras linhas....(tudo sempre como sugestão para desencadear o processo).

Nome do Livro: O Dragão de duas rodas

Alguns capítulos:

- 1.. O grande sonho
- 2.. O primeiro tombo acompanhado ninguém esquece
- 3.. A volta
- 4.. As pedras
- 5.. Os faróis na neblina
- 6.. A dona encrenca
- 7.. Preso na gaiola
- 8.. etc

Capitulo 1 - O grande sonho

Vicente, adolescente magricela e com o rosto demonstrando a sua idade, devido as inúmeras espinhas, manifestação de uma libido muito estimulada, pela enésima vez acionava o pedal da sua moto, tentando fazê-la pegar. O seu pouco peso tornava as coisas mais difíceis. Cansado, após mais uma infrutífera tentativa, sentou-se no chão ao lado da sua querida máquina, que mesmo o maltratando, continuava a ter todo o seu amor. Ajoelhou-se na garagem da sua casa como se estivesse no mais sagrado dos templos, fechou os olhos e fez um juramento: um dia ainda vou entender de mecânica para nunca mais ter problemas desse tipo e além disso, terei uma moto incrível. Reanimado, levantou-se e foi fazer mais uma tentativa. Para completar o dia, o seu pé escorregou, perdeu o equilíbrio, caindo e levando a moto junto ficando com o pé preso. O que fazer, como sair daquela situação ridícula, já que não tinha mais ninguém em casa para ajudá-lo?

Cada um escolhe quem será o próximo. Obviamente se aceita voluntários. Democráticamente escolho o Akira, pois foi ele que me inspirou para sugerir a idéia do livro.

Abraços.

Harry

Não nasceu “O Dragão de Duas Rodas” mas a idéia ficou germinando, germinando, até que...

Este livro é uma coletânea de textos, histórias, causos, relatos e aventuras publicados na lista por seus integrantes. O esforço para que estes textos fossem resgatados são do motobr@sileiro DAN L-2, que teve o trabalho de buscá-los em meio as milhares de mensagens trocadas até o ano de 2006.

Leiam e divirtam-se.

Remo “Puepa” Bisio



O MOTOCICLISTA

"Numa moto está-se mais perto do que acontece: vê-se o que os outros utentes da estrada não veem. Os motociclistas estão mais altos, reagem mais depressa e quase sempre dispõem de maior poder de aceleração na ponta dos dedos que qualquer carro a sua volta. Estão mais alerta porque têm mais coisas a fazer numa moto e porque sua vida depende disso. E os automobilistas deviam perceber que, longe de prejudicarem a fluidez do trânsito, as motos ajudam a resolver os problemas. Ocupam menos espaço, gastam menos tempo em deslocações e usam o combustível de forma muito mais eficiente. Pensem no tamanho das filas se em determinado dia todos os motociclistas usassem um carro. Pensem nos estacionamento da baixa se no lugar de cada moto estacionada à beira do passeio estivesse um automóvel Os motociclistas estão a fazer um grande favor a todos os outros utentes da estrada. E mesmo assim não há sinais de agradecimento, bem pelo contrário."

"Não tema o motociclista, ele viaja em paz"

artigo de opinião de Peter Whitehead no Financial Times



Quando em Janeiro de 99 o carioca Laierte Dias criou na Internet a lista de discussão sobre motociclismo não imaginou que estava nascendo ali uma das melhores comunidades motociclísticas deste país:

o MOTOBR@SIL

Internautas de todo o país foram se agregando ao bate-papo virtual, trocando idéias exclusivamente sobre o mundo que envolve a motocicleta, contando suas aventuras, suas viagens, falando de suas máquinas, suas alegrias, seus dissabores, solicitando ajuda, dicas e ajudando-se mutuamente.

Com o passar do tempo aquele convívio quase diário por trás de um teclado ficou insuficiente para a maioria dos integrantes que já ansiavam por transformar aquela amizade virtual em algo mais próximo, mais real. Foi então que surgiu a idéia que promover o primeiro encontro real dos integrantes do MotoBr@sil.

Democraticamente, os participantes da lista, que já se espalhavam por cidades como São Paulo, Curitiba, Porto Alegre, Foz do Iguaçu, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Santos, Campinas, Florianópolis e tantas outras, escolheram no mapa uma localidade que ficasse mais ou menos eqüidistante para a maioria que estava disposta a ir neste encontro. Para marcar este evento, os motobrasileiros estabeleceram que o nome seria escolhido baseado numa ave característica da região onde iria acontecer o encontro.

Nasceu assim o I Vôo do MotoBr@sil, o Vôo da Galha Azul, em Guaratuba/PR, realizado em Março de 2000.



A experiência foi tão gratificante para todos, consolidando de uma forma um grupo tão heterogêneo, de formação e culturas tão diferentes, que neste primeiro encontro ficou estabelecido que, no mínimo, duas vezes ao ano isso iria se repetir.

A lista do MotoBr@sil já deixou a muito tempo de ser um mero fórum de bate-papo virtual. Hoje ela é uma comunidade de amigos que curtem uma paixão em comum: a motocicleta.



A Primeira do Viraguinho

Esta foi enviada pelo Viraguinho (Abutre's / MG), contando sua primeira viagem longa.

1989: após 3 anos com minha primeira moto, uma ML 125, comprei uma NX 150 0km e pensei: "vou longe com esta moto, mas onde?" Resolvi ir para o sul, a cidade mais ao sul que eu conhecia era a capital São Paulo. Então vou para Camboriú, coloquei a mulher na garupa, uma barraca (daquelas antigas cheio de ferragens etc, pesadinha), 2 mochilas cheias de bagulhada e partimos.

BH-Camboriú (1250 km) em uma nx150, vocês não imaginam a dificuldade. A moto não ultrapassava 100 km/h nem em queda livre, o banco nem precisa dizer, tamanha falta de conforto, mas fomos assim mesmo. Chegando em São Paulo, fomos descansar em São Bernardo do Campo, partindo no dia seguinte, via estrada de Santos, passando pela Praia Grande, Itanhaém etc até chegar em Registro, BR 116.

O sufoco começou ali, pista ruim, curta, caminhões empurrando a gente e a moto não andava. Com sacrifício chegamos em Curitiba e por lá ficamos para dormir. Queria conhecer um pouco da cidade mas quem disse que o cansaço deixou? Procuramos um hotel e literalmente apagamos. No dia seguinte acabamos de chegar na "terra prometida", que alívio! Bebês sem troca de fralda por 5 dias acho que ficam menos "assados" do que fiquei, as pernas queimavam tanto que não havia posição confortável. Foi difícil, primeira longa viagem em uma moto daquele porte. Por lá



descansamos por uma semana, curtindo as praias (saudades da praia do Pinho), e preparando o espirito/corpo para a volta.

Na volta o desespero para chegar logo. Saímos às 08 da manhã, muita chuva na estrada, buracos na BR 116 que não nos jogou no chão por várias vezes graças ao Grande que estava nos guiando. Viajamos até as 22 horas (direto) até chegarmos em Extrema(MG/SP) onde "apagamos" novamente,

acabando de chegar no outro dia.

Valeu a aventura (primeira), com a moto apenas perdendo um parafuso da descarga, e eu perdendo a pele das pernas. hahahaha.... :-))) Legal!!!!

A Verdade Sobre o Expresso da Fronteira

/Essas são as verdades sobre a viagem do Cachorrão e Bebezão, em companhia do Akira Sam, entre Foz do Iguaçu e Rio de Janeiro, passando por vários lugares./

/Versão do Morgado:/

As notícias da saída eram as mais divergentes. Ninguém sabia a hora da chegada dos amigos. Finalmente o plantão do Jornal Nacional informou, em notícia extraordinária, que os meninos estavam distantes 25 Km do Rio.

Neste momento, o Schneider, que nem de cueca estava, recebeu a notícia.

Foi se enxugando pelo caminho. Seus bigodes, que saíram molhados, ficaram repuxados para trás dando a real impressão de que o Barão Vermelho voltara a bordo de Spitfire azul. O Schneider, de



forma reservada, me disse que subiu a serra devagar pois havia uma Kahena, cheia de alto falantes, azul clara, que insistia em disputar corrida com

2 lesmas e uma preguiça na descida da serra da Mantiqueira. Como era noite e costumava-se a encontrar óleo na subida da serra de Teresópolis,

resolveu "maneirar". Ao encontrar com os amigos no meio da rua (vieram fazer bagunça na nossa cidade), ficaram impressionados com a minha calvície que, embora acentuada, não era tão grande quanto imaginavam, embora o Paola tenha humilhado todos nós com sua farta cabeleira prateada.

Assim, em uma noite fria de uma Serra Fluminense, pude, finalmente, sentir a da barriga do Fernão (NO BOM SENTIDO), como todos comentam, quando nos demos um forte abraço. Foi ótimo! Marcelo, Fernão e Schneider distribuíram para o Bebezão, Akira e eu, mudas de cabelo. O Bebezão, mesmo tendo reduzida a velocidade pelo Schneider, chegou muito tenso e nervoso. As curvas com inclinação superior a 5 graus o deixaram bem estressado. Como o bate papo apenas começava, o AKIRA retirou do bolso um martelo portátil, igual ao dos magistrados, pois imaginava que já teria que interferir na primeira discussão serrana do Expresso da Fronteira.

Chegamos, finalmente, ao hotel. Era pequeno e chegou a me preocupar pois não caberia o Bebezão e o Fernão com suas práticas bagagens. Quando finalmente chegamos ao quarto, já encontramos o Akira barbeado, banho tomado, penteado e cheiroso com tudo arrumadinho. Nunca vi tamanha objetividade e organização. Lavou suas roupas e as mesmas já estavam quase secas através de um secador automático que trouxe. Embora o Akira não perca tempo, teve tempo de sobra para fazer sua higiene:

aproximadamente 40 minutos. O tempo exato que o Fernão levava para retirar as bolsas da moto entre várias palavras usadas nas antigas novelas das 10 e uma série de promessas de que irá comprar umas malas iguais a do Bebezão. Se a bagagem do Fernão é uma verdadeira complicação a do Akira é o "supra sumo" da organização e eficiência. Não traz nada a mais nem a menos. Sua pequena mochila é a verdadeira "Bat Akira Bag" com

1001 utilidades. Mas, em compensação... a do Bebezão é um luxo!!!!!!

São 3 belos e espaçosos bauletos. Roupa toda arrumadinha. O bauleto traseiro era um espetáculo. Eu vi, de longe: 3 máquinas fotográficas, 1 desodorante noturno, outro diurno, vários perfumes franceses, uma discoteca inteira de MD, ferro de passar roupa, 2 celulares e seus carregadores, guarda chuva, barbeador elétrico, chinelo felpudo, 4 pares de luvas, uma bota, 3 sapatos, 2 tênis, 3 óculos escuros além de walk-man, bolsinha pessoal com farmácia completa e material de higiene.

Nas bolsas laterais, tudo arrumadinho e protegido por naftalina. Em uma delas, que não foi aberta, ele me disse que ainda tinha o seu Lap Top com impressora e um terno para não ser apanhado de surpresa. Cá entre nós, são confortos que só uma BMW proporciona. Para tirar todos os bauletos e colocá-los no quarto, o Bebezão levou 17 segundos e 3 décimos, devidamente contados no barbeador do Akira.

O episódio do sabonete foi meio delicado. Havia 3 sabonetes no banheiro.

O Akira usou um e o Bebezão pegou o seu, que sumiu. Usou outro... sumiu também! E agora? Quando o Fernão for tomar o seu banho vai brigar comigo. Onde estão os saboneeeeeeteeeeees??? Chegamos a pensar em chamar os bombeiros pelo 190 mas, graças ao Akira (de novo), ele trouxe um RSPUEP (Retirador de Sabonetes Perdidos em Umbigos Exagerados Portátil) e resolveu o problema.

Quando, aparentemente, tudo estava em paz, fui em casa tomar o meu banho para retornar e apanhá-los para jantar.

Chegando em casa recebo um telefonema da Beth perguntando se estava tudo bem e se eu sabia do "local" onde se encontrava seu marido. Eu disse que ele estava muito bem mas com muito frio pois, além de sair molhado ao encontro dos meninos, esqueceu o casaco. Mas que ela ficasse tranqüila pois o mesmo veio enrolado em uma toalha durante todo o trajeto. Ela disse que eram loucos (inclusive o seu marido), que tinha feito compras na véspera para oferecer aos amigos (eu mesmo, por SEDEX, enviei uma toalha de renda para recebê-los). Ela sugeriu que, ao voltarem para Foz, fizessem um curso de etiqueta e boas maneiras. Mas me parece que conseguiram se redimir em São Vicente.

Tomei o meu banho e me arrumei direito pois, pelos trajes do BEBEZÃO, tinha que estar à altura. O Fernão estreou até a calça nova que ganhou de presente junto com um suspensório de fibra de carbono. Retornei ao hotel para apanhá-los e, o quarto era um caos. O Akira e o Bebezão já tinham tomado 2 cervejas e o Fernão já estava na lata de número 18, de Coca&cola! Era lata para tudo quanto era lado. Uma ficou perdida dentro da bota do Akira. Roupas sujas com coca&cola limpa, cigarro com coca&cola suja, desodorante e tudo mais. Para vocês terem uma idéia, 3 dias depois de saírem, aparece um funcionário do hotel em meu escritório com uma dentadura, que estava presa em uma lata de Coca&cola debaixo da cama que ele achava que era dos meus amigos. Eu disse que não e ele presenteou-a para um amigo que tem um triciclo enfeitado. Mas caso seja de algum de vocês é só falar que tento pegar de novo. O problema é que ele colou com araldite no "santo antônio" do dito veículo, mas com jeitinho ainda deve dar para usar. Por via das dúvidas, como íamos sair cedo (não sei para onde), levei um sabonete LUX family, pois assim não havia risco de atrasar a saída (a não ser pelas malas do Fernão). O máximo que o Bebezão conseguiria seria entalar o sabonete no umbigo. Me certifiquei na portaria da existência de um pé de cabra para retirar o sabonete, caso houvesse este incidente.



Nosso carro não comportou a todos. Tivemos que contar com a ajuda da Paola para não ter que fazer duas viagens. E lá fomos nós para a Taberna Alpina, em silêncio e rezando pois a Luciana é quem dirigia. Chegamos bem, entretanto. Sentamos e ficamos aguardando o Schneider, que iria de moto, mas achamos estranha a sua demora. Resolvemos ir na frente do restaurante e o pegamos, mais uma vez, morto de frio esperando por nós.

Bebemos as caipiríssimas de lima de praxe (foi eleita a bebida oficial dos MBs cariocas, recebendo o prêmio especial de SP conferido pelo Akira). Fernão e Schneider disputavam quem seria responsável pelo maior "fog" dentro do salão já que eu não pude colaborar muito pois só fumei 1 maço durante o jantar. Muitas histórias, conversas e brincadeiras deliciosas. Aí fomos para o jantar. O Paola e esposa, já tinham jantado. Acho que fizeram isso para não terem a obrigação de pagar a nossa conta.

O Fernão e o Bebezão pediram "uns bicho estranho", com uns nomes esquisitos que, para mim, era mocotó de porco com repolho roxo!!!! O desfecho dos efeitos repolhísticos não presenciei, graças a Deus. Houve um momento emocionante que foi o encontro do Fernão com o Márcio Catão.

Este, foi recebido há alguns anos em Foz, pelo grande "Cachorrão das Cataratas". Depois de muitas lágrimas e momentos de emoção (até os garçons se emocionaram) quando os 2 gordos tentavam se abraçar, resolveram fazer isso de costas. Terminamos nosso delicioso jantar, regado com muito vinho e alegria e fomos dormir.

No dia seguinte me acordaram dizendo: "Morgado, se apronte. Você tem uma hora e meia para estar aqui no hotel" (tempo para o Fernão achar e acomodar seus pertences, colocar a bagagem na moto e ter 2 discussões com o Bebezão). Ao chegar no hotel, o Akira já tinha lavado e secado sua moto. Saímos e resolvemos dar um passeio pela cidade que ainda estava com o céu encoberto. Num tal de "passeio apressado", vencemos a Rio Bahia e chegamos no Alto do Soberbo para vermos o dedo de Deus que insistia em se esconder. Bebezão, enquanto aguardava as nuvens irem embora, resolveu servir de fotógrafo para todos os turistas que lá estavam. Isso provocou um atraso em nosso passeio. De repente: "VAMOS PARA CABO FRIO!", disse o chefe da delegação sulista. Mais uma discussão com seu súdito e lá foram eles pegar o resto das bagagens no hotel e eu para casa, arrumar a minha bagagem. Em 30 minutos estavam todos lá em casa, embora tenhamos ficado mais 30 minutos aguardando o Fernão dar um melhor acerto em sua bagagem. E lá fomos nós para Cabo Frio.

Enfim, após o Fernão "revisar" mais uma vez a bagagem, partimos para Cabo Frio. A bela moto do Fernão tem um grande problema: não pode passar em frente a um posto de gasolina! Nem ela nem o seu dono. Ela para lotar o tanque até à boca; ele, para tomar uma 4 cocas e 2 águas só para completar as necessidades orgânicas de seu já raquítico corpo. Saímos após o abastecimento. Tivemos que aguardar um pouco para esperar o Fernão colocar todos os casacos, capacetes, luvas e, é claro, dar uma conferida em suas práticas bolsas que levam suas bagagens.

Descida de serra com o Bebezão acompanhando, sem problemas (aliás, não sei o porquê de fazerem tanta onda com ele). Com a proibição do tráfego de caminhões "trucados" na ponte Rio-Niterói, tivemos que passar por uma estrada (a única), realmente chata, com tráfego pesado, durante 18 quilômetros. Lógico que não deixava nenhum deles me ultrapassar para não ver gestos obscenos à toa. Me deu saudades da estradinha São Lorenço-Lambari. Foi tudo bem até o Fernão "engastalhar" os seus suspensórios em um pára-choque de caminhão em uma ultrapassagem. Mas, graças ao Akira, foi possível retirar o artefato sem maiores problemas.

Depois desta estrada, parada para o almoço. Ouvi alguns elogios (@#\$%^&*) na chegada do restaurante, para mim e para a estrada. Palavras tão belas e oriundas de quem veio só me restava agradecer! Mas a fome era maior do que a vontade de elogiar a estrada e este humilde guia. Após uma rápida e básica discussão entre o Fernão e o Bebezão sobre o posicionamento na mesa, passamos para o rodízio. Comemos o que nos bastou. Levantamos e percebemos que o Fernão estava apenas começando o rodízio após um prato de cebolas. Voltamos a comer para acompanhar o amigo. Terminamos, colocamos nossos apetrechos e seguimos por uma estrada bem melhor e agradável que é a Via Lagos.

Percebi que o Fernão estava meio lento. Deixei o Akira e o Bebezão passarem e tentei saber o que estava havendo. Vi o capacete integral do Fernão todo embaçado. Acho que por isso é que reduziu a velocidade, efeito de um prato cheio de cebolas a vinagrete. Entramos na Via Lagos e lá estava o Fernão apontando para o tanque! Eu disse que depois do pedágio abasteceríamos. Continuamos, passamos pelo pedágio e fomos informados que os radares haviam sido retirados!!! Que ótimo!!!! Passamos do passeio tranquilo para o "passeio apressado" e logo a seguir para o "passeio tira o primo da fôrca" (definições do Fernão). Aí ví que me enganei. Não haveria mais posto até a estrada Litorânea. O Fernão reclamava mais ainda depois de passar a torneira para a reserva. A estrada não acabava e eu preocupado com a alcoólatra motocicleta sedenta atrás de nós. Resolvemos reduzir um pouco a velocidade e passamos a andar a 150 Km/h para economizar combustível. Me lembrei que havia um apoio na estrada feito pela concessionária. Assim, dei uma boa acelerada para poder parar sem que todos precisassem fazê-lo. Me certifiquei que o próximo posto ficaria a 26 KM. -Fernão, dá para agüentar mais 26 Km? Ele disse que sim. Fiquei mais tranquilo. A partir daí a culpa era dele.

Interessante que em todas as condições de estrada e a qualquer velocidade havia uma Virago 1100 no meu retrovisor, sem reclamar, sempre na mesma milimétrica distância. Na hora que dei uma puxada mais forte para chegar ao ponto de apoio, passa uma flecha por mim. Quem era??? O Bebezão tirando as teias de aranha a mais de ... deixa p'ra lá. Paramos no posto. Acho que coube mais do que deveria no tanque. Secaram as mangueiras!!!

Mais 9 cocas, 3 águas e lá fomos nós para Cabo Frio. Fomos direto para a praia. Paramos as motos e fui mostrar a praia para os amigos. Eles ficaram muito espantados com a água salgada e a areia branca. Só estranharam que o côco não estava gelado. Aí tive que mostrar um coqueiro, com a fruta e mostrar que na natureza o fruto era nesta temperatura. O que eles costumavam tomar era o fruto conservado na geladeira. Bebezão já discutia na mesa do bar da praia que queria tomar banho. O Fernão disse que não tinha tanta pressa assim. O filósofo ZEM Akira resolveu a questão dizendo que estava com fome. O Fernão então declinou e seguiu conosco. Passamos pelo resto da praia, pela rua do canal e já estávamos no portão de casa. Aí me lembrei que, com a pressa da saída, esqueci as chaves de casa!!!! E agora??? Conseguimos a cópia com a pessoa que limpa a casa e adentramos no pequeno habitáculo praiano. Duas horas foram gastas para se discutir quem iria dormir aonde. Duas camas de casal e um sofá para dormirem quatro. Confesso que fechei a questão e disse que não era meu hábito dividir a cama com pessoa diferente de minha esposa e que não era muito aconselhável alguém dividir o espaço comigo durante a noite. O Bebezão, em mais uma discussão com o Fernão, disse que a outra cama da casa era dele, que ninguém "tascava" e que ele viu primeiro! Sobrou um sofá e um colchonete que achamos em cima do armário. O Akira ficou com o sofá e o Fernão resolveu que dormiria no colchonete na sala que era mais perto da geladeira.



Começamos um super bate-papo agradabilíssimo. Todos se preparando para tomar banho e conversando. Assim não nos demos conta de que estávamos de cuecas! Menos o Bebezão é claro. Já estava barbeado, perfumado, com uma camisa cacharrel de gola rolé e um casaco de plush (acho que é assim que se escreve). Toda a roupa, em tons pastéis, muito bem passadas. E nós... de cuecas!!! O Bebezão ficou impressionado com um "aqua-scooter" que encontrou lá em casa. É um motor de 50cc, 2 tempos que anda sobre a água puxando uma pessoa. Parece um besouro. Ele queria levar o aparelho de qualquer jeito para usar em sua banheira de hidromassagem com suas crianças. Só desistiu porque teria que ir na bagagem do Fernão com o risco de se desprender, além de causar algumas discussões. O papo era entrecortado com o BEBEZÃO dizendo: - O Rolim vai chegar, vocês não tomaram banho e vão atrasar tudo! De repente... alô Morgado... alô Morgado... aqui é o Rolim PRK 30 14/38 você está na escuta? Era o Rolim chegando. Todos resolveram correr para o banheiro, ao mesmo tempo. Ficamos entalados na porta do corredor imobilizados. Pedi ao Fernão e ao Akira para expirarem e com algum esforço conseguimos nos desentalar. Enquanto isso o Bebezão foi ao encontro do Rolim. Não vimos os beijos e abraços mas, vimos a expressão aterrorizada do Rolim ao ver aquela imagem bizarra de todos nós de cuecas correndo para abraçá-lo! Pior ainda era que o Rolim não sabia por onde andar. Eram capacetes, toalhas, colchões, almofadas, máquinas fotográficas, latas de cerveja e coca cola, casacos de couro e, lógico, as bagagens do Fernão pelo chão atravancando tudo.

Quando saí do banheiro escuto um barulho estranho, parecendo um motor acelerando. Lembrava um pouco carrinhos de fricção da minha época com um som mais bonito, harmônico e duradouro. O que seria isso???? Será que o Bebezão ligou o aqua-scooter agora? Foi então que descobri: era o barbeador do Akira. Fiquei fascinado! Sensacional! Eu fiquei igual aos colegas ao se depararem com a água salgado do mar de Cabo Frio. Fiquei intrigado e hipnotizado por aquele aparelho. No final não resisti: "- Akira, me empresta um pouquinho?" Passei um bom tempo me divertindo com o aparelho. Fiz a barba toda e fiquei tão charmoso quanto o dono do interessante apetrecho. Aí o Fernão foi tomar banho. Pegou suas coisas na mala, revisou tudo e achou o que precisava embora tenha trazido 2 latas de coca e uma de cerveja, vazias e amassadas, importadas de Teresópolis.

Todos prontos, vamos? E o Rolim ficou frustrado por irmos a pé. Mas como é de boa paz, foi com a gente. Ao atravessarmos a rua, beirando o canal, o Fernão já dizia que jamais tinha andado tanto!!!! Fomos diretos ao General Lee. Achei que com a fome que estavam não seria o melhor lugar para matá-la. Assim os conduzi ao Sr. José do Galeto (a casa preferida dos MBs do Rio) e comemos picanha com frutos do mar. Mais uma vez deliciamos uma caipirinha de lima. O Akira pediu a receita e eu contei uma 3!!! Mas... me aporrinharam o que puderam. Disseram que a picanha tinha gosto de sardinha, que o peixe parecia frango, a lula parecia cebola e o mexilhão com jiló. Quase perdi minha paciência e sugeri que todos fosse "tomando cuidado comigo". O engraçado é que o Rolim (ele me paga) era o que botava mais pilha! Voltamos para a casa, trazendo o Fernão pelos braços pois ele já não queria mais andar.

Retornamos para o bate-papo na sala que, nesta hora, mais parecia uma trincheira da Normandia na 2a. guerra mundial. Eu não sou de beber cerveja e estou evitando coca&cola. Se tomar uma... já era. Tínhamos na geladeira cervejas ainda do carnaval de 99 e umas cocas da época da inauguração da casa. Trouxe ainda, do restaurante, 2 litros de água. No final, não tinha mais coca, água e cerveja. Queriam repor a cerveja mas não era necessário. O prazo de validade já havia vencido há muito! Hahahahahahaha!!! Rolim se mandou mais tarde mesmo com a insistência de que dormisse por lá. Tinha lugar de sobra sobre a mesa da cozinha. Ficamos preocupados com a ida dele tarde e de noite mas o homem é duro na queda e chegou são e salvo com a imagem de nós todos de cueca gravada em suas retinas.

/Versão do Rolinha:/

Pô, depois destas excelentes narrativas eu é que fico envergonhado de escrever mas como pediram vamos ver o que consigo:

Passei o dia todo ansioso no trabalho e louco para o expediente acabar logo para partir para Cabo Frio para rever e conhecer os novos amigos. Saí, fui para casa, tomei banho e coloquei minha "farda" de motociclista pois estaria com outros motociclistas possivelmente "fardados" também. Que nada!!! Com exceção do Bebezão, que havia ido me receber de calça, camisa amarela e chinelo de dedo, quando entrei na sala do apartamento do Morgado vi um estranho cenário onde todos estavam juntos de cuecas na sala e o banheiro vazio. Huuummm, não entendi bem a cena (pô, todos de cueca ao mesmo tempo?) mas tudo bem pois logo em seguida decidiram tomar banho (desta vez separados).

Enquanto Fernão tomava banho, eu escutava as aventuras dos amigos no Rio, contadas pelo Morgado, que não largava o barbeador a fricção do Akira e ao fundo o som das vozes do Bebezão e Fernão "conversando" amistosamente sobre a demora do banho.

Depois de convencer o Morgado a largar o Barbeador do Akira e todos com banho tomado, devidamente vestidos e depois de falarmos mal de meia dúzia de motobrasileiros, decidimos ir para a rua. Peguei meu capacete feliz da vida pois iria andar com o expresso da fronteira, quando todos olham para mim e ouço entristecido: "- Pô, Rolim, vamos a pé cara." Bom, concordei e guardei o capacete. Após uma bateria de fotos ao lado das motos onde fiquei impressionado com o tamanho e beleza da Kahena do Bebezão, fomos ao famoso e esperado General Lee. Todos entraram e ficaram impressionados com o bar, menos o Morgado que ficou do lado de fora dando pulos e cambalhotas para não entramos no General Lee e sim irmos no bar Galetto do Zé (acho que ele não pagou a conta da época do I Salto). Após muita lábia o Morgado conseguiu convencer a galera.

Já sentados no bar Frango do Zé e depois de duas horas para decidirem o que iriam comer, após muita conversa amistosa e curtição com a cara do Morgado, decidimos. A comida do bar Zé Galinha é muito boa e eu recomendo. Após uma noite muito divertida e com a pança cheia voltamos ao apartamento do Morgado onde ficamos até as 2 da madrugada conversando de motos e falando mau dos outros 140 motobrasileiros. Quando todos começaram a tirar as roupas e ficar de cuecas novamente foi então que decidi que estava na hora de ir embora e fui....



Esse é o relato da viagem do Dan L-2 e Falcon. Carnaval 2001 no Rio.

Atendendo ao pedido do Cachorrão (e morrendo de medo de tomar uma mordida), aí vai um pequeno relato de minha viagem em companhia do Falcon ao Estado do Rio.

Marcamos de nos encontrar em Jacareí, na sexta, às 10h00. Acontece, que como todo mundo sabe, a "noiva" do MB é o Falcon (né Lenda?) e como toda boa noiva ele não chegou na hora. Chegou com uma hora... DE ANTECEDÊNCIA!!! Portanto, estão desmentidos os boatos.

Saímos por volta das 10h30min em um ritmo agradável, fazendo paradas a cada 100, 120Km. A Dutra estava tranqüila, com movimento pequeno e o asfalto um tapete. Na parada em Aparecida, problema: a chave liga/desliga dos faróis auxiliares do caminhão deu pane e tive que desligá-los. Um detalhe: o posto em que paramos era "tão bom" que enquanto eu desligava a chave o Falcon foi no eletrícista do posto pedir um pedaço de fita isolante e, acreditem, NÃO TINHA FITA ISOLANTE NO ELETRICISTA!!! Arrumamos um pedaço de fita crepe, enrolei o fio e vamos lá.



Uma coisa interessante nas paradas era o pessoal se chegando e fazendo perguntas sobre as motos. Essa proximidade, a cada dia, parece estar sendo maior, o que prova que as pessoas estão deixando de nos ver como marginais.

Chegando a Nova Iguaçu, ainda na Dutra, um Voyage meio f@#\$% estava na pista da esquerda, pedi passagem, o cara demorou, pisquei os faróis e ele abriu. Ao passar por eles notei quatro homens com uma cara nada amigável. Ao reduzir para entrar na cidade o tal Voyage foi quem me ultrapassou e qual não foi minha surpresa ao ver que o passageiro carregava um fuzil, com o cano pra fora. Na mesma hora me lembrei dos conselhos do Aloisio e o sangue sumiu! Depois, já recebidos pelos amigos de N. Iguaçu, tomando um chope, contei a história e eles me disseram se tratar da "P2", uma polícia não fardada ou identificada. Não entendi muito bem, mas beleza.

Como combinado, saímos às 22h30 de N. Iguaçu em direção a Arraial do Cabo. Chegando na Ponte Rio-Niterói o engarrafamento estava enorme. Nos despedimos do pessoal de gaiola e seguimos pelo corredor. Ao chegar na rodovia Niterói-Manilha, a coisa piorou. Por sorte, o asfalto é bom, mas não se conseguia velocidades muito altas. Primeiro pela largura da Kahena e segundo, pela quantidade de vendedores de água e cerveja que, aproveitando o engarrafamento, ficavam trançando em meio aos carros. Quase peguei um deles que saiu da frente de um ônibus. Depois fiquei sabendo que um motociclista chegou a atropelar um deles.

Ao chegar à Rodovia dos Lagos, estrada muito boa, trânsito fluindo bem (com alguns pontos mais lentos) e PEDÁGIO! É revoltante ter que pagar, mas confiamos que o Aloísio e sua Associação chegarão a um resultado positivo nos isentando deste abuso. Enfim, com tudo isso, chegamos às 04h30min em Arraial do Cabo.

Arrumamos um hotel e...cama! Dia seguinte fomos até a casa onde ficaríamos hospedados, deixamos as coisas lá e seguimos para a praia. Por sinal chamada "Praia dos Anjos". Aliás, Arraial deveria ser escolhida como sede nacional dos Arcanjos. É Praia dos Anjos, Enseada dos Querubins, Pousada dos Anjos...

À noite saímos com o pessoal. Lá, no meio da bagunça, as duas motos paradas, era incrível a quantidade de gente que passava olhando as placas. Até fotos pediram pra tirar com a gente (será que é porque éramos os únicos de calça de couro e botas naquele calor? Hehehehe). Altas horas seguimos para Cabo Frio, com intenção de ir ao General Lee. No meio do caminho encontramos alguns Abutre's e chegamos com eles até o canal. A rua estava bloqueada mas o grande mestre do papo, Falcon, dobrou os guardas e conseguimos colocar as motos em frente ao bar. Muita curtidão e cachaça depois resolvemos dormir por lá mesmo. Fomos até o hotel em que havíamos ficado no Salto. Chegamos por volta das 05h00 e saímos às 12h00. Na hora de pagar a conta, a facada: apesar de nos reconhecer cobraram R\$110,00!!!! Meio abatidos, seguimos de volta para Arraial.

O Sávio conseguiu entrar em contato conosco e nos mandamos para Rio das Ostras onde ele e Firmino nos esperavam. A estrada que liga São Pedro da Aldeia a Rio das Ostras tb está muito bem conservada mas conta com alguns quebra-molas mal feitos que judiaram bastante das meninas. Também passa por muitos perímetros urbanos, o que complica um pouco. Chegamos na tal "Praia do Cemitério" que havíamos combinado e não encontramos ninguém. Telefone e descobrimos que estávamos em Macaé, pra frente de Rio das Ostras. Voltamos e encontramos o povo. Sávio, Savioneta e mais dois Arcanjos cujo nome não me lembro. Firmino já havia ido embora e perdemos a chance de conhecer mais um MB. Alguns refrigerantes, água e peixinho, estrada de volta. Na chegada a Cabo Frio fomos parados por um membro do Steel Goose que montou um bar em Jacarepaguá. Como comportamento comum ao seu MC, esbanjou simpatia e simplicidade nos convidando para dar uma passada lá quando estivéssemos voltando para Sampa.



Na segunda, praia. Fomos até uma tal de "Praia das Dunas", entre Arraial e Cabo Frio. Um lugar muito bonito, com piscinas naturais formadas por buracos na areia e águas claríssimas (e gelada!!!). Tão claras que tinham uma quantidade grande de águas-vivas. Claro que uma delas achou o gordo aqui apetitoso e resolveu provar causando-me uma queimadura, sem grandes conseqüências. Saída na noite (a pé) e cama.

Terça, despedidas e estrada. Tudo tranqüilo. Pudemos observar a beleza da Via Lagos, sem trânsito na Niterói-Manilha e com trânsito leve na

Dutra. Lá passamos pelo Duende e Tiazinha (de gaiola) que vinham voltando com aquela cara de quem está acabado mas feliz. Também, em Pindamonhangaba, pegamos uma tremenda tempestade. Por sorte encontramos um posto e nos abrigamos, pois havia muitos raios e lembrei: “prefiro ser coxinha do que virar churrasco”.

Paramos em Jacareí onde nos despedimos. Ficou a saudade da estrada, a satisfação de uma excelente companhia e a certeza de possuir uma moto que é pau pra toda obra, com consumo justo e desempenho muito satisfatório.

É isso aí. Um grande abraço a todos.

Dan L-2

Corujões MC



COMENTÁRIO ATUALIZADO: estou como ele diz no final do texto...

/Esta foi enviada pelo Dragão, antes do IV VÔO, em Guaratuba/PR. Ele começou sério, falando sobre os hotéis, e logo depois descambou pra isso que está aí em baixo: um pequeno resumo das sacanagens que ocorrem nos encontros do MB./

A contagem regressiva está lançada pelo Zé do Pedágio. Os tremores e a



ansiedade já estão matando o Manuelle, que nem consegue mais dormir e só fica olhando a mala em cima da cama. A Igoul já dá sinais de estouro da placenta por causa do Vôo. A Pé de Pano já esta descalça pois os panos já furaram. A tia Feliz fala 3 palavras e 4 palavões de tão nervosa que está. O Falcon fica montado na moto na garagem aguardando o momento de pegar estrada sem contar que fica

apreciando a novidade escarlata do Dragão. O Baixim fica apertando os pinos do seu pulso pra ficar revisado pro Vôo. O Schneider colocou o capacete de couro do Spitfire. O Pança não vê a hora de encontrar com o seu presidente.....HOHOHOHOHOHOHO. O Remo já encheu o tanque de óleo dois tempos para a popa. O Harry mandou confeccionar outra bolsinha de gel. O Bambu já mandou a harley fazer revisão. O Bella, vampiro de Curitiba, abriu o caixão e estará presente. Vamos ter caminhoneiro vindo de Campo Grande, o clube siga bem caminhoneiro com Bugiu, Pança e Jacaré estão se organizando. O Liandro promete ganhar novamente o prêmio de melhor ferrolho perdido. O maquiavélico Fritz já realizou 3 viagens a Guaratuba somente pra fazer teste de média de quilometragem. O Vamilson de Santa Catarina vai aparecer com sua Sombra que anda, e por ai vai... Já tá começando a pegar. Estou tentando não ficar pensando muito nesse assunto mas as vezes sou surpreendido por esta ansiedade.....é fogo..... Dragão carregando o acetileno.....

Corujão de Barro

Essa Aconteceu antes do Vôo do João de Barro ter acontecido quando chegou a foto abaixo:



Mestre Lee (Liandro Carniel) escreveu quando viu a foto: "Tá certo que não entendo muito de pássaros.. mas não me parece um João-de-Barro muito normal (hehehe)...". Nisso responde o Cachorrão (Fernão Carbonar), que trabalha com bichos ou algo parecido: " - Grande Lee e galera em geral: por ser zootecnista e trabalhar com meio ambiente, consegui identificar o animal (estranho para alguns...) que aparece na foto que está no Files e cuja descrição segue abaixo:

Nome científico: *Avis motoqueirensis*, variedade *bebuns*;

Nome comum: Coru-João-de-Barro

Distribuição Geográfica: Leste do Estado de São Paulo, concentrando-se na região da cidade de Campinas e expandindo-se para a região de Minas Gerais.

Tamanho e peso: variado, muito variado. Existe registro de espécimes com mais de 100 kg!!

Habitat: essencialmente urbano, sendo eventualmente encontrada no meio do mato (erro de vôo...). Pode ser facilmente avistada nas proximidades de bares, casas noturnas e locais de grande movimentação. Quando associada a *Harleyrus vulgaris* é comum ser encontrada rondando oficinas mecânicas...

Hábitos: apesar de não formar colônia, possui hábito gregário, geralmente voando em bando. Essencialmente onívora, esta espécie tem uma certa predileção por cevada líquida, alimento que toma até não mais se agüentar no galho. Costuma fazer bastante ruído quando se depara com uma fêmea. Status na Natureza: espécie em rápida expansão, com tendência a colonizar uma área maior do que a que atualmente ocupa.

Curiosidade: para se evitar o stress em espécimes mantidos em cativeiro, recomenda-se pôr um microcomputador no recinto.

Isso foi o que consegui levantar sobre a espécie que aparece na foto do Files.

Talvez eu consiga algumas informações adicionais com uma quiromante amiga minha, que fez um curso de ufologia mística aplicada em acunpuntura, lá no Nepal. Vou visitá-la amanhã..."

COMENTÁRIO ATUALIZADO: pra mim, essa foi a mensagem mais hilariante do MB. Só uma que Schneider mandou a respeito das aventuras dele na estrada com um pequeno probleminha intestinal conseguiu chegar perto.

CHICLETE COM CAPACETE

Essa aconteceu com o Morgado. Na época, discutia-se a respeito das absurdas leis sobre capacetes, escapamentos e uso de fones de ouvido por motociclistas e questionava-se a respeito do conhecimento técnico dos legisladores.

Antes de nossas autoridades legislarem com ou sem conhecimento sobre capacetes, escapamentos, fones de ouvido deveriam legislar sobre o uso do chiclete ao se dirigir motocicletas.

Voltando de Cabo Frio este fim-de-semana, ao parar em um posto para tomar café da manhã, um companheiro me ofereceu um daqueles chicletes, sem açúcar, bem macios. Aceitei, subi na moto e fui embora.

Quando já estava no final da Via Lagos (ndr: rodovia), com o chiclete já sem gosto, resolvi jogá-lo fora. Mas, antes, pensei: retiro-o por debaixo do capacete (era fechado) ou pela viseira? Pensei... pensei... pensei... Diminuí a velocidade um pouco e resolvi retirá-lo pela viseira, com a mão esquerda que usava luvas com os dedos cortados.

O chiclete *Diet*, muito macio, grudou logo nos meus dedos secos. Resolvi retornar com o chiclete para o seu lugar de origem e, com o balanço da moto e o vento, ele grudou na parte superior dos lábios logo abaixo do nariz. (e eu só com uma mão no guidon). Resolvi então puxar de uma vez. O chiclete, permaneceu grudado acima dos lábios, esticou aquela linha grossa, colou na parte interna do capacete e na viseira que estava aberta e ainda colado ao meu dedo. Com a bagunça que se formava dentro do capacete, puxei a mão com chiclete de forma rápida e retornei a mão para o guidon para uma ultrapassagem. Estava muito calor e o chiclete muito macio, fez com que o mesmo, após se dividir, permanecesse em meus dedos e grudasse no guidon!! Ou seja: estava com a mão incomodada aderindo-se ao guidon, com parte do chiclete presa nos lábios, ligado à parte interna do capacete e na viseira aberta. Logo que pude retornei a mão para o capacete para puxar a linha de chicletes que existia entre o capacete e a viseira aberta. Fechei rápido a viseira. Mas os dedos, ao tocarem a viseira, deixaram uma parte de chiclete na parte externa da viseira e "soldou" a viseira no capacete pela parte interna. Esta "guerra" durou uns 4 minutos.

Ultrapassei o amigo que estava comigo, pedi para parar e, tentando tirar parte do chiclete que estava em todos os lugares, contei para ele o que havia se passado e ele não parou de rir. Acho que nesta situação, o Mr. BEAN não faria melhor.



/Enviado pelo Morgado, antes do II Salto Sudeste. Eu perdi o que veio antes, mas pelo que me lembro, ele estava colocando as atrações e regras. Também havia uma exposição de veículos antigos e o pessoal estava perguntando se eles deixariam a gente expôr as motos também./

Negociaremos com eles. Apresentaremos o triciclo da Bete e encouraçado negro do Dragão, verdadeira raridades. Caso não seja possível estacionaremos nossas motos na praça, cercaremos com fita e cobraremos o seguinte através de nossa tabela de preços:

FOTOS:

*

Tirar fotos das motos (CADA) - 1,002

*

Tirar a foto da moto do Dragão (cada) - 10,003

*

Tirar a foto da moto ao lado do dono - 2,004

*

Tirar a foto da moto do Dragão com ele do lado - 20,005

*

Tirar foto sentado na moto - 5,006

*

Tirar foto sentado na moto do Dragão - 50,007

*

Tirar foto colocando a mão melada de algodão doce no tanque - 10,008

*

Tirar foto colocando a mão melada de algodão doce no tanque da moto do DRAGÃO - Não tem preço. Só com cartão de crédito e o cliente ainda leva para casa, DI GRÁTIS, uma bolacha no ouvido!!!!



AUTÓGRAFOS:

*

Da Bete - 50,002

*

Do Aloísio - 50,003

*

Do DRAGÃO - 127,60 mas tem que deixar a caneta.

*

De nós, pobres mortais neste mundo de metal - 1,73 (favor dar o dinheiro trocado).

PASSEIOS (cada meia hora):

*

De Cavalo Pangaré - 10,00

*

De charrete comum - 10,00

*

De charrete custom - 15,00

*

De moto - 15,00

*

Na moto do Dragão - 1,18 (a gasolina comum é por conta do cliente)

FOTOS COM COMPONENTES DO MB

*

Com o Maçaranduba - 1 porrete novo

*

Com o Vicente - 1 charuto nacional (O Havana vale 3 voltas ou até o charuto acabar)

*

Com o Aloísio - 1 coca&cola bem gelada

*

Com o Bity - 1 guidon para a Royal Star

*

Com a Bete ao lado do Triciclo - 30,00

Com o Guarda Sol - 50,00

Sorrindo 70,00

Com guarda-chuva, sorrindo e distribuindo charme... Não tem preço. Tem que ser com cartão de crédito também.

Com qualquer outro componente - Cortesia do MB





Para a entrada na exposição,
entraremos todos de uma só vez,
derrubando
tudo com o Maçaranduba na frente.

PRECISAMOS, AINDA, PARA O SALTO:

*

Um membro para ser o apresentador do
desfile.

*

Dois membros para ajudarem ao Juiz
Dragão a apitar a partida.

*

Um membro de cada estado para
disputar o Karaoke (O vencedor ganhará

a mão de obra da troca da cruzeta dianteira de corcel I na Toca do Dragão.)

*

2 membros para acompanharem o Rayol e uma importante missão juvenil.

Obs: No concurso de piadas cada um terá o direito de apresentar 3 piadas. A melhor dará direito a
abrir a votação para o próximo vôo.

É PROIBIDO NO SALTO:

*

Colocar S.Bonder na ignição

*

Colar chicletes no tanque.

*

Acordar os outros (Caso de Suspensão sumária)

*

Esvaziar pneus e dizer que foi o outro

*

Beber todas as cervejas da geladeira

*

Soltar bujões de óleo

*

Esconder capacetes

*

Esconder motocicletas e outros acessórios

*

Andar bêbado na garupa

*

Furtar combustível

*

Brigar com o dono do Hotel (Isso é com o Vicente e o Rolim)

*

Sair para o Salto na segunda-feira.

Assunto encerrado.

A LENDA

Essa aconteceu numa época em que os assuntos estavam se desviando um pouco das motos e o Cachorrão estava inspirado como redator de revista especializada.

E lá vai outra mini-história sobre o que eu considero um dos monstros sagrados do motociclismo mundial: a Kawasaki Z1. Uma das motos que mais me impressionou durante toda a minha vida de motociclista, uma verdadeira obra prima da "natureza", um canhão que se apontado pra direção certa dificilmente errava o alvo.

Neste "textículo" as "impressões ao dirigir" serão minhas e não a de jornalistas (acho que vocês sairão perdendo, mas tá difícil de arranjar uma reportagem sobre a Z1 hoje em dia...).

Bem, vamos começar com um pouco de história: no finalzinho da década de 60, a Honda surpreendeu o mundo com o lançamento da CB 750 K, com o seu motor de 4 cilindros (a moda então eram os bi ou tricilíndricos ingleses, geralmente de 650cc - haviam algumas exceções...) que fazia com que ela chegasse a mais de 200 km/h (mais precisamente 201!!! de acordo com a fábrica...) e trazia pela primeira vez em escala comercial uma grande inovação, freio a disco na roda dianteira. Se não me engano a Triumph Trident (3 cilindros e 750cc) era ligeiramente mais rápida, mas a CB oferecia além de tudo confiabilidade e um design inovador que agradou logo de cara.

Pois bem, alguém precisava fazer alguma coisa, não é?!?!?! Como é que iam deixar a Dona Honda dominar de vez o mercado das grandes cilindradas?!?!?! E foi aí que, em 1972, surgiu a Z1, simplesmente detonando, moendo tudo o que andava sobre duas rodas neste mundão véio de Deus!!!! Ela era LINDA!!!! Comprida pacas, tinha uma silhueta inconfundível com o seu tanque em formato de gota alongada, seu enorme banco (acho que dava pra levar uma família de seis pra passear...) e uma rabeta que era uma novidade pra moto de série.

O motor da Z1, assim como o da Honda CB, era um quatro tempos com comando simples no cabeçote (duas válvulas por cilindro), mas com 903 cc. Era uma verdadeira jóia!!!! Uma usina de força sem igual na época: 82 hp a 8.500 rpm. Tudo bem, hoje existem as SRAD, Blackbird, R1 e outras Hayabusa da vida que ultrapassam os 140 hp, mas naquele tempo, nada chegava perto da Kawa. Era um foguete, apesar dos seus mais de 220 kg, atingindo mais de 210 km/h de final, o que fazia dela a moto de série mais rápida do planeta!

Pois bem, eu tinha um amigo maluco que deixava a Z1 dele na minha mão por períodos de até duas semanas inteiras (cara doido, não?!?!?!?) e foi por aí que eu acabei "conhecendo" essa maravilhosa máquina que eu nunca pude ter. Na época (1973) eu era dono de uma CB 750 K-2 que era o meu xodó (imagine se não....?!?!?), mas ficava de olho comprido na Z1 do Luca.

Enfim, em uma das viagens que fiz com aquela moto, tive a oportunidade de tocá-la em retas inacabáveis, serras com curvas de todo tipo e, pasmem, até estrada de chão (+ ou - 30 km...). Posso lhes garantir que foi uma das coisas memoráveis que fiz na minha vida. Foi na Venezuela e a viagem foi de Caracas a uma praia de nome estranho (Chichiribíchi). Pois bem, cruzamos (outros dois companheiros me acompanharam, o Guilherme com uma CB 750 K e o Gil com uma Norton 750 Comando, belíssima máquina) os primeiros 80 km de autopista rapidamente (lá não tinha polícia rodoviária, então era gás total!!!!).

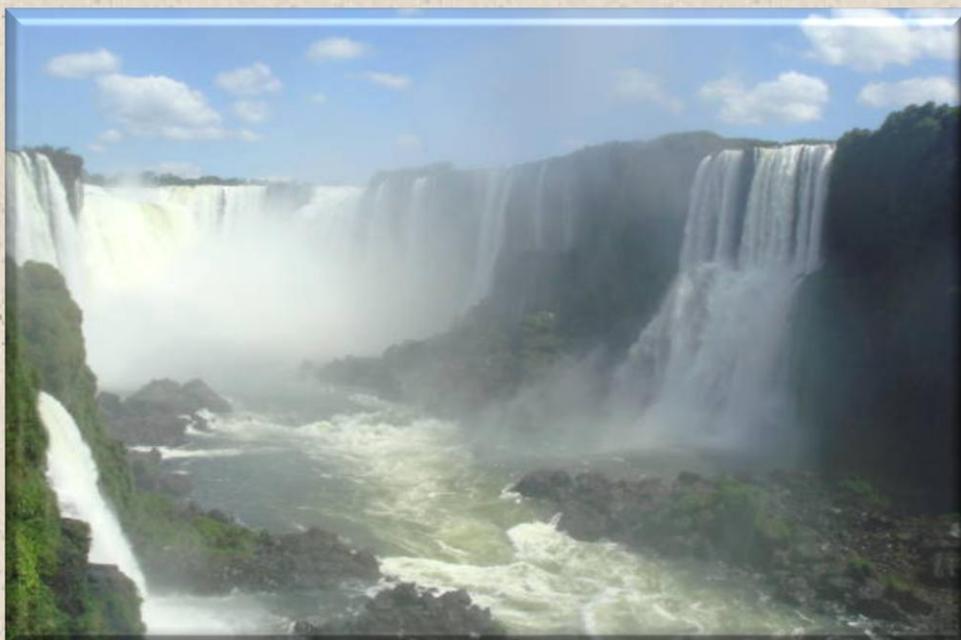
A "Macchina" não mexia nada, nem a 200 km/h no velocímetro!!! Provavelmente em função do seu comprimento ela ganhava grande estabilidade em retas, só sei que os outros dois não quiseram me acompanhar. O duro é que não dava pra agüentar esse pique por muito tempo pois a bichinha não tem carenagem, nem parabrisa e mesmo deitado em cima do tanque é difícil agüentar a ventania por mais de 15 minutos, e olha que a gente era jovem!!! Mas 200 é muita coisa.

Após 180 km paramos pra abastecer ao pé da serra, que beleza! Olhando pra serra, inicialmente o que se via era uma vegetação do tipo floresta tropical, mas dirigindo-se o olhar mais pro alto, se podia notar uma vegetação bem mais rala, até começarem a aflorar as rochas nuas. O troço era alto (não me lembro quanto...)!!! Enfim, comemos umas "arêpas" (espécie de tortilhas de milho recheadas com carne de porco) e tomamos uma bebida cremosa (uma espécie de canjica, mas feita de arroz e sem partes sólidas) que bem gelada era uma delícia.

Todo mundo de "tanques cheios", trocamos aquele olhar que quem já teve ou tem speed conhece muito bem: não deu outra! Ficou combinado que quem chegasse em primeiro no mirante (no topo da serra) teria o seu tanque abastecido pelos outros dois (apesar da gasolina ser praticamente de graça na Venezuela naquela época, o que valia mesmo era o desafio, lógico!). Capacetes e luvas vestidas, saímos em fila indiana e relativamente devagar, eu na frente, a CB em seguida e a Norton fechando. O ritmo foi aumentando até que na primeira curva da serra o Gil, numa manobra arriscada, passou pelo Guilherme e por mim. Acelerei a Z-1 e ela literalmente pulou na saída da curva como se estivesse enfim satisfeita de poder mostrar serviço. Teve início a epopéia!!!

A Z1 fazia as curvas com enorme precisão obedecendo o trajeto pré-escolhido por mim, sem se desviar nem um pouquinho da trajetória, demonstrando um bom projeto de quadro. As pedaleiras encostavam de vez em quando aumentando a quantidade de adrenalina que já estava correndo solta no corpo. Nas saídas de curva, quando eu apertava a bichona cedo demais, ela reclamava e ameaçava me jogar fora, mas quando eu enrolava o cabo na hora certa era uma avalanche de força que fazia com que o garfo ficasse leve nas minhas mãos e me obrigava a segurar firme no guidom pra não sobrar no asfalto! Os olhos só tinham tempo pra focar a estrada e o conta-giros (ela subia muito rapidamente de giro nas marchas mais baixas, tipo 1ª e 2ª). O rugido dela era animal, mesmo com os escapamentos originais.

Obviamente ela era deficiente em freio, pois tinha apenas um disco na frente (e pequeno!!!) e era a tambor atrás, mas como estávamos subindo, me



incomodava pouco (os outros dois também tinham problemas de fading, então a coisa ficava equilibrada). Mas o equilíbrio acabava aí: a Z1 acelerava MUITO mais do que as outras duas, só que as retas eram mínimas e sem freios bons já viram, né. Uma baita dificuldade em um passar o outro. Mas eis que surge a oportunidade: o Gil erra uma marcha na saída de uma curva e logo onde tinha uma retinha de uns 200 m. Estilinguei por ele a mais de 150 e senti aquela sensação sobre a qual estava conversando outro dia com o Dragão: quase não consigo fazer a curva!!! É aquela sensação de que você vai morrer. Isso mesmo, que você não vai conseguir fazer a curva por mais que você deite; é aí que a adrenalina jorra mesmo!!! É um momento de elação indescritível. É uma euforia aguda que te deixa verdadeiramente e basicamente feliz! Acho que na verdade é um estágio de loucura!!! Mas que é bom, é bom demais; por isso vicia.

Mas voltemos ao que interessa. Assim fomos subindo, eu, aos poucos abrindo uns 50 a 60 m do Gil (era difícil abrir, pois as inglesas ainda eram melhores do que as japonesas em matéria de suspensão) e estávamos quase chegando no topo. Na penúltima retinha antes de chegarmos ao mirante eu fui enganado pela sombra de um arbusto (acho que era o único tinha lá!!!): pensando que era um buraco, eu "tirei" a mão e na retomada o Gil me passou, mais uma vez arriscando um



pouco na entrada da curva e chegou primeiro. Quando tiramos os capacetes já no mirante, foi aquela série de gritos, saltos e cumprimentos estilo mãos batendo, típico de quem quase "encheu as calças", mas sobreviveu. Foi realmente de matar!!! E a Z1 tinha azulado os canos de vez.

Além de fazer tudo isso, a Kawa Z1 ainda chamava a atenção que era uma barbaridade, principalmente das

meninhas que soltavam aquele sorriso quando você passava devagarinho nas saídas dos colégios. Sorry ala feminina, mas é a mais pura realidade, maria-gasolina era o que não faltava na minha época de garotão!!!

Ah! Antes que eu me esqueça: a Z1 ganhou edições do Bol D'Or (24 horas de Le Mans, versão moto), Tour de France e 24 horas de Daytona, entre outros. Com o tempo, a Z1 foi substituída pela Z1000. Quem ainda quiser ver algumas Z1 em ação é só prestar atenção em algumas motos do 1º Mad Max: alguns dos bandidões e, se não me engano o "Goose" (companheiro do Max que se queima todo...) usam essa beleza!

Bem pessoal, acabo por aqui senão vão pedir o meu banimento por "mensagens quilométricas"

"Seja esperto; ande certo!"

Fernão
Quatis das Cataratas - Foz/Pr

Este jornal foi enviado pelo Schneider (Niterói/RJ) logo após o I Salto Sudeste, realizado em São Lourenço/MG. Melhores esclarecimentos só com quem esteve lá, hehehehe

Olá pessoal .

Agora é a minha vez de escrever sobre o Salto. Se voce não gosta de besteiro clique em "excluir" . Hei! Peraí!! Me dá ao menos uma chance !!

JORNAL DO SALTO

Noticias políticas: fontes ligadas ao Planalto informam que o Baixim está assinando com a esquerda. Procurado por nossa reportagem, ele não pôde confirmar a notícia pois estava assistindo TV de antena nova.

Noticias policiais: peritos da UNICAMP ainda examinam uma Vulcan que apresentou forte

vazamento de pó de café em São Lourenço/MG. Fontes bem informadas dizem que ha indícios de sabotagem.



* Ainda sob forte abalo emocional, por se dizer caluniado, Schneider nega a acusação de ter sido o causador do tiroteio. Em sua defesa, alega que no momento do fato estava admirando o pijaminha do Pokemon que Aloisio usava. Todavia, procurado por nossa reportagem Aloisio nega esta versão. Afirma que o modelito não era do Pokemon; era do Mickey.

* Encontrados no interior do Amapá alguns motociclistas desaparecidos há quase uma semana. Exaustos, explicaram à equipe de busca e salvamento da FAB que estavam se escondendo do tiroteio em São Lourenço/MG.

* Agentes da 35ª DDBM (Delegacia de Defesa dos Bolsos dos Maridos) desbarataram uma quadrilha chefiada por Manuel e Beth. Enquanto ela induzia a mulherada às compras, ele escondia as sacolas para que os maridos não vissem. Ela foi posta em liberdade condicional, podendo sair, porém PROIBIDA de comprar. Ele ficará INCOMUNICÁVEL até que se entenda com este tal de computador, ó pá!

* A Polícia ainda não tem pistas do triciclo cor de rosa que foi visto em Caxambu. Em toda esquina sua tripulante perguntava: vocês viram uns motociclistas por aí? Como ninguém viu os tais motociclistas, acredita-se que sejam os ETs de Varginha que se mudaram para aquela cidade. A tripulante do triciclo está sendo procurada para prestar esclarecimentos.

* Mistério: Continuam as investigações para se esclarecer a origem dos gritos ouvidos em todo o sul de Minas no último fim de semana. Moradores de São Lourenço, ainda assustados, afirmam que tais gritos vieram lá das bandas do teleférico.

Caderno Infantil: surpresa para a meninada: os sete anões são quase vinte. Em entrevista a nossos repórteres, o chefe deles, um anão típico, de apenas 1 metro e noventa de altura, com suas roupas características (jaqueta de couro, bermudas, sandálias e boné) e sotaque de paulista revelou que uma próxima apresentação só acontecerá se um certo japonês prometer não derrubar de novo sua torta de morangos.

Schneider

Pronto ! agora pode clicar em "excluir"



O Mapa Mundi GPS e o Maestro Grillo

Essa mensagem foi enviada logo após o 1º Vôo MB em Guaratuba quando Dan L-2 e Grillo dividiram o quarto do hotel. O Dan estava com uma cueca desbotada, daí....

Quem trouxe a público esta foi o Grillo. O ilustre Dan L2, dorme com uma cueca onde há um mapa na parte de trás, inclusive com o "X" da questão assinalado. Se realmente isto é para ajudar viajantes perdidos na estrada, aí já não sei...

Troféu Sacanagem: Sancho Pança!

Troféu Peça-rara: Sancho Pança!

Dan L-2 sofreu muito, pois teve que ir de gaiola. Mas que é engraçado ver ele dentro de um carro pondo a cabeça pra fora pra sentir o vento no rosto, é!!!!

O Alec foi com o L-2 de gaiola e também colocava a cabeça pra fora do carro, mas me disse que não era por causa do vento e sim pelo "catalisador" do L-2 que de vez em sempre soltava alguns "gases". ha ha ha ha ha ha!!!



Tudo isso porque o Grillo escreveu assim: "Dan L-2, o mapa mundi estampado em sua cuequinha não ocupava toda extensão desta peça de roupa mas era grande para

dar para ver nele alguns municípios grandes e importantes como Guaratuba!!"

Ao que o Alec respondeu: "Galera, eu não ia contar, mas já que o Lenda começou, então vamos lá! O Grillo tem uma afinidade imensa com a profissão de Maestro, o Gases L-2 (Parece uma fórmula química) pode confirmar. O Grillo regeu a orquestra das motos com gestos variados: dando passagem, diminuindo a velocidade, balançando a cabeça, mas o mais marcante foi o sinal de positivo... com muita garra, não é Grillo?" quem passava de gaiola ao lado do trem ficava com a cara de aquele ser nem um pensar: espantando que não tá segurar no



espanto ao ver gesticulando que maluco. Deviam "será que tá mosquito? Será conseguindo guidão?"

Essa foi o Dragão que mandou contando como foi o almoço para a Pé de Pano e o JC, durante sua passagem por Sampa.

Hoje um pequeno grupo de MBs formado por Semiome e amigo, Falcon, Baixim mão de ferro, Akira, Sandra Eglaer, Dragonete e Deuz encontrou com o casal perna de pau digo, Pé de Pano com a mais famosa dupla sertaneja Pé de Pano e JC Laquê.

Primeiramente logo ao chegar, pudemos notar que tudo que a Eglaer afirmou era mentira, pois não tinha estacionamento e nos aguardava um guardinha com um cacete na mão e um cabeludo falando portunhol. O cabeludo queria me fazer acreditar que eu podia deixar a moto em plena rua sem que ninguém mexe-se nela.....HOHOHOHOHO e o guardinha dava sinais de estresse sempre repetindo aquela palavra característica deles.....NÃO, NÃO, NÃO, NÃO, NÃO, NÃO..... Dessa forma fomos obrigados a descolar um estacionamento pra poder ficar em paz. Ah!!!! Grande sacana essa Beth Penélope Chamosa: tanto eu como Dragonete fomos uniformizados com a camiseta do Jornal do Motociclista e ela nem apareceu. Acho que nossa



companhia não era boa pois agora ela só quer saber do pessoal de Brasília.....

HOHOHOHOHOHO.

Depois de encontrada a Igoul, ficamos na cerveja até a chegada do Baixim mão de ferro. O pior de tudo é que a mão dele não tem mais nada; tá zerinho, zerinho! Nem cicatriz ficou. O único problema é que aquele movimento característico muito utilizado no período da puberdade... bom... deixa pra lá...

Esperamos até às 13:00 hs e fomos ao restaurante. A Eglaer havia reservado uma mesa. E que mesa! Era um quatinho de 1m X 1,5m pra caber 7 pessoas. Bom, resolvi nem falar nada pra não dizer que sou mal educado... HOHOHOHOHO.

De repente, toca o telefone: Falcon. A esposa caiu na real e disse que ele não servia pra nada e aquele dia era o dia dela pois ela é mais pai que ele. Sendo assim, alvará de soltura pro

menino e mais que de repente ele já se vê vestido com o colete engomado dos Corujões e montado na Escarlata. Falcon já pegou o almoço em andamento pois estávamos na salada. Arranjamos um cantinho pra ele pois ele é pequenininho e cabe em qualquer lugar, não atrapalhou em nada. HOHOHOHOHO

Dali há pouco toca o telefone: Semiome e o bat-parceiro. Aí a coisa ficou feia. Começamos a apertar as cadeiras e o Akira começou a querer sentar no meu colo.....xiiiiiiiiiiii!!!!

Papo vai, papo vem, ficamos sabendo de algo inédito que aconteceu noite passada com a Pé de Pano: em plena madrugada, a digníssima sai do quarto e corre pra cozinha pra comer amendoim enquanto o namorado em desespero total descarrega o vidro de laquê pra ver se ainda consegue manter a dignidade. Coisa feia esses catarinenses, apanhando de uma magrinha como ela. QUEÉQUEÉISSOCOMPANHEIRO?

Gente comemos até explodir e rimos até quase morrer. O leitão à pururuca tava demais, a carne de sol então nem se fala. Foi ótimo e farto. Depois, pra não morrer, fomos andar pela feira de artesanato. Foi um dia muito agradável proporcionado pela Eglaer (????) e pela Pé de Pano e Laquê. Às 4 horas seguimos pra casa felizes. Amanhã eles seguem viagem pra Uberaba.

Ate!! Dragão



Parei para ajudar outro motociclista!!!!

É verdade, eu não aprendo mesmo!!!! Mas dessa vez foi legal, um pouco engraçado e serviu até para mostrar como a Policia é "organizada".

Estava de carro, na estrada Piaçaguera, em Cubatão sentido Guarujá, quando vi um policial rodoviário empurrando sua moto, uma GS 500. Achei a situação estranha e resolvi parar. Perguntei ao guarda se ele precisava de ajuda, ele disse que estava com problemas na moto e que o rádio não estava funcionando, ofereci o meu celular para que ele pudesse chamar alguém para ajudá-lo.



Depois disso fiquei conversando com o cara onde ele acabou confessando que havia esquecido de abastecer a moto e como o rádio estava com problemas ele estava empurrando até o posto mais próximo, que ficava a mais ou menos uns 3 Km de onde estávamos. Comecei a rir e disse que se fosse comigo, no mínimo eu teria tomado uma multa.

Ele concordou, pediu desculpas e pediu também para não contar para ninguém. Como vcs são meus amigos, guardem segredo!!!!

Hélder Sales de Almeida

Motors Vivos MC

Data: 09/08/2000 as 11:53 Hs

Este texto foi enviado pelo Lulu Ex-Galinha. É bem legal.

Li o texto abaixo em um site e achei interessante:



Sonhos sem limites

Liberdade /Motocicletas Custom

Fica proibido o uso da palavra liberdade
A qual será suprimida dos dicionários
E do pântano enganoso das bocas.

A partir deste instante
A liberdade será algo vivo e transparente
Como um fogo, um rio..... ou as rodas de uma
maquina custom .
E a sua morada será sempre
No coração de um motociclista .

Decreta-se que nada será obrigado nem proibido.
Tudo será permitido,
Inclusive sentir o vento na face
Rodar pelas estradas sobre as rodas de uma custom
Com uma imensa vontade de descobrir caminhos
alem da rota 66

Fica permitido a qualquer pessoa,
A qualquer hora da vida
O desejo de pilotar uma custom .

Por decreto irrevogável fica estabelecido
O reinado permanente das maquinas custom .
E a alegria será uma bandeira generosa
Para sempre desfraldada na alma de um motociclista .

O KAISER SOTZE

Essa foi enviada em uma época, se não me falha a memória, em que os apelidos estavam sendo dados em larga escala. O Akira não tinha se apresentado direito e o Cachorrão pegou no pé dele e ele resolveu contar a história dele. Pra quem assistiu "Os Suspeitos" é um prato cheio. Acho que foi isso.

Fernão você me pegou.

Confesso tudo,,, Eu sou Kaiser Sotze.

Vou contar minha história... Cheguei nesta terra pelo navio Samurai-Marú, tentei me misturar com as pessoas... aí conheci os suspeitos, eles atuam de formas curiosas uns se agrupam em bandos com nomes de animais e insetos.. outros de tantos acidentes pensam que são anjos... ou estão motorsvivos... Você nunca vai entender como funciona o esquema... Logo que entrei um membro da Família Quati, me deu as boas vindas... era só o começo.. logo após comecei a entrar nas profundezas do tráfico internacional.. Uma manhã o telefone tocou era um piloto da NASA, chamado Grillo... me convidou pra experimentar a velocidade de cruzeiro Mac 3... Era tudo um plano pra me envolver com contrabando de peças de espaçonaves.... No começo não percebi... Numa destas reuniões secretas um tal de Dragão fez contato... disse que o a organização era muito boa e etc.. (mais tarde vim a descobrir que ele não participa de nenhuma das famílias ,pois se acha dono de todas elas... e tem uma rede de informação...que não aparece na organização dentro deste esquema tem um anão , e o esquema começou a ser desmontado quando por engano uma mensagem circulou livremente qdo tinha destino certo...) Fiquei chocado quando notei o envolvimento da Igreja... tem Bispo , coroinha e uma das reuniões se deu em um convento. O esquema começou a ficar mais claro quando me fui pego em uma armadilha e forçado a entrar na Família Coruja que entre outras coisas tem um sofisticado sistema de GPS preso a uma cueca chamada Mapa Mundi, e um contato da organização que se esconde nas Filipinas começou a me passar mensagens sobre componentes de espaçonaves,,,, Por fim em um encontro na Estação Espacial Promenade o esquema se revelou !!!!! Aquele Grillo sabendo que eu trabalhava em uma importadora ... usou meus contatos pra contrabandear peças de aeronaves.... que foram embarcadas nas Filipinas e entregues ao Dragão ! e eu que pensava estar em um lista de discussão me envolvi e agora estou preso e não posso mais sair snif.ah snif...PQ EU ! snif.... snif... um careca.... Snif snif.....PORQUE EU!!!!!! QUE MAL EU FIZ !!!!!!! bua bua bua !!!!!



COMENTÁRIO ATUALIZADO: depois de zuar tanto o Dragão nesta mensagem, o Akira desapareceu, hehehehehe

Autor : Akira

Descrição: 1ª Parte da narrativa das férias de julho de 2000

/*Capítulo I - Tiradentes*/

Em algum lugar do passado, alguns MBs (Falcon, Sávio/Helena, Dragão/Dragonette, Akira) partiram rumo a Tiradentes. Ponto de encontro:

Posto da Trabalhadores, 18:00. "Não espero nem um segundo", alguém disse. Cheguei às 17:30 e o Dragão esperava impacientemente. Às 17:45 aparece o Falcon e o Dragão já bufando: "-Cadê o Sávio??? Vamo embora!!!". E já íamos, quando aparecem dois amigos do Dragão. Festa, abraços, fotos e espera aí. Às 18:45 Sávio chega, isto com todo mundo em cima da moto. Vamos finalmente!



Aí os amigos do Dragão: "-Pô Dragão, vamos bater mais papo!". E o Dragão: "vai na frente" (nem vou fazer piada).

Seguimos ao encontro do Spok no Frango Assado da Dutra e daí a Cruzeiro foi um tiro. Como ia atrás do trem com meu ESPETÁCULO de farol forte e desregulado, ninguém via as Ca%#@das que nós estávamos fazendo; só eu eh eh eh (fiquei

sabendo de um congestionamento monstro na Dutra causado por alguns motoqueiros arruaceiros). Bom, em Cruzeiro jantamos (o destaque foi pra dor de cotovelo do pessoal, pois todos só olhavam meu novo alforge encapado com tecnologia chinesa) e partimos pra São João Del Rey. Estava desesperado pra alcançar o trevo de São Lourenço onde poderia colocar minha moto na S10 do Aloysio (AMO) e ir dormindo o resto do caminho até que no trevo de Albuquerque o Dragão resolve virar a direita. Todos se olham e seguem o capitão. Eu, que sou meio rebelde, ultrapasso audazmente todos e mais audazmente paro a coisa e pergunto:

"-Num era a esquerda em Albuquerque?????" E o Dragão: "-ROARHG! CE É LOKO CHINA-PAU ???? O QUE SE ACHA QUE EU TO FAZENDO AQUI ????? QUÉ ME CONFUNDIR É ?????". Feliz, pois achava que ele conhecia algum caminho secreto, fui pro meu lugar no fim da fila e já ia me conformando de ter que andar de moto mais um tanto. Até que após algumas horas, em uma curva mais acentuada, vimos a mão direita do Cristo Redentor e mais alguns metros a terrível placa: Saída p/ RJ 30 km. Inexplicavelmente todos começaram a encostar e eu me dirigi ao Capitão e inocentemente perguntei: "-Qual foi o problema?". E a resposta: "- *&*\$%^\$^%\$%\$##\$&^%".

Insisti: “-É a moto???” (nunca se sabe o q pode acontecer com essas motos híbridas, meio moto, meio opalão de seis cilindros).
Nova resposta: “-
\$%^&#\$\$%^&#%\$. Aí o Spok me tranquiliza: “-Erramos o caminho”. Eu: “-Ah, só isso? Então vamos voltar!” Lagartixa com azia: “-&^&*^&^&^%&^%\$%#%\$!!!”. Eu: “-Ué, não vamos voltar?? Dragão, seu malandrão! Marcou com o Laierte e não falou nada!”.
Ele:



“-&^&%&^%&#%&^%&^!!!”. A

gritaria só acabou quando o Sávio ponderou:

“-Isso aqui me deu um sono. Já q estamos na frente de um motel por quê não dormimos aqui hoje?”. Após um NÃO!!!! democrático seguimos de volta pra Albuquerque. Eu pensava aonde andariam o Xatara e o Dan L2 nessas horas com seus GPSs. E em cada cidade que vinha, o Sávio perguntava:

“-Vamos dor...”. “-NÃO!!!!!!”, até que faltando 70 km ele não mais pergunta e fala: “-Gente, eu vou dormir aqui com a Helena. Alguém mais?”. Após algumas tentativas de convencer o Sávio de seguir junto RUMAMOS para o último trecho.

No caminho alguma cidades tinham umas lombadas animais em que a moto do Spok teimava em bater (será que o freezer que ele carrega no alforje tem algo a ver com isso?). Tudo ia bem quando, faltando 40km, percebemos que não ia ter gasolina pra chegar. Na beira da estrada, todos parados na entrada de uma cidade com menos de 30 habitantes se perguntavam se teria hotel ou posto aberto àquela hora (2:00 am), quando o Spok surpreende a todos: “-Spokette está sentindo cheiro de gasolina naquela direção!”.

Avançamos confiantes no olfato da Spokette até que achamos o posto no meio do nada e com uma viatura de polícia de guarda. Descemos das motos, a temperatura próxima de zero, e os policiais, além do frio, tremiam de medo pois não sabiam se éramos fantasmas (o gelo deixou alguns pálidos), ladrões ou loucos; na dúvida pegaram a viatura e deixaram o posto à nossa mercê. Qual não foi a nossa surpresa quando a Spokette, do nada, pergunta: “-Moço, o senhor poderia nos dar um pouquinho do seu conhaque Presidente que está aberto na metade e está dentro daquele armário naquela casinha?” (?!?!?!). Surpreso com a paranormalidade da Spokette, ele não pôde dizer não e invadimos a casinha do frentista. A Spokette arrombou o armário e tomou no gargalo quase todo o conhaque sobrando dois copos pra dividirmos. Ninguém se atreveu a perguntar como ela havia feito aquilo, mas pra surpresa de todos ela comenta com o frentista:

“-Moço, eu senti o cheiro desse conhaque a 10 kms daqui!”. Todo mundo queria dormir ali mesmo, apenas o Falcon queria ir pro evento logo que chegássemos. De tanto bater no pequeno Corujão nos sentimos aquecidos e revigorados pra seguir a viagem.

No último trecho o Dragão parou. Desci rapidamente e perguntei: -“AH NÃO!!!! ERROU DE NOVO?????” . “-*&@&*^^@^%&^%!! Foi o Alarme que congelou e apagou a moto.” Antes de montarmos nas motos eu ouvi o Dragão pensar alto: "Ainda bem que acreditaram e que estamos no caminho certo.

Detalhe: depois da parada em Albuquerque o Spok prendeu o mapa na bolsa de tanque e ia pintando o caminho com lumicolor e o Dragão pôde ver claramente que nos guiava pelo caminho certo. O resto do caminho foi tranquilo até a chegada do motel em que ficaríamos. Tirando o fato de que em alguns trechos, talvez pela ação do vento, as motos chegassem perto de 150 km/h. Na chegada o comentário: “-URRA MEU, ESSE TRECHO VIEMOS NUM PAU !!!!!”. Eu, surpreso: “- O quê? Estávamos correndo?

Aonde????”. Me trancaram no quarto e só pude sair de manhã.

Na manhã seguinte acordamos, tomamos o café da manhã juntos e na hora de dar um passeio só escuto um grito vulcano: “-P#@#3!!!!” e o Dragão:

“-Akira, F%#*eu! Desce da moto!” Eu, muito assustado, pulo da moto: “-O que foi? Putz! Foram as lombadas né ?” Uma mancha debaixo da Vulcan e o Spok deitado debaixo da moto. “- Põe na língua e vê se é óleo!”

“-Ähm,... tem gosto de... Filho da P^%\$@!!!! Quem pois café aqui????”.

Que bicho grillo mais estressado meu! Com a chegada do Sávio descobrimos que o motel em que eles ficaram não tinha canal erótico, mas em compensação se ouvia tudo o q se passava nos outros quartos. Tanto que se não fosse o fato da cama ser redonda e o Sávio ficar correndo em volta dela atrás da Helena (que estava em cima....) já estaríamos aguardando uns Saviozinhos. Após um passeio pela cidade de São João Del Rey e muitas fotos, nos encontramos com o grupo liderado pelos MBs -MVs e Lenda/Miragem e passamos a tarde no evento. No meio da festa vez por outra tínhamos que manobrar as motos pra um ou outro sair. Em uma dessas o Falcon monta na Guerreira pra liberar uma vaga, daí o Sávio segura no bagageiro e levanta a moto: IEMMMMM, fez barulho de ferro retorcido. Nem preciso dizer que o Falcon ficou uma pistola. Mas o mais engraçado é que o Sávio deve ter gostado da brincadeira, pois após eu retornar de férias, lá no Pacaembú, se eu não chego a tempo ele ia fazer a mesma coisa com a moto do Lenda. Eu quero ver ele fazer isso com a moto do

Dragão eh eh eh. E falando nele, conversávamos sobre como as Harleys mais antigas conseguiam encarar aquele caminho todo esburacado. Dragão:

“-Meu, você acredita em papai noel ??? Esses caras vem de camionete e a 10 kms do evento eles vem pilotando.” Eu: “-O meu, você é um canalha mesmo, heim?” Nisso demos de cara com o carrô da ROUTE com a Harley do PAK em cima.



Bom, ficamos de voltar pro hotel, tomar banho, dormir um pouco e voltar pro evento. Assim que entro no chuveiro toca o interfone:

“-Akira, é a Dragonette (ofegante) - o Sávio sofreu um acidente.” No fundo ouço o Dragão esbravejando não sei por quê. Me vesti mais rápido que amante em fuga, enquanto falava com ela. “-Ele esta bem?” “-A Helena está no hospital. Do Sávio e do Villani não se tem notícias.” (Essa frase me fez pensar o pior...). Após revirar a cidade encontramos o Sávio no hospital e fomos ao local do acidente ver a parte burocrática.

Quando chegamos o Dragão começou a peitar o policial que imediatamente pediu auxílio: “-central 240, tem um 13 me atacando!”. Resolvido o problema, a família que ajudou a Helena no hospital POR EDUCAÇÃO convidou os MBs pra um cafezinho. Eu havia ido com o Falcon comprar os remédios da Helena, que saíram de graça pois o farmacêutico viu meu nome no colete e descobriu que nos conhecíamos de uma lista de discussão.

Quando voltamos parecia uma festa; MBs e um monte de parentes do gentil casal reunidos em um banquete que só acabou quando eu comecei a comer açúcar puro e lamber os pires que ficaram na mesa. Na hora de ir embora o Spok pega o capacete e as meninas se entusiasmam: “-OLHA! OLHA o capacete da Angélica !!!!”. E vamos pras motos. “-OLHA! OLHA a moto da Angélica!” (Pra quem não conhece o Spok, ele adotou como logo dele o <A> do Angel Mix e pôs no capacete, na moto, na cueca).

Tudo resolvido, fomos para o hotel e depois pro evento onde nos encontramos com Brutus e esposa e celebramos com muito (pouco) vinho.

Fomos procurar um lugar pra jantar, entramos em vários lugares e nada.

Justamente quando comentávamos que sempre que eu e Dragão estamos juntos acontece alguma caca e a Dragonette pega no pé (que é de couro), uma mesa com oito mulheres começou a mexer com o Dragão que me deu uma cotovelada e eu apontei pra Dragonette que parecia o sensor da Super-Máquina vum, vum, vum, vum. Resultado: “-HUA HUA HUA HUA!

F####!!!” Como não achamos nada, os casados foram pra S.João del Rey e eu fui comer um lanche com o Ranieri quase sem voz. Na manhã seguinte todo mundo foi embora logo cedo, restando apenas eu e Spok e Spokette.

Logo pela manhã, no café, sou surpreendido por revelações bombásticas. A Spokette é fã de ficção científica. Ela quer acreditar que o Spok é machão, mas a verdade está lá fora. Essa foi a mais light, o resto fica guardado. Mas é fácil: é só dar Catuaba pra Spokette que ela entrega tudo, eh eh he.

Fomos para o evento e almoçamos comida mineira. Na espera a Spokette me pergunta: “-Akira, vamos tomar uma caipirinha?” Eu topei e disse: “-Pede que vou lavar as mãos.” Quando volto ela diz que está uma delícia, mas quando vou pegar ela quase me flamba: “-ESSA É MINHA!!!!” (aquela e as outras seis que ela tomou). À noite foi mais light: sopa, vinho e show de Blues à luz de velas e lareira.

Na manhã seguinte corremos atrás das coisas do Sávio e fomos embora. Eu pra Passos e eles pra Campinas. Rodamos juntos umas 2 horas e depois, na hora da despedida, aceitei o convite dele para ir até Montevideo com ele e os amigos dele no fim de julho.

COMENTÁRIO ATUALIZADO: mensagem postada sei lá por quem, quando do retorno do Vôo do João de Barro

Já que ninguém se habilita a colocar as fotos, lá vão as reportagens assim mesmo:

Drakillo MC Perde Dois Integrantes Para o Laço do Roy Rogers:

O MC Drakillo passa a se chamar Akillo após o Roy Rogers Caminhoneiro ter laçado, de uma só vez, Dragão e Dragonette. O fato se deu na sala de café do Hotel Santa Fé. Na realidade foi uma brincadeira feita com o Dragão e com a cumplicidade da Dragonette. Valeu só pela cara da Lagartixa com Asia dizendo: “quê isso mulher? Pára com isso mulher!” Mas há quem diga que mais trinta segundos com o escudo do Croujões no peito o Dragão se entregava. Eu, hein?! Sai do meu colo mano!

Capitão de Estrada dos Corujões Faz Besteira e Todo Mundo É Multado



Dan L-2 resolveu fazer uma ultrapassagem em faixa contínua. Só que a faixa era contínua pq tinha um posto da Pol. Rod. na frente. Dan, Duende e Jake devidamente canetados pelo “seu gualda”. O Dragão só escapou pq o motor do opalão não dá conta de acompanhar nem mobylette, quem dirá motos de verdade.hohohohoho!!!

Doida Varrida Local Confunde Lenda com Amante

A doida que o irmão do Emerson Jacaré Presidente Pandorgão III descolou pra dar uma voltinha de moto (história já contada pelo irmão do criminoso), ao voltar e entrar na lanchonete procurando o Irmão Jacaré viu o Lenda (que estava com sua esposa Miragem, aquela da Kasinski) e achou que era seu amante de cinco minutos (tempo de duração da volta de moto). A doida só se esqueceu que aquilo não era homem, era Lenda.

Cuidado Mister M! Tiazinha e Dona Xepa Transformam Garrafa em Microfone e Ouvido de Duende em Penico!

No restaurante que a parte menos ecológica (aqueles que não foram ao passeio no Canyon) da turma foi almoçar, após nos empanturrarmos, a Tiazinha e a Dona Xepa (Pexa) resolveram que as (muitas) garrafas vazias eram microfones e desandaram a desenterrar “clássicos do blues” como

Travessia, A Pulga e o Percevejo, e muitas outras do cancionero nacional (Leandro e Leonardo, Vanderléia, Roberto Carlos e por aí vai), bem ao lado de um Duende que saiu reclamando: “vou voltar pra debaixo do meu cogumelo que meu ouvido não é penico”.

Descoberto Primeiro Cachorrão Que Não Gosta de Carne Nem de mesa de Fórmica

No mesmo restaurante, um certo Cachorrão Latifundiário só fazia reclamar. Só pq o restaurante era um espetáculo com suas mesas e cadeiras de fórmica e pq alguns seres benfeitores lhe ofertaram um ossinho (mais parecia um osso de brontosauo).

Dragonete Esquecida na Calçada do Hotel

Só pra variar, o Maçarico da Barra Funda esqueceu a pobrezinha da Dragonette. Algum tempo depois: “Uh! Uh!! Esqueci meu! Olha a canalhice, meu!” Após algum fato que este repórter não viu a dedicada esposa foi expulsa da garupa. Mas eis que um Bebezão chega em seu socorro,

montando uma espetacular coisa que ainda ninguém sabe se é moto, nave espacial, ou coisa que o valha (dizem que é uma BMW, mas...) e vem em seu socorro. A Lagartixa com Azia fica no hotel e muuuuuito tempo depois chega a compreensiva companheira fogarenta falando maravilhas da coisa em que ela andou, que parecia uma suíte, que tem som, que isso e aquilo. Resultado: “Urra meu! É da Officer? Cês aceitam opalão seis cilindro na troca? E tem alarme pra quando esquecer a esposa? Tem? Ah! Esqueci! É Officer! Quanto de volta? Cê tá lôco, meu!!!!”



É isso aí. Os fatos aqui apresentados não foram nem um pouquinho, mas nada mesmo, exagerados, hehehehe

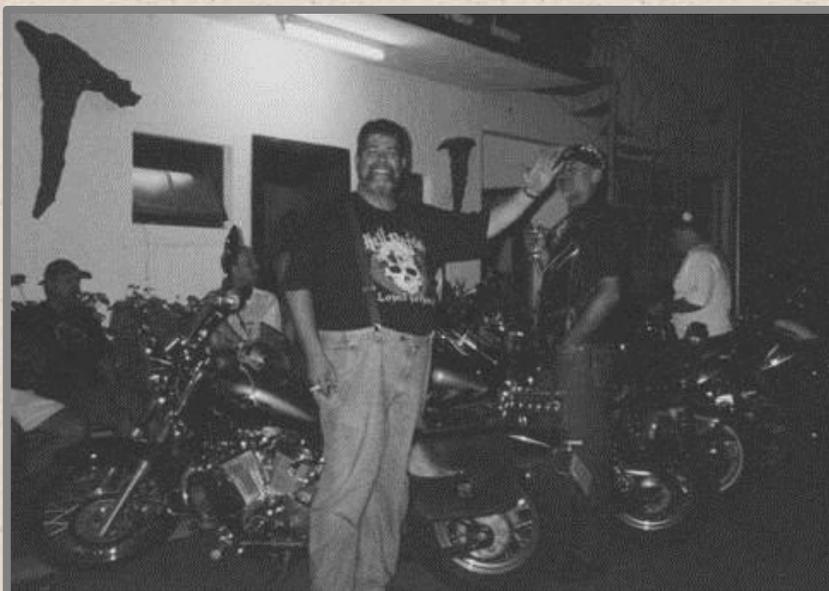
Abraço a todos. Saudades e vamos fazer um vôo a cada três meses?

Dan L-2

Corujões MC

Esta foi uma passagem do Anderson Irreal (Gramado MC/RS) em Foz do Iguaçu/PR quando comprou a moto do Kako.

Oi gente, São 08h15min e o dia está absolutamente lindo, sem uma nuvem no céu... isso quer dizer que o calor vai ser infernal a partir das 11h00min!!! Ontem chegamos aos 35º C e o Irreal começou a virar pipoca. Também, acostumado com aquele ar "fresco" das montanhas gaúchas, pudera... A passagem do Irreal por Foz foi marcada por muita brincadeira e sacanagem, como não poderia deixar de ser. Agora, o almoço de ontem foi simplesmente formidável!!! Rimos como crianças e nos divertimos uma barabairidade, tchê!!! A vítima da hora foi o Kako que, no entanto agüentou estoicamente o rojão. Obviamente a conversa girou em torno de motos e dos defeitos da moto do Kako, com gente dizendo que a Blackbird tinha levado uma pancada tão forte no cárter que até as velas foram afetadas!!! Porém o mais engraçado foi quando contamos o que havia acontecido quando fomos buscar a XX na casa do Kako. foi um verdadeiro esparramo!!! A coisa foi mais ou menos assim: ao chegarmos na casa do Kako, ele havia saído (como previsto) para visitar, como Diretor Geral Brasileiro da Itaipu, uma das obras da sua área. Falamos então com a empregada que, atenciosa, entregou as chaves da moto. Ao se sentar na sua nova máquina, o Irreal repara que o ponteiro do mostrador de gasolina está "lá embaixo". Ele imagina que deve estar "preso" e dá umas batidinhas no mostrador com o dedo. Ó vã esperança... o bichão continua grudado no "empty" e certamente não era pela força da gravidade... Começamos então a contemplar a possibilidade de não conseguirmos chegar até o posto mais próximo (o Alexandre "Druída" estava conosco neste momento...), quando inesperadamente a empregada comenta:



-Se vocês estão falando da gasolina da moto, o Doutor Kako tirou ela todinha ontem e pôs numa lata que está lá no fundo da casa. Se vocês estão precisando eu posso ir buscar...

Ficou todo mundo de boca aberta com essa!!! Foi quando o Anderson Irreal reparou que os pneus estavam murchos. Nos entreolhamos incrédulos: o Kako havia tirado até o ar dos pneus prá vender a moto!!! Incrível!!! Já no restaurante, comentamos o fato e foi aquela gargalhada geral. Acontece que o pessoal não viu quando o Kako discretamente se levantou e foi fazer uma ligação telefônica; ele despediu a empregada por telefone!!! A coitada nem soube o que lhe aconteceu, foi um lance "relâmpago". Que coisa não?!?!?! Bem, tem ainda muita coisa prá contar (a nossa noitada foi até as 3 da manhã, com a presença do Bebezão, PH, Oda e Cia.), mas conseguimos manter a tradição de não deixar o visitante por a mão no bolso (não sei por que, mas isso me traz à lembrança a figura do Harry...???). Inclusive, o Irreal ainda acabou levando "algum" prá casa, pois ele tentou se antecipar e pagou a conta do jantar com cartão de crédito e nós lhe demos a grana

"cash" (mais do que o valor da conta!!! Não me perguntem, não sei como foi acontecer...). Aí Harry! Olha só a chance que estou te dando! É a tua grande oportunidade!!!

Esta manhã, às 7hs10 o nosso grande amigo Irreal saiu lá de casa montado (no bom sentido!) na sua nova namorada. Estava bonito de se ver: ele saiu carregado com 52 pentes de memória, 6 HD's, dois gabinetes, oito teclados, 5 caixas de "camisinhas musicais" (de 60 unidades cada), 2 varas de pesca, um jogo de louça inglesa, 2 pneus de Kombi (???) e uma boneca prá filha. Me disse ele que são encomendas do Harry... vai saber... É sempre triste a gente se despedir de um amigo, mesmo sabendo que vamos nos encontrar em breve, mas a alegria da convivência é sempre infinitamente maior!!! Foi muito legal ter o Irreal por aqui e tenho certeza de que ele fará uma ótima viagem de volta. Que Deus e Nossa Senhora do Destêrro o acompanhem. "Facilite a vida do seu anjo da guarda: use o retrovisor!" Abraços, Fernão Quatis das Cataratas - Foz/Pr



COMENTÁRIO ATUALIZADO: esse texto anda pela internet como se fosse de diversos autores. Não é. É do LÁquilla!

PEQUENO GLOSSÁRIO MOTOCICLÍSTICO

/Certa vez, alguém sugeriu que definíssemos alguns termos empregados no cotidiano motociclístico. Uma espécie de pesquisa/concurso em que o prêmio seria um pirulito ou algo assim. Abaixo as definições campeãs, assinadas pelo Dr. Bella Lugosi, também conhecido por Áquilla, ou LuW, ou, vulgarmente, Luciano Werner./

Motoqueiro: indivíduo bípede que anda sobre uma máquina que também tem dois pontos de



contato com o solo. Notem que qualquer ser que consegue equilibrar-se sobre os quartos traseiros pode ser um motoqueiro (com o preço que está uma CG 84 a álcool, qualquer um pode). Quando este indivíduo comprou seu veículo de duas rodas acreditava que qualquer coisa sobre o asfalto com mais de duas rodas é um obstáculo a ser vencido (tem certeza que se tivesse comprado aquela DT 180 85 daria para pular por cima). Atualmente, depois de três multas por andar sem capacete, várias mijadas por estar de chinelo e sua foto (ou melhor, a da traseira da moto com ele cobrindo a placa com a mão enquanto ele "faz bundão" pro pardal) espalhada por todas as repartições do Detran, ele É o dono da rua. Sua próxima aquisição será aquele ferrinho de pôr na rabeta para poder empinar sem estourar a lanterna traseira. Aí sim, vai ser animal passar nos pardais.

Motociclista: ser humano sobre uma máquina de duas rodas. Se considera a casta nobre dos condutores de veículos motorizados, pois só anda de capacete, não grita "Volta pra cozinha!!!!" quando uma mulher

inadvertidamente lhe fecha no trânsito e nunca joga papel de bala no chão. Não consegue ficar 15 minutos sem pensar na sua possante e acha que não existe coisa melhor no mundo do que andar de moto. Se sua mulher deixasse, guardava a moto na sala de

jantar. Mas como não há substituto para sexo, guarda a moto debaixo de uma lona na garagem mesmo (mas só cobre depois do motor esfriar, nem que tenha que ir até a garagem as 3:00 horas da manhã mais fria do inverno para cobri-la).

Biker: ser totalmente /sui generis/. Também se considera de uma casta nobre, mas de um filo absolutamente diferente dos demais. Começou aos 10 anos com uma Caloi Super, de quadro de ferro e 10 marchas (era o moleque mais rápido do quarteirão no Polícia e Ladrão sobre bicicletas). Quando cresceu e virou gente, a 1ª moto que comprou foi uma CB 400, que passava horas lavando e encerando. Divertiu-se muito com esta CB ("Meu, tu não acredita em quanto minuto fiz do rampo pra casa, e isso ao meio-dia"). Aí ganhou mais dinheiro, teve dois filhos, trocou a Parati rebaixada com vidro fumê por um Santana de 4 portas e comprou uma japonesa. Mais de 130 cavalos, sem contar o condutor, e velocidade final de 270 km/h (mas com o Sarachú que ele vai colocar vai passar dos 285 frouxo). Sua diversão é subir até o topo da serra e descer de novo, das 8:00 às 11:30 de todo sábado de sol, fazendo todas as curvas na horizontal. Sempre se veste com uma jaqueta que se liga por zíper à calça, das cores mais psicodélicas possíveis e que geralmente custam um valor de 4 dígitos. Quando chega em casa pro almoço depois do exercício de sábado, a 1ª coisa que faz é tirar o uniforme de guerreiro-do-futuro-pós-apocalíptico e em seguida atacar a geladeira atrás de líquidos, pois quase desidrata de tanto suar dentro do uniforme. Depois de beber dois litros de água, suco, chá, cerveja, etc. beija a mulher (como sempre ela manda ele tomar banho porque está fedendo chulé) e vai vistoriar os novos riscos nas pedaleiras que fez naquela curvas animais da serra. E pensa consigo mesmo "Até sábado que vem ponho o Sarachu, aí sim vai dar pra aproveitar toda a potência da moto".

Superbiker: Ser sobre duas rodas bastante curioso. Sua filosofia de vida é chegar lá. Não importa onde, desde que seja rápido. E antes dos colegas com aquelas velharias de 2000. Seu modo de trajar é bastante semelhante ao do biker, mas diferem por sempre usarem capacetes de fibra de carbono com kevlar trançado e viseira anti-embaçante e a prova de impactos que pesa somente 127 g. Têm um jeito peculiar de andar sobre os pés, pois sempre inclinam a cabeça para frente para melhorar a penetração aerodinâmica. Não são muito vistos sobre as motos, pois quando você vai olhar eles já passaram. Detestam andar devagar, pois o pressurized-air-charged-direct-double induction-system (PACDDIS) só começa a funcionar a partir dos 195 km/h (se bem que a nível do mar já entra nos 185 km/h). Além do mais, andar a menos de 200 km/h é coisa de frouxo. São facilmente reconhecíveis nas boates dos encontros, pois sempre são os primeiros a chegar e quando se pergunta a um deles se o túnel na BR ainda estava em reformas eles respondem: "Reformas? Não vi máquina nenhuma...". Outra característica marcante é seu ódio descomunal a insetos. Isto porque dói pra cacete levar uma besourada no pescoço a 298 km/h.

Coxinha: na verdade, esta definição serve para todas as tribos. É aquele ser que tem um veículo de duas rodas dentro da sala de TV. Acha que o importante é ficar babando em cima da moto, andar com ela só nos fins de semana de sol e quando emenda um feriadão e não vai viajar com a patroa e os 3 filhos. Seu maior prazer é sair de carro com os amigos e falar de motos. Quando sai para dar umas voltas (depois de entrar no site do Inmet para ver se corria risco de tomar chuva naquele sábado de céu azul), não pára em sinaleiro sem ficar acelerando o motor. Geralmente sai no gás para frear em cima do carro em frente a 30 metros. Sua política é que moto é a melhor coisa do mundo, mas em viagem de mais de 30 km é melhor ir de carro por ser mais seguro, ter rádio toca-fita com magazine de 12 CDs no porta-malas, etc. Além do mais, não sei não, mas parece que vai chover semana que vem, por isso não sei se vai dar pra ir junto com vocês...

Tiro Curto: denominação dada a um ser vivente sobre duas rodas que vai a qualquer encontro, em qualquer lugar, pagando ou não, com qualquer tempo, mas raramente chega lá no dia programado. Sempre fica no meio do caminho para arrumar um probleminha na moto que só depende de se conseguir uma pecinha na cidade vizinha. A sua moto é o arquétipo da moto ideal, mecanicamente perfeita, e aqueles barulhinhos irregulares são charme. A bomba de óleo que estourou ontem, o fluido de freio vazando na semana passada e a torneira de combustível entupida do último encontro (30 dias antes) são coisas da vida que acontecem com qualquer um. Geralmente é o 1º a apoiar a idéia do MC comprar uma carretinha pro carro de apoio ("Lembra daquela vez que o Ciclano teve de dormir naquele motel pulgueiro? Ainda bem que não fui porque minha moto estava na revisão, mas se a gente tivesse a carreta vocês poderiam ter colocado aquela porcaria da moto dele em cima"). Facilmente reconhecido, pois conhece os nomes de todo mundo na sua revendedora, do mecânico-chefe ao gerente, ao cara de CG que faz entregas. Quando consegue chegar de volta de um encontro sobre a moto (e não dentro do carro de apoio) fala pra todo mundo que este foi um dos melhores encontros que aquela cidadezinha já fez. Muito melhor que o do ano passado, pois de tanta chuva (na verdade era uma garoa forte) molhou as velas e teve de dormir num hotel na entrada da cidade que lhe cobrou uma nota preta. A organização deste ano não deixou ninguém nos explorar. Aquela mancha de óleo ali? Isso é óleo que jogaram embaixo só para me sacanear. Esta moto não dá oficina.

CGzeiro: começou com uma Turuna 80 (aliás, impecável) do tio dele e agora esta já na sua 3ª Today. Seu sonho de consumo era uma Titan ES, mas agora com a YBR, não sei...se a troca de óleo for mais barata posso até pensar. Entre seus amigos é muito querido, pois além de fazer zerinhos perfeitos ("aquela vez que a



moto escapou e acertou um Palio 16v estacionado do outro lado da rua foi porque a rua ali na frente do colégio tem muita pedrinha solta por causa dos ônibus que passam de monte") faz a melhor antena corta-cerol do bairro. Pensa um dia escrever para a Duas Rodas e perguntar se não querem fazer um teste com seu corta-cerol. Numa dessas pode até começar a faturar uns trocados com os pedidos...

Estradeiro: é uma espécie de nômade, que ainda não conseguiu criar raízes em lugar algum. Na dúvida, ele pega a estrada, não importa pra onde, desde que seja longe. Também não se importa em quanto tempo vai levar ou se tem alguma coisa lá, o importante é ir. Uma de suas características é transformar a moto num motorhome, com malas, alforjes, bagageiros, mochilas e pochetes por tudo, sempre com um 2º capacete em cima da pilha mais alta. Ó único ser sobre duas rodas que acha que talvez não seja totalmente verídica a estória que todo caminhoneiro tem a mãe na zona. Afinal, naquela viagem do mês passado ao Aconcágua que fez saindo pela Transamazônica, foi um caminhoneiro que lhe deu carona de volta a Manaus quando o pneu traseiro rasgou. Também não gosta de insetos, porque deixam aquela mancha verde na viseira. Sempre que se encontrar um estradeiro e ele disser já volto, desconfie, pois pode resolver que faz tempo que não vai às Missões e só voltar dali a um mês. Se pudesse, trocaria o irmão mais novo para ir de moto à Daytona. Saindo da Terra do Fogo, é claro.

Motoclube: uma reunião formal, legalizada e com estatuto de seres sobre duas rodas. Normalmente, é composto por apenas um tipo de ser, e todos são identificados por uma jaqueta ou colete de preferência bem surrados com uma figura nas costas e escrito embaixo "Pelo asfalto, minha vida" ou qualquer outro dizer imperioso assim. Quanto mais coisas e penduricalhos conseguir colar, costurar ou amarrar no colete ou jaqueta, melhor. Seus integrantes, nos encontros, só se misturam com integrantes de outros MC de seres da mesma espécie, e sua principal diversão é falar mal dos encontros pagos e das outras espécies. Alguns até tem sede própria, onde fazem as reuniões para decidir que encontro pagos vão boicotar ou qual membro vai ser punido por não usar o broche do grupo no último encontro que foram. A maior preocupação de seus integrantes é confeccionar adesivos, para poderem trocar com os outros MC e aí colar no painel da sede. Os que têm melhores condições financeiras mandam pintar o carro de apoio, a carretinha e a sede inteira com as cores do grupo, e com uma baita brasão na parede (no carro de apoio colocam aqueles adesivos magnéticos com o emblema do MC nas portas). Para se relacionar bem com estes seres, é necessário certo conhecimento de zoologia para se poder saber qual o bicho é o animal que adotaram como símbolo (além dos seus hábitos, se é carnívoro, onde se encontra, etc).

MotoBr@sil: local onde se vem escrever besteiras a um monte de seres sobre duas rodas ao invés de se estar fazendo algo mais útil. Além do mais, acho que estes seres sobre duas rodas daqui a pouco vão me banir da lista por escrever tanta bobagem. Além do mais, não queriam que escrevesse alguma coisa de cunho filosófico do tipo "A minha pátria é o MotoBr@sil" ou "Esta Fraternidade é minha família" ou "Meu brasão uso do lado esquerdo do peito" depois de tanta sandice, né? Além do mais, abraços.

"Se for de moto, o destino não importa."

Luciano U. Werner

A VIAGEM A PALMAS

Este texto foi enviado pelo Jake quando ele e Akira resolveram ir ao encontro de Palmas/TO. Na volta, resolveram "cortar caminho" por Porto Seguro/BA. Tendo como referência Campinas, dêem uma olhada no mapa e vejam como eles realmente queriam andar menos.

Atendendo a pedidos, aqui vai um resumo da viagem que Akira e eu fizemos para o Encontro de Palmas, ocorrido entre 7-9 de Julho. Na volta, cortamos caminho por Porto Seguro...

Saí de Campinas, na segunda feira, 3 de julho, em direção ao Norte, pela Anhanguera, para alcançar, 300 e poucos km depois, a cidade de Passos, em Minas Gerais, onde me encontrei com



Akira, que vinha de Tiradentes/MG. Lá, no porto da represa, junto com o Bispo, tomamos umas 77 cervejas. Um deslumbre de lugar, cerveja deslumbrantemente geladas, e os peixes nos deixaram deslumbrados.

No dia seguinte, seguimos viagem em linha curva, para apanharmos Araxá, no trajeto torto, e andamos 100 km de Rifaina até lá pela Serra da Canastra. A beleza era tanta, tamanha, excessivamente tamanha, que eu não me continha e

gritava dentro do capacete, urrando de prazer a 60 km/h, fazendo parte da maravilha que, se não foi criada por algum deus, algum deus há de ser por ela criado.

Cruzamos, no mesmo dia, as Minas Gerais até Araguari, que cruzamos sem parar, até Goiânia. Entre Araxá e Uberlândia, uma surpresa, suprema: uma estrada no altiplano, sem curvas, chata, extremamente chata, e deserta, sem paisagens, sem postos nem tráfego, que nos obrigou a andar lentamente para agüentar até Uberlândia e o próximo abastecimento (a autonomia da moto do parceiro é 160 km). De dar sono... um desespero!

Mas, na divisa de Minas com Goiás, lá de cima, o vislumbre do vale do Paranaíba enlouquecia. O sol brilhava e rebrilhava nas águas que se agitavam apenas para conseguir aquele efeito chapante. E nós, entre curvas e a mudança da paisagem, geografia viva diante das viseiras, mergulhamos nela até nos integrarmos, insetos miúdos na grandiosidade.

Cruzando a divisa, fomos recepcionados pelo cerrado cada vez mais presente, substituindo a vegetação mais verde e exuberante que recobre os solos paulista e mineiro.

A noite nos apanhou a 100 km de Goiânia, que revia depois de 10 dias, mas não chegou a incomodar.

O dia seguinte foi gasto com a moto do parceiro na revisão e dezenas de telefonemas meus a motociclistas de Goiânia, pois estava fazendo uma matéria sobre o evento daquela cidade (22-25/06) e havia muitos pontos a checar. E um ligeiro passear pelas ruas da cidade... 4 horas a pé por avenidas, praças e lugares...

Na quinta-feira, partimos para Palmas. O objetivo era chegar tão próximo quanto possível. A estrada era desconhecida. Ali começava, de verdade a nossa viagem. De ida, porque a volta não sabíamos ainda que trajeto encetar. De Goiânia a Anápolis, um pulo. Depois, o desconhecido.

A BR não está muito bem conservada. Sobram irregularidades no asfalto, a moto pula e resmunga, mas dá pra avançar a uns 100 km/h sem sobressaltos.

A paisagem já é cerrado, com algumas elvações a que não se pode chamar de montanhas ou serras. O destino mais provável era Porangatu, última cidade goiana.

A cerca de 30 km da divisa, a placa oficial avisava acerca da existência de buracos nos 19 km seguintes. O Guia não registrava isso. O Estado achou mais barato advertir do que corrigir. E lá fomos nós, ziguezagueando entre buracos, em meio a caminhões que faziam perigosamente o mesmo...

A entrada em Tocantins reconciliou-nos com o pavimento. A paisagem ainda era cerrado... mas algum coisa começava a mudar. Ainda muito que timidamente, mas aqui ou ali surgia um tufo de árvores maiores em meio à invernada, ou, próximo da estrada, um bosquezinho em que sobejavam alguns cipós e flores mais coloridas...

Seguimos passando por entre cidades arrancadas do chão, pequenas e bem cuidadas, pobres e limpas. Até Gurupi, que nos surpreendeu pela pujança e pela qualidade do hotel. Uma cidade bem organizada, plantada no meio do limbo que é a transformação do cerrado em amazônia, indefinível...



Na sexta, Palmas, cidade cuja concepção é a mesma de Brasília (plantada no meio do nada, com ruas e avenidas largas, impossibilitando o motim popular e proporcionando rápido deslocamento de tropas e tanques para conter eventual revolta, dividida em prateleiras estanques -- quadra dos hotéis, da administração estadual, da municipal, do comércio e, na periferia, a residência das gentes -- plana, plana, plana), mas energética.

Permanecemos no hotel na sexta, tomando sauna e cerveja, preguiçosamente fazendo nada além de jogar conversa fora. No sábado, ficamos o dia todo no encontro de motociclistas, conhecendo gente da Bahia, do Pará, da Paraíba...

No domingo, colocamos as bagagens nas montarias e ganhamos o mundo. Já sabíamos o trajeto, agora.

Na quinta-feira, 100 km depois de Anápolis, encontramos um fazendeiro num posto de gasolina. Ele era de Monte Alto, pertinho de Bebedouro, na região noroeste de São Paulo, mas estava morando em Salvador e tem

Palmas...
motorista, mapa
da camionete,
caminho que ligava
via Porto Seguro... E
caminho: Palmas,
Conquista, Porto
Bahia, Vitória/ES,

por volta de 10
percorrer 600 km
estado da Bahia.
cortar a região
Tocantins e rasgar a

direção ao mar. Tínhamos percorrido até então cerca de 1.800 km, e mais 3.500 nos aguardavam...



fazenda em
Conversando com o
rodoviário no capô
descobrimos um
Palmas a São Paulo
fizemos nosso
Barreiras, Vitória da
Seguro, as três na
Parati/RJ... e casa.
Saímos de Palmas
horas para
até Barreiras, já no
Tínhamos que
sudeste de
Bahia do agreste em

Aí começaram a surgir coisas.

A paisagem continuava maravilhosa, linda e nova, geografia transformista e dinâmica, a nos deslumbrar a cada lance. A amazônia já presente ia dando lugar, devagar, resistindo, ao agreste, com seus cactos, sua vegetação rasteira, já quase cerrado...

O pavimento piorava a cada metro que nos afastava de Porto Nacional, e do Rio Tocantins. As cidades foram-se enfiando, e as imagens que o cinema consagrou, de pobreza e abandono, foram sujando a natureza, como se dela não fizessem parte, ali colocadas pela vontade dos coronéis para servir a algum propósito não revelado.

No trecho que divide os dois estados, o pavimento se deteriorou de vez e de forma perigosa, pois entre os trechos esburacados surgiam outros, bons, em que se deslanchava... A gente criava confiança e acelerava, e, de repente, sem avisos (que saudade da placa goiana de Porangatu!...), os

buracos, obrigando a manobras nem sempre seguras. Meu parceiro, que me seguia, não conseguiu se desviar de um buraco e quase foi ao chão... mas a moto não teve muita sorte: a roda da frente entortou perigosamente, a de trás um pouco menos, os suportes da suspensão e os amortecedores vergaram. Na hora, nada percebemos. Com o rodar, porém, a moto foi ficando quadrada.

Antes, numa curva, uma siriema tranquilamente passeava pela faixa que divide as duas pistas de rolamento. Reduzi e, quando vi que ela ia para o lado esquerdo da pista de mão dupla, trouxe a moto para o limite direito da minha faixa... Não é que a bichinha resolveu mudar de idéia e avançou em direção à moto???? Não deu pra evitar: ela foi colhida pelo lado direito da moto, desmontando meu pisca-pisca e entortando e virando a chave na ignição, desligando o motor. Tivemos que desentortá-la usando pedras do caminho... Com cuidado porque eu não trazia cópia...

Nesse mesmo trecho, vimos alguns homens cobrindo de terra os buracos da pista, com vassourões, socando com os pés e depois pedindo dinheiro aos motoristas... pedágios privados, gambiarras privadas, cenas da miséria e do descaso...

Logo depois de ultrapassar a divisa que separa Tocantins da Bahia, um trecho de cerca de 80 km quase nos matou de tédio. Era uma imensa plantação de algodão. Um platô imenso, tão plano que não era possível calcular a distância que nos separava do horizonte, de ambos os lados... Plano e reto, sem curvas, sem subidas nem descidas. Nada. Nem gente. Nem tráfego. Nem postos. Nós, o algodão e o sol. Tivemos ali também que andar devagarinho para não ficarmos sem combustível, pois não era possível prever a que distância estava a gasolina.

E ela estava num lugarejo chamado Luis Eduardo Magalhães, sabe-se porque cargas água, pois esse moço... deixa pra lá!... Mas foi lá que um caminhoneiro chamou a atenção de Akira para o estrago na roda dianteira... que até então não tínhamos percebido... Dali a Barreiras, a noite caindo, seguimos com todo cuidado para evitar um dano maior, um acidente...

Em Barreiras, tivemos que usar toda a manhã da segunda feira pra consertar as motos.

Essa perda de tempo nos fez mudar o trajeto. Em vez de pararmos em Vitória da Conquista antes de Porto Seguro, resolvemos parar em Bom Jesus da Lapa e Itapetinga ou Eunápolis... Era meio dia perdido.

E fomos a Bom Jesus da Lapa, distante uns 300 km de Barreiras. A miséria da paisagem humana foi aumentando o seu contraste com a beleza da vegetação... Nos postos, o único alimento possível, confiável, era água de coco e chocolate...

Depois de um lugarejo chamado Euvi, pegamos um atalho de 155 km até Bom Jesus. Uma estrada deserta. Ladeada no início por uma floresta que a seca transformara em imensos gravetos, depois foram surgindo pastos e algumas casas salpicando a margem. Na pista oposta à nossa, cruzamos com meia dúzia de veículos.

Chegamos ao Rio Corrente quase ao por do sol e atravessamos o Velho Chico já com a noite nos envolvendo.

Bom Jesus da Lapa, a quinta cidade, no quinto Estado, é uma cidade pobre. O Santuário, construído em sete cavernas numa formação maciça de rocha, é construído por uma igreja, uma capela, um recinto para batismos... e lojas de venda de souvenirs! No pátio, do qual se avista o São Francisco (baixo, muito baixo, deixando à mostra o leito de areia e lodo, já recoberto por uma vegetação rasteira), estátuas de santos... O santuário é cercado de comércio por todos os lados, e recheado de pedintes por todos os poros. Para os padrões a que estávamos acostumados durante a viagem, os restaurantes não tinham as mínimas condições de higiene. As ruas são sujas, o povo é triste...

Saímos no dia seguinte em direção a Porto Seguro, a 850 km de distância, prontos a fazer um descanso em Itapetinta ou Eunápolis... Mas a viagem foi rápida. O pavimento ajudou. Havia pouco movimento. Em Itapetinga resolvemos prosseguir os 200 km restantes...

Chegamos a Porto Seguro na noite de terça-feira, 11, com previsões de chuva. Tínhamos até então sido acompanhados por um sol maravilhoso, que inundava a paisagem e realçava o verde e as flores.

Especialmente depois de Itapetinga, o agreste foi deixando o espaço para a mata atlântica e toda a sua exuberância... Serras proporcionavam um balé fantástico para as motos que deitavam de um lado e de outro para vencer curvas majestosas, fechadas, em declive, a cume, descompensadas, com ângulos diversos... Uma delas mereceu o respeito das autoridades, que se manifestaram numa placa desesperada: "CUIDADO! CURVA PERIGOSA A 500 M! JÁ CAUSOU MUITAS MORTES! A cada 100 metros, a advertência era atualizada..

Já perto da BR 101, depois de Potiranguá, pudemos perceber que a chuva nos acompanharia. Num curva na serra que acolhe o Rio Pardo, as nuvens pesadas permitiam o espetáculo único de dois arco-íris, anunciando a umidade...

Já na BR, a noite caindo trouxe a chuva e tivemos que parar em Itajimirim, num posto de beira de estrada, porque estávamos sem conjuntos de chuva.. Aliás, eu não tinha trazido o meu, porque saímos em plena seca e previ que voltaríamos antes do término da estiagem. O cálculo estava correto... se tivéssemos voltado pelo caminho da ida. Quando a chuva chegou, estaria já em casa. Mas...

Aproveitamos e jantamos ali, esperando a chuva passar.

Uma hora depois, estávamos em Eunápolis, procurando o trevo para Porto Seguro. O escuro, os buracos, e uma manobra infeliz me jogaram para o limite direito da pista sem acostamento... A roda da frente escorregou para fora e eu tive que levar a moto toda para não cair... Acabei entortando ali a minha roda direita, menos do que tinha acontecido com Akira, mas... um dano, que me obrigou depois a alinhar a roda. Os buracos também tinham danificado o escapamento da minha moto, e o ronco macio cedeu lugar um barulho que me incomodava. Mas tudo bem... de Barreiras, quando o ruído surgiu, até em casa, seriam apenas 3.000 km...

Chegamos a Porto Seguro na noite de terça-feira. Por incrível que possa parecer, ao esticarmos direto de Bom Jesus a Porto Seguro, conseguimos recuperar nossa agenda e chegamos exatamente no dia em que planejamos chegar. Depois seria Vitória, Parati e, sábado pela manhã, o trecho final até em casa, talvez por Cunha, talvez Taubaté, talvez Caraguatatuba...

Dedicamos a quarta feira a um passeio de barco para Trancoso, onde comemos Sim, comemos: ostras, caranguejos, camarões, pirão, caldos... até a hora de voltar... Sol maravilhoso.

Porto Seguro é um belo lugar para se beber. Bebe-se muito ali, há uma variedade imensa de misturas alcoólicas. Come-se muito também. E tudo é barato. Pelo menos para nós, que estávamos lá uma semana antes de começar a temporada. Mas não tem beleza nenhuma. As praias todas são comuns, mais comuns que a mais comum das praias. O litoral norte paulista é mais bonito. O litoral gaúcho é mais bonito. O litoral carioca é mais bonito. O litoral cearense (não conheço o resto do nordeste) é mais bonito. De todas as praias que conheço, a de Trancoso é a mais feia. A comida, porém... é outro papo! Ostras descomunais, caranguejos saborosíssimos, camarões espetaculares, caldos deslumbrantes, pirões... e cervejas geladíssimas... Sem contar a simpatia baiana. Um cantor que improvisou uma cantoria em nossa homenagem e nos levou R\$ 5,00 (o dinheiro mais prazerosamente jogado fora durante a viagem toda!)

Na quinta, partimos para Vitória. Sob chuva, fui obrigado a comprar um conjunto a R\$ 68,00... o mesmo pelo qual se paga menos de R\$ 40,00 na General Osório...

A BR já está na mata atlântica, de modo que a paisagem foi exuberante. No Espírito Santo, já encontramos um pavimento melhor cuidado, reservas, cidades mais bem cuidadas, em contraste com a pobreza que impõem ao povo baiano. Na divisa dos dois estados, porém, um susto.

Já em solo capixaba, perto de Itaúnas, o motor da minha moto apagou o motor. Como se tivesse acabado a gasolina. Paramos, e, sem saber o que fazer, tentamos ligar o motor algumas vezes. Pegava e morria. Esperamos. ele esfriou. tentei, pegou, acelerei, elevei o giro. Estabilizou. Resolvemos voltar e procurar um mecânico... Rodamos 10 km e o motor estava estável. Decidimos retomar a viagem. O motor não deu mais problemas. Com certeza, sujeira no carburador... já que a gasolina daqueles postos era menos confiável que um apresentador de televisão...

Chegamos a Vitória às 19h30, cansados de asfalto, chuva, alguns buracos, e tráfego. Paramos numa grande avenida e fui telefonar para um amigo, ver uma indicação de hotel.

Ao retornar às motos, uma surpresa: cadê minha bagagem. Akira, que tinha ficado ali para cuidar delas, assustou-se... "é cadê?"... passado o susto, resolvemos pesquisar ao longo do caminho percorrido, nos últimos 10 km... nada.

Voltamos. Assumi a perda. Mas a viagem perdeu a graça, o tesão se foi ali.



Ficamos num hotel do cais. Pedimos uma pizza que foi entregue ali mesmo. Em ambos, notava-se que a viagem terminara. Akira sugeriu nem parar em Parati. Fazer Vitória/Sampa num tiro só. Topei.

No dia seguinte, outra surpresa. Minha moto não pegava. A bateria estava no fim, não tinha força para acionar o motor de arranque. Acabou pegando, depois de algumas tentativas e fomos embora.

Antes, fui à Delegacia de Proteção ao Turista fazer um Boletim de Ocorrência sobre a perda da bagagem. Enquanto Akira ia a uma concessionária trocar o óleo de sua moto (eu trocara em Barreiras). Perdido na cidade desconhecida, pedi informações a -- sem exageros -- 10 policiais militares... e cada um ou dava uma informação falsa ou dizia não saber. De saco cheio, resolvi sair da cidade e entrar de novo, pois no dia anterior, entrando, vimos a placa indicativa a delegacia. Foi assim que achei o caminho...

Juatã, o investigador, explicou que a PM estava em guerra com a civil da cidade havia já uns três meses, por conta de uma denúncia de turista contra um PM bêbado, encaminhada à Corregedoria... deu merda, e sobra agora para todos os turistas.

Seguimos na sexta-feira, 14, às 12 horas, de Vitória a São Paulo/Campinas, com chuva às vezes, com 600 km da serra das Araras, cruzando o Estado do Rio, o sétimo, e entrando em São Paulo pelo sudeste... um trajeto total de 900 km. De uma só vez. Cheguei em casa às 2h30 do sábado... cansado e feliz.

Foram 5.250 km, 13 dias de viagem, sete estados percorridos, 8 novas cidades, um sem-número de estradas, vilarejos... e um repertório imenso de novas paisagens e tipos humanos.

A coisa acabou dia 15, de madrugada, horas antes do aniversário do Falcon. Já faz duas semanas. Tô morrendo de saudade da estrada comprida...

[]s

Jake
Corujões

COMENTÁRIO ATUALIZADO: Cabelo estava inspirado e eu acho que, passado tanto tempo, os sentimentos continuam os mesmos. Eu, pelo menos, não enjoiei disso...

Esta foi enviada pelo Cabelo (Motors Vivos/SP) no início do IV Vôo do MB

Aos que foram viajar, espero que, ao voltarem, quando deitarem suas cabeças no travesseiro, tenham um sorriso de orelha a orelha, de felicidade, de rodar pelas estradas, de poder sentir o vento no rosto, de comer poeira, inseto, ver o sol, sentir o calor na pele, viajando à noite, e ver a lua e as estrelas (que é muito difícil ver de gaiola). Sorrir de saber que muitos que viajam de carro, que tem o conforto e o ar-condicionado ou o aquecedor, não têm o prazer de sentir na natureza, se sentir parte dela. Sorrir ao viajar à noite, e ver a luz da lua iluminando a estrada, apagar os faróis de pensar com lágrimas nos olhos "Deus existe, nós é que não sabemos enxergar e conservar o que ele nos deu". Sorrir ao passar por um relevo mais acentuado e poder ver os amigos que estão na sua frente e pelo retrovisor os que estão atrás. Sorrir ao ver uma criança num carro, sorrindo e acenando com a mão, e pensar que um dia você já esteve no lugar daquela criança. Sorrir, ao perceber que o pai desta criança te olha, achando que você é um marginal ou drogado ou qualquer coisa do tipo e o pequeno filho dele te enxerga com outros olhos e vê além do pai dele e enxerga toda a liberdade que nós temos. Sorrir quando estamos viajando e "ouvir" StepenWolf em Born to be Wild e ainda por cima "cantar", mesmo sem ter qualquer tipo de rádio ou walkman consigo. Por fim, sorrir por ter o prazer de ser motociclista.

Abraços Gerson - Cabelo



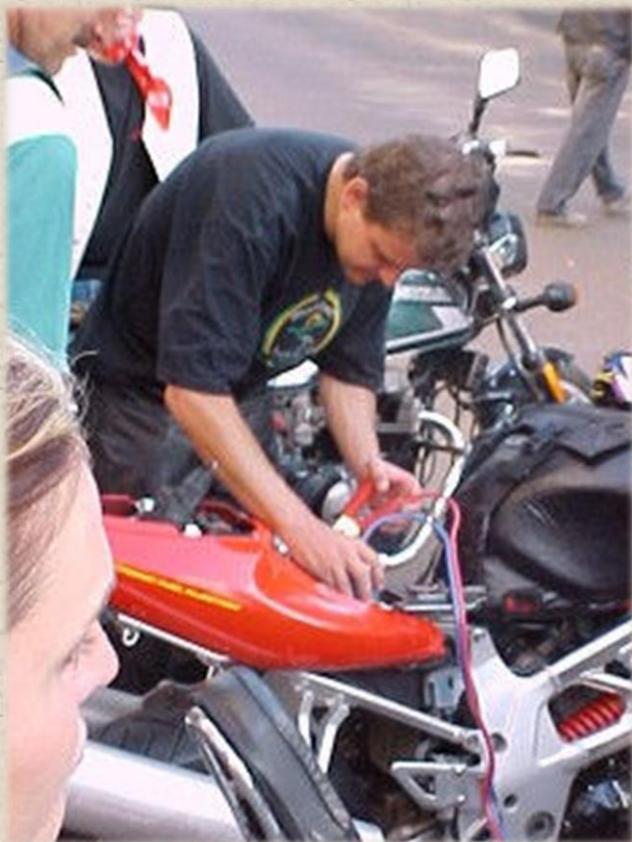
Aqui a versão do próprio Irreal quando de sua viagem a Foz.

Cena 1... (Irreal sobe na moto pela 1 vez)

Irreal :- Fernão, acho que o ponteirinho da gasolina tá estragado... (TEC TEC-barulho dos dedos no marcador de combustível)

Dona Salete (empregada da mansão Antibes):- (com voz da velhinha de Taubaté) A gasolina seu Kako tirou, e colocou num tambor grandão ali atrás seu moço.. eu não entendi por que ele usou um tambor tão grande, pois o que ele tirou cabia num copo de plástico...

Cena 2 ... (Almoço com MBs)



Conta-se toda a história ao Kako, ele discretamente levanta da mesa, pega o telefone celular e liga pra casa:

Kako: Alô..

D.Salete: Alô. Residência dos Antibes...

Kako: Quem fala?

D.Salete: Aqui é dona Salete, empregada do seu Kako...

Kako: EX EMPREGADA TÁ OUVINDO? EX EMPREGADA...

Cena 3 ... (Irreal e Fernão chegando no condomínio "Marajás de Itaipu")

Irreal: Fernão, olha lá! Aquela senhora não é a dona Salete?

Fernão: É sim, vamos falar com ela. Oi dona Salete, onde a senhora vai?

D. Salete: BUAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA (e sai carregando uma mala com seus pertences)

Cena 4 (Fernão, Bebezão e Irreal num barzinho)

Horário meia noite

Irreal: Ô Fernão, fala com o Bebezão pra gente ir embora, amanhã eu viajo cedo ...

Horário 1 da manhã

Irreal: Ô Bebezão, vam' bora... amanhã eu viajo cedo...

Bebezão: Xaaa fooo. Só fooo tommarr mai um colinhoo de wiski... eu tabemm fiajjo amanhã cedddiiiiinho

Horário 3 da manhã. Após um longo papo importantissimo a respeito de quem tinha o carro mais limpo entre o Bebezão e dois outros integrantes da mesa....

Bebezão: Vamuuuuemboraaaa. Nãooo, tôbem tôbemmm....deixa que eu dirijo....tem certeza que tu quer ir dormirrrrr...conheçooo ummm outro barzinho.. muito bom *(tivemos que sair do bar que estávamos por que o pessoal da faxina tinha que trabalhar)..*

Irreal: Não Bebezão, tenho que dormir. Amanhã eu viajo cedo.

Bebezão: Eu tambbeemm

Irreal: CUIDADO COM O CORDÃO!!!!

Cena 5 (passeio por Itaipu , Irreal, acompanhado pelo Alexandre Druida)

Fernão: Ô Kako, leva o Irreal pra ver a Usina...

Kako: Claro, claro..

Irreal: Então, tá aqui o cheque Kako. Vai descontar ele hoje?

Kako: Naãoooo, acho que só segunda feira.

(estranhamente o Kako recebe um telefonema nesse instante)

Kako: Sim, claro ... agora?? Está bem. Ô Irreal, não vou poder te levar, mas o Alexandre vai no passeio contigo, tenho que ir urgente ao centro da cidade.

No passeio..,

Alexandre: Aqui é o mirante principal... etc etc..etc..

(Alexandre se encaminha para a menina que cuida da limpeza geral do mirante e conversa demoradamente com ela. Enquanto isso passeio um pouco, olho, vou ao banheiro, etc. Voltamos ao carro.

Alexandre: Menininha muito bonitinha, mas não sai nada... ela é da Igreja Quadrangular, jogo duro.....

(nesse instante pude observar que o Druida tinha uma certa semelhança com um MB de Campinas cujo apelido é ÀCIDO)

Depois do passeio passamos pelo banco e vimos o Kako saindo lá de dentro (não entendemos o que ele estaria fazendo lá ..duvidas??)

Falando sério agora. Simplesmente incrível o pessoal de Foz , recepção simplesmente fantástica, só tenho a agradecer a todos, Bebezão, PH e esposa, Kako (vê se readmite a dona Salete ..), Alexandre Druida, Coscarque (o homem que some a noite), OBa, e sua esposa, e um agradecimento especial ao nosso amigo Cachorraõ e sua agradabilíssima esposa Cintia, e a Laura que tanto faz o papai coruja Fernão se derreter em elogios aqui no MB, os quais sou obrigado a concordar com ele.

Um agradecimento em especial a todos MBs, por existirem e ser como são... pois a vida não valeria nada sem essa amizade e companheirismo.

Abraços emocionados

Anderson Irreal

Gramado Moto Clube

(agora de XX)

VASSOURAS 2001

Paola e eu chegávamos a Vassouras. Estávamos direcionados em achar logo o hotel. O chamado do Aloísio para uma reunião na piscina do hotel não é para ser negligenciado. Seguíamos por uma avenida quando, de repente, sai de uma transversal uma motocicleta grande para pegar o nosso mesmo sentido. A seguir outra, de igual tamanho. Quando estávamos na altura da tal transversal, sai um "transatlântico" reluzente, negro, que tivemos que reduzir a velocidade para dar passagem. Fiquei um pouco atrás olhando aquela imensa motocicleta e pensei: - quem será este cara? Será que é ele? Não. Não pode ser. Será que ele saiu da toca????? Emparelhei para ver se achava um bigode. O "cara" usava bigode!!! Acho que é ele sim! Será? Resolvi arriscar mesmo sabendo que poderia ser o primeiro "mico" do dia! Fiquei lado a lado, abri a viseira do capacete, enchi os pulmões de ar e gritei: - AÊÊÊÊÊÊ DRAGÃÃÃÕOOOOO!!!! Felizmente não paguei o mico. Era o Dragão, em carne e osso na terra, do TIGRÃO! Tudo dominado! Tava tudo dominado! Foi uma festa conhecer naquele momento o Vicente e sua esposa, o Xatara e o Ranieri.

Fomos então procurar o meu hotel no objetivo de deixar as bagagens e sair para procurar um local para comer com eles. Ao chegar no Hotel, tentei apressar o preenchimento dos *check-in* tentando controlar a fome dos paulistas. Apressei o que pude. Eles quiseram ficar na portaria e fui levar minha bagagem para o quarto. Ao passar pela piscina, nunca vi tantos



MBs do Rio de Janeiro juntos, ladeados de muitos MAMUTES-RJ, que são 10! Falei rapidamente com todos mas pedi a atenção dos rapazes que me ajudassem, rapidamente, em uma coisa muito difícil e disse: -Moçada, o Vicente está lá na portaria do Hotel e não quer entrar. Preciso de uma ajuda para trazer o cara pra cá antes que ele saia voando por aí. Foi um silêncio geral. Uma surpresa. “ - Morgado. Você está falando sério?”, perguntaram. - Claro que estou! Assim, cercado de alguns "Mamutes e MBs" de peso conseguimos, finalmente, coagir a todos estes nômades paulistas a entrarem no hotel e só saíram de noite. Foi muito feliz este fim de semana. Vimos que o MB possui uma dimensão ainda maior do que imaginamos. Almoçamos e ficamos na piscina a tarde inteira.

Minha memória não é muito boa mas tentarei relacionar os presentes: Brutos e esposa, Xatara, Ranieri, Aloísio Braz, Vicente e esposa, Marcelo de Paola, Rolim e esposa, Bity e esposa, Rayol e esposa, Iberê e esposa, e os MAMUTÕES acompanhados de suas esposas Toninho, Carlão e Joaci. Até um sócia do Fernão estava por lá e foi devidamente fotografado e entrevistado do pelo

Vicente. Na falta sentida do Fernão, o sócia até que, de longe, nos deu uma prévia da satisfação que teremos quando encontrá-lo de verdade.

Noite chegando, todos foram para os seus quartos tomar banho, fazer a maquiagem e se preparar para o encontro de Vassouras propriamente dito. Alguns até aproveitaram e fizeram as unhas e os pés, mas não vou contar quem foi. Afinal, eu AMO este cara!

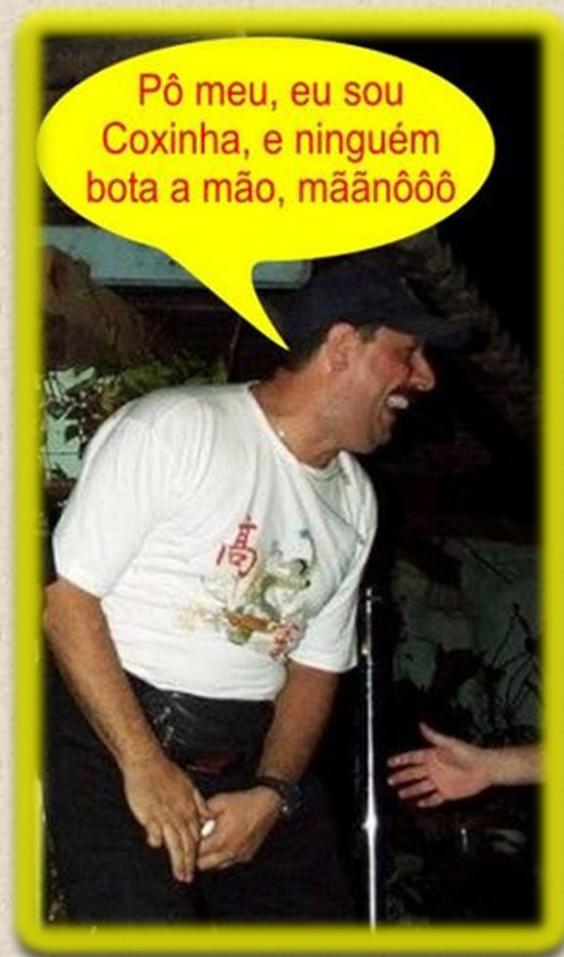
Seguimos para o encontro e ficamos todos juntos. Se alguém quisesse ter sua motocicleta vigiada bastava estacioná-la ao lado da moto do Vicente. Percebi que nos encontros ele fica completamente estrábico, com um olho no evento e outro fixo na moto! (e ele ainda me chama de coxinha, vê se pode!). Naquele momento fui apresentado à Bete. O charme, realmente sobra! O seu triciclo, perfeitamente integrado à sua personalidade, fez a cidade parar quando se passava pelas ruas da cidade. Ainda mais depois do "TOUR" especial que o Aloísio nos levou para fazer pela cidade, passando oito vezes pela mesma rua. Mais uma vez foi necessária a interferência da sensatez e observação feminina para nos levar, diretamente, onde encontraríamos a desejada pizzaria.

Um parque de exposições foi o palco do encontro. Muitas motos, organizado e com gente de todos os lugares fazendo uma grande festa. O encontro de Vassouras, no estado do Rio marcou, de certa forma, a temporada 2001 dando um grande exemplo. Organização, respeito, ótima recepção e um carinho muito grande com os motociclistas. Provou que um encontro pode ser feito de forma organizada sem qualquer exploração aos motociclistas. Bons hotéis, boa comida e tudo a preços justos. Tomara que os próximos eventos sigam, de vez, esta filosofia.

Fomos de noite para o centro tentar comer uma pizza. Eu disse tentar, porque sendo a cidade pequena e pouco acostumada com o aumento de público, as pizzarias não estavam contando com tanto movimento. Assim, quando havia pizza não havia queijo; quando tinha queijo, pizza e forno não havia cerveja. Mas, por fim, conseguimos uma pizzaria que tinha todos os ingredientes necessários para a produção de uma pizza (embora o forno não estivesse completamente quente). A primeira dificuldade era estacionar as motos. Depois, o Vicente estacionar a dele. Na hora de parar, pegava uma fita métrica para ver a distância entre sua moto e as outras do lado. Se houvesse um espaço lateral menor do que 76,5 cm ele mudava de local. Tinha alguém em nossa mesa que não parava de chorar. O Aloísio já tinha emprestado os seus 2 lenços e os guardanapos e toalhas de papel passaram a ser utilizados. Como chora aquela moça!!!! Mas, cá entre nós, com todo o charme do mundo! Até músicas de seresta, que lembro vagamente de tê-las ouvido na minha primeira infância, foram tocadas e cantadas. Ouvimos muitas "modas" de Carlos Gardel, Dolores Duran e Silvio Pinto, especialmente encomendadas pelo Presidente da AMO. Neste momento o chão já estava completamente molhado de choro (com muito charme). Já não havia mais panos de chão e o pessoal da pizzaria começou a oferecer galochas para os clientes permanecerem no restaurante. Comemos, cantamos, rimos, choramos (com muito charme) e lá pelas duas da madrugada, quando o Vicente ia cantar a última e prometida música da noite, com o Aloísio, Rolim e de Paola de "back vocals", o Xatara e o Ranieri encerraram a história, retirando o Vicente do restaurante dizendo: “- PELO AMOR DE DEUS. Tudo menos isso!” Assim, voltamos para a piscina do Hotel para mais prosa. Era assunto que não acabava mais. Pouco depois o sono chegou e nos recolhemos, cansados, felizes e satisfeitos.

No domingo, às 8 da manhã, tocou o telefone do hotel. (eu nem sabia que o quarto tinha telefone). Fomos acordados pelo Vicente. Ele nos disse que estava na hora de acordar. Que quem acorda cedo bebe água limpa. Ele resolveu sair mais cedo pois tinha mais chão para pegar e viajar com aquela moto é um martírio. Nos despedimos com aquela sensação de que "tudo que é bom dura pouco". Demos um mergulho na piscina e começamos a nos arrumar para ir embora. Mas valeu. Valeu conhecer tanta gente boa. Conferir a simpatia fantástica da Dragonete; conhecer o sócia do Fernão. Vir com a alma feliz, leve por tanto tempo de alegria e amizade. Já dizia Richard Bach, em um de seus livros: "nada acontece por acaso". Acho que este ditado tem muito a ver com o MB. Este estreitamento e sintonia final realizado neste encontro irá desencadear muitas coisas boas para este ano para que a cada dia sejamos mais unidos e, por causa desta coisa "horível" que é o motociclismo, consigamos manter toda a nossa união para continuar formando o maior grupo de motociclistas, sem quaisquer tipo de fronteiras que existe.

Por final, gostaria de deixar um recado muito importante para o Vicente: EU NÃO SOU COXINHA, PÔ! Abraços a todos Morgado



COMENTÁRIO ATUALIZADO: eu mesmo tenho um sino, que me foi dado por esse grande amigo, o Fuscão. Valeu mano!

Esta aqui é sobre um link que o Fuscão tinha mandado pra lista. É sobre um texto que um americano havia encaminhado ao Fuscão, a respeito da lenda do sino. O texto do Cachorrão explica o resto

CACHORRÃO: “Pois bem, no texto ele conta o que ele e muitos outros americanos fazem prá se lembrar dos amigos que já se foram. Na verdade é simples: eles penduram em algum lugar da moto um pequeno sino de bronze que é polido cada vez que se perde um amigo. Também é interessante do ponto de vista de segurança, pois a cada tilintar do sino, eles acabam sendo lembrados dos perigos que as estradas lhes reservam.

Existe uma versão mais "light" prá história do sino, que se chama exatamente "A Lenda do Sino" e que eu tomei a liberdade de traduzir (tradução livre) para aqueles que não dominam totalmente o inglês, e que segue logo abaixo.”



A LENDA DO SINO

Você já reparou naquele pequeno sino pendurado na moto de algumas pessoas e se perguntou por que ele está ali? É mais do que uma simples decoração, ele tem uma função específica. Como todos nós sabemos, a vida tem muitos mistérios não desvendados. Um destes mistérios é o dos Espíritos Estradeiros Malignos. São pequenos gremlins que vivem na sua motocicleta. Eles adoram rodar! No entanto, eles também são responsáveis pela maioria dos problemas da sua moto. Às vezes

seu pisca se recusa a funcionar, ou então a bateria novinha está morta, a embreagem precisa de ajustes ou outras centenas de coisas erradas que acontecem sem vc saber porque. Estes problemas são causados pelos Espíritos Estradeiros Malignos...

No entanto, os Espíritos Estradeiros Malignos não conseguem viver na presença de um sino. Eles ficam presos no ôco do sino. E tem mais: a audição destes espíritos é super sensível. O barulho constante de um sino e o seu confinamento dentro dele os levam à loucura. No fim eles acabam perdendo o seu apoio e num momento ou noutro acabam por cair na estrada. (você já se perguntou como aparecem os buracos no asfalto?). O sino terá cumprido a sua missão.

Se vc mesmo comprou o seu sino, a mágica vai funcionar. Mas se o seu sino lhe foi presenteado, o seu poder será duplicado e vc saberá que em algum lugar vc tem um amigo especial ajudando a cuidar de você.

Portanto, se você tem um amigo que não tem um sino, por que não ser a pessoa a lhe presentear com um? É uma ótima sensação a pessoa que o recebe saber que vc se preocupou com ela. O sino, associado a um bom programa de manutenção preventiva por parte do dono da moto, ajudará a eliminar os Espíritos Estradeiros Malignos.

REVOADA AO SUL

Essas histórias aconteceram quando uma parte dos MB's fizeram uma viagem ao sul do Brasil, no reveillon de 2001. Vão em partes porque são vários autores.

Era dia de Natal, enquanto todas as criancinhas esperavam Papai Noel, um grupo de MB's esperava a hora da partida. Contávamos as voltas do ponteiro do relógio solitário no meio de uma vasta parede e nós, também solitários, perdidos nos pensamentos, em nossos planos de viagem e o que poderíamos esperar. Até que é chegada a hora. Tudo preparado, o TUTUbarãomóvel carregado e abastecido, todos a boooorrrdoooooo!!!!!!!

Partimos as 7:30hs do dia 26 de dezembro do milênio passado rumo ao SUL, setenta e três quilômetros depois, já tínhamos como fiel escudeiro, digo, Capitão, o grande e destemido Dragão e sua adorável esposa Dragonette, que nos deu a honra de sua companhia em nosso TUTUbarãomóvel pelo trajeto que ainda viria. Após mais uma hora o time já estava completo com Jake e Jakette, daí pra frente seria só alegria e muita estrada.

CHEGADA A CURITIBA

Chegamos a Curitiba ainda na tarde de terça 26, quando fomos recepcionados pelo Grande RATO MAGRO e de quebra o Lendário ZÉ do Pedágio, digo, Dentadura, ou seria ZÉ do Tombo? Sei



lá, só sei que fomos muito bem recepcionados e escoltados até uma bela Churrascaria para um pequeno reabastecimento. Depois, mais tarde, sempre escoltados, desta vez pelo RATO BELLA, seguimos para a MOTOBEKO - A TOCA dos Ratos onde a RATAIADA nos esperava com o que?... churra e cerva. Foi um fenomenal desbunde. Na manhã de

quarta, 27, o Grande LOBO, que também é RATO, e dos grandes, nos escoltou por um *city tour*, pela bela cidade de Curitiba, levando-nos a alguns de seus pontos turísticos, como a Opera de Arame, uma estrutura feita com tubos metálicos e com forma imponente e tamanho de teatros dos mais renomados, além de parques lindíssimos. Um *show* de visual. Bem, a tarde já se aproximava e o grupo de viajantes já sentia uma comichão, tinha que voltar para a estrada, então nos despedimos do amigo LOBO e partimos rumo ao SUL.

TUTUBarão

Realmente a sensação de sair de trás do teclado e conviver com os MBs é coisa indescritível. Tivemos uma convivência direta por 10 dias com mais de uma dezena de MBs e sem exceção são todos camisa 10. Temos até MBs de coração que não estão na lista mas no sangue já corre o sangue MB como o Lobo e esposa e o Jesus e a Odila, onde a emoção bate tão forte quando nos despedimos que os olhos estavam transbordando o carinho. Particularmente eu fico espantado com isso pois tanto o Lobo como o Jesus não são da lista e somente nos Vãos costumam nos encontrar mas a emoção é tão forte que transcende a amizade. O Magro, apesar de fazer tipo rebelde, também foge das despedidas porque não aguenta por muito tempo um bom abraço apertado. É isso. Não existe nada que abale uma amizade verdadeira...VERDADEIRA.

O sul, continuação: reunimos nossa trupe logo após o tour pela cidade. Ficamos no jardim botânico a espera do grupo. De repente, debaixo de um calor de 40 graus escuta-se o trovejar de um grupo. Era o Big Dog com sua traudy, o Zé Dentadura com 1 tombo acumulado, mais alguns Ratos e o Lobo. Seguimos em cortejo para a saída da cidade e tocamos rumo a Floripa. O Fernão Big Dog transcendia de alegria. Acho que era tudo o que ele queria de pós-natal. Foi escalado como Capitão e queimamos

literalmente o chão. Foi uma puxada boa. Um ritmo cadenciado e coeso. O vento batia na pele e assava como um secador de cabelos. O único que estava a salvo disso era o Tutubarmovel. Em certo trecho da estrada uma parada. Por quê? Ah!!!!!! Acho que o Zé do Pedágio já estava há muito tempo sem cair. Dito e feito: CHAUM! Como sempre ele só cai parado. Virou os punhos do avessos; coisa de louco. Mas nada que uma boa pata de elefante não consertasse. A essas alturas já tínhamos



liberado todos os MBs e ficamos apenas o Fernão e eu pra traz pois estávamos com vontade de chegar a uns limites. Depois de um certo tempo, voando pela BR 101 vemos o Zé do Pedágio parado no acostamento: pronto, será que caiu de novo?????? Nada disso, ele estava esperando a gente pois nós estávamos muito devagar.

Seguimos para Joinville (acho que era isso) e paramos desesperados no restaurante do trevo onde existe o tradicional marreco com repolho roxo. Quando chegamos quase fizemos o restaurante todo ir embora. Um grupo de esfomeados e sedentos atacando em todas as frentes. Foi a melhor marreca que comi, claro, pois eu não como marreco. A ala feminina não comeu o marreco pois ficaram com dó. Foi nesse exato momento que conseguimos contato com o Lenda e esposa e tivemos uma notícia maravilhosa através do Fernão Cachorrão: a Sacha teria um irmãozinho. Foi alegria de todos. Tomamos mais cerveja só pra brindar a essa boa notícia dada pelo Fernão. O Lenda comentou que estava em Camboriú hospedado num 5 stars dentro do snack bar pluvial. Coisas do Lenda, claro. Depois do almoço demos um tempo pro calor pois era

completamente inviável continuar sob ele. Na seqüência, com tudo acertado, seguimos viagem. Não vou relatar a parte da estrada, pois a BR 101 não merece comentários. Em determinado momento, começa a despencar um temporal daqueles e miraculosamente aparece um gigantesco galpão para todos nos abrigarmos. Ficamos tranqüilos e sequinhos. O Tutubaromóvel, teve que esperar atravessar uma tartaruga na estrada e por isso demorou a passar por nós mas logo seguiu viagem, enquanto a gente esperava a chuva estiar.

Com chão seco, seguimos viagem. Dispensamos novamente a BR 101. Coisa de louco. Chegando em Floripa nos separamos do gigante Big Dog pois A Big Dog já estava rosnando à sua espera. Deixamos o pessoal junto com o Tutubarão num posto e o Jake e eu fomos campear hotel. Foi difícil, porém conseguimos resolver o problema. Difícil mesmo foi encontrar aonde deixamos o Tutubarão pois nos perdemos completamente. Chegamos cansados e não teve história. Cama. Somente o Zé do Pedágio, a Dragonette e eu saímos à noite À PÉ (para não ter problemas com o Zé) para comer algo e conversar. OBS: É incrível esse Zé do Pedágio. O cara é cabeça, centrado e de boa paz. Nada consegue afetar o seu humor. No dia seguinte visita à ilha de Floripa. Estávamos com o telefone do Vamilson, porém não quisemos incomodá-lo no horário do serviço e deixamos pra ligar no final do dia. Fomos a Floripa, enfrentamos congestionamentos indesejados, tomamos cerveja vencida e flaconada por 2 paus e eu acabei comendo um camarão que estava com uma pressa incrível de sair. Tudo NOTA 10, como vocês podem notar. Quando retornamos de Floripa ligamos pro Vamilson, porém o telefone era do serviço e ele já havia saído. Ficamos no vácuo. Aproveito este relato pra pedir desculpas ao irmão Vamilson pois escutei sua mensagem no meu telefone e percebi que você estava meio chateado de não ter nos encontrado. Somente na manhã seguinte pensamos em ligar pro Falcon para tentar comunicar via lista o que tinha acontecido. Na vontade de não te incomodar acabamos incomodando. Saímos então para o grande Rio Grande em direção a Torres.

Dragão

A revoada paulista pelo sul não tem descrição possível. É certo que pegamos trechos ruins de estrada, nas BRs 101 e 116, mas é também certo que tivemos trechos de absoluta paz e harmonia com o piso e o tráfego. Os trechos, por exemplo entre Curitiba e Floripa da BR 101, serra em que Dragão e Cachorrão brincaram de velocípede e o Zé do Pedágio (da Mente? do Acostamento? do Portão? sei lá...) fez das suas é um espetáculo. Os congestionamentos numa ponte e no trecho de Itapema foram exceções. E tem o susto que uma curva da BR 116, em Lages, pregou no Dragão e em mim, já na volta, a caminho da Serra do Rio do Rastro, mas isso é outra história...

Em contrapartida, quando saímos de Floripa em direção a Torres até Tubarão (na ida e na volta!!!) pegamos o tráfego mais pesado e encardido de toda a viagem. Encardido mesmo, pois a roupa e os braços ficaram cheios de fuligem. O pelego branco que a Jakete usava para amaciar o banco do garupa foi ficando cinza. Na volta, ele chegou preto e branco (arghhh). Zé do Acostamento (Pedágio? Manete?) e o Grande Poodle de Polainas não nos acompanharam. Cachorrão foi lambar as crias em Floripa, e o Zé voltou a Curitiba encontrar-se com a cara metade.

Em compensação, a trupe continuou com Sávio e Savionete, que chegaram a Curitiba à noite, sozinhos e nos deixaram na divisa entre SC e RS, após a sessão de fotos, pois um dos dois tinha um parente (ou uma parente) que ia se casar, numa cidadezinha gaúcha perto de Novo Hamburgo.

Após a viagem cansativa até Torres, tiramos a tarde para descansar. Remo, Harry e Lulu ex-galinha chegariam no dia seguinte para nos comboiar até Porto Alegre, e o calor tinha matado todo mundo.

Manhã de sábado, 30, todos descansados, café tomado, esperamos a chegada dos gaúchos e eles vieram, e o papo começou e continuou na mesa de um barzinho, ao redor de umas birras/broas/cervas. O sol estava já em seu posto, pronto para queimar os braços melecados de bloqueador, e todos estávamos prontos. Saímos de Torres pela hora do almoço e pegamos a estrada do mar, um fio de asfalto que corta uma planície bonita, ao fundo da qual se avistam as serras, e o degradê das cores das montanhas se fundindo com o céu num horizonte único. À esquerda, o mar, infelizmente oculto pela vegetação da orla. Mas o clima é de absoluta paz.

Cinquenta quilômetros depois, aproximadamente, chegamos ao Kiosque, um restaurante de frutos do mar, para onde os MotoSulBrasileiros nos levaram para almoçar. Um festival de mariscos, lulas, peixes, molhos, muita elegância e... ar condicionado!!! A



comilança quase termina em tragédia, porém. Havíamos recebido a notícia de que o Anão Holandês havia preparado um churrasco em nossa homenagem, mas que a coisa estava por um fio porque os ingressos não ficaram prontos a tempo e ele não teria como controlar o acesso sem esse importantíssimo documento harricano. Já no restaurante, uma ligação celular informou que os ingressos estavam disponíveis, mas o preço permanecia em branco, porque o anfitrião quis preenchê-lo à mão para incluir custos de última hora. Nesse clima, chega a conta do rodízio marinho e vimos um dragão embranquecer subitamente. Gaguejou algo como "360 reais???!!!?????!!!" Sentado ao lado da namoradinha nova, Lulu, ex-galinha, quis falar alguma coisa, mas a voz não conseguiu subir além da garganta. Perto dele, a toalha branca da mesa ficou marrom. Teve 5 enfartes e 48 síncope cardíacas.

Um garçon mulato passou por perto e Dragão gentilmente o chamou, agarrando-o pelo pescoço e enfiando a conta no nariz do já empalidecido jovem: "-Você pode me explicar isso???", perguntou, dirigindo-se a ele, mas com o tom de voz suficiente para atrair a atenção de todo o restaurante. Lulu já não engolia mais. Remo, Harry, Marília e outros assistiam à cena quietos.

“-Você pode me explicar isso???” , repetiu o Dragão, um poquito mais alto, já incomodando o estacionamento. Após livrar-se do abraço amigo para conseguir respirar, o que só foi possível graças à intervenção de uns 30, o garçon viu a conta e teve outro susto: “- Essa conta tá errada!!!”. Lulu ex-galinha recobrou a cor, a voz e a saliva. E o Dragão foi perdendo rapidamente aquela cor avermelhada e abrindo um sorriso: “- Esse é o cara!! Esse é o cara!! Claro que tá errada!!! Esse é o cara!!!” Depois de se livrar das tentativas de Dragão de beijá-lo (ndr: essa coisa de beijo, como se vê, é antiga), o garçon conseguiu arrancar a conta das mãos da Grande Lagartixa da Barra Funda e levou-a até o caixa. Mistério desfeito. Influenciada por Harry, o Pequeno, que estava preocupado com o valor a ser cobrado no churrasco daquela noite, o caixa tinha cobrado R\$ 40 e não R\$ 14 por pessoa o rodízio (bebidas, e quantas cervejas, cobradas à parte, é claro). Daí a estapafúrdia conta. Recolhidos o equipo de soro e de respiração artificial com que Lulu tinha sido ressuscitado, seguimos os 150 km restantes a Porto Alegre.

Na Freeway, pista larga, de mão única, florida e organizada, concebida como uma Autoban alemã, a velocidade aumentou e aumentou consideravelmente, a ponto de Dragão quase perder as



botas ao vento. Em Porto Alegre, demos umas voltinhas até a praça da Matriz, onde Harry, auxiliado por mim e Remo, aplicou um corretivo no Dragão, com o dedo médio da mão direita, em plena luz do dia, como ficou registrado na foto que o Files estampa para a posteridade.

Após domado o bicho, fomos conduzidos pelo Remo até os alojamentos da Associação dos Ex-Empregados e Aposentados do Banco Meridional, às margens do Guaíba, que o Popa tinha reservado pra nós. Um espetáculo de lugar, cujo por do sol desfrutamos à beira-d'água, com cervejas e brisas. A essa altura, já não sabíamos do paradeiro de Lenda e Soninha, cuja pista perdemos em Camboriú, e que iriam a Osório, Carlos Barbosa etc, antes de nos encontrar em Gramado.

À noite, saboreamos um belíssimo churrasco com cerveja Polar, na companhia também de Jesus e Odila, dois Papagaios do Asfalto participante do VJB, e de André Felipe, vurgo Tequi-forci. Dragão e ele tentaram conversar coisas da moderação da lista, mas fizemos um complô, entramos no papo e impedimos qualquer manifestação de seriedade, facão, sapatadas, flambadas e outros quetais. Impressionei-me com a inteligência viva e serena de ATF, e sobretudo com a ética com que se pauta. Se 10% dos homens públicos do mundo (o Brasil não monopoliza a sacanagem...) tivesse metade da ética do homem, estaríamos bem, bem, bem melhores!

O churrasco, afinal, não foi cobrado. A gráfica não remeteu os ingressos. Harry já contratou advogado para se ressarcir de danos morais e entregou um cartão-lembrança (com o número de sua conta corrente...)

Dia seguinte, partimos para Gramado, pela serra gaúcha, os paulistas, Remo de capitão, Harry e Jesus. Mas isso é outra história.

Jake
Corujões (jeito de piá lembrando tudo...)



POA / GRAMADO

Com o grande REMO no comando, capitaneando os felizardos MB's paulistas, partimos para Gramado, terra do Papai Noel, de chocolates e de muita fantasia. Para chegarmos até esse encanto temos que passar por uma pequena, porém linda rodovia, margeada de exuberantes hortênsias além de paisagens paradisíacas das serras dos pampas.

Como nem tudo pode ser perfeito e como todo paraíso tem sua serpente, as estradas gaúchas estão repletas de uma estranha ave que não voa, um tal de pardal (será que é a ave símbolo do vôo gaúcho?). Tem pardal para todas as velocidades, tem pardal até para 40Km/h! É uma verdadeira façanha chegar até Gramado sem ser observado e até registrado por essas maléficas aves. (que tal abríamos temporada de caça ao danoso pardal, hemm? brincadeira gente isso é crime!!!!). Bem, ao chegarmos em Nova Petrópolis mais uma das surpresas dessa gauchada estava por vir: paramos em um restaurante nota 10, Plátanos, acho que era esse o nome, e por interferência direta do filho do homem, o nosso MB de coração, Jesus, a recepção aos MB's já



era esperada e com reserva e tudo. Como diz o interiorano "chique no último". Comida da melhor qualidade em um ambiente típico da região e a conta foi de 10 paus por cabeça, coisa de MB mesmo.

Devidamente abastecidos, continuamos a nossa jornada a Gramado. Ao passarmos pelo portal de entrada da cidade já se podia sentir o romantismo que existe naquele lugar mágico; a decoração com motivos natalinos é indescritível, parece brincadeira, coisa de

cinema mesmo, e vejam que chegamos no dia 31; nessa altura Papai Noel já devia estar lá pelo PÓLO NORTE!!!!!!! Nos dirigimos direto à base Motobrasileira em Gramado: o estúdio fotográfico do Irreal, onde nosso companheiro Anderson já nos aguardava. Mais alegria e emoção, sem contar a ansiedade do Pequeno Holandês em ver rapidamente sair da máquina reveladora a foto dos domadores de dragão. Mais uma vez fomos escoltados: Anderson Irreal capitaneou até a pousada onde passaríamos nossos primeiros dias do novo milênio.

Então é chegada a hora da virada do ano, do século e do milênio, estávamos em uma reunião festiva na propriedade dos Irreals, com toda a comida e bebida que a ocasião merece, quando os fogos começaram a iluminar o céu estrelado no topo do mundo. Nesse instante precisamente as 24:00hs do dia 31/12...

TUTUbarão

Naquele instante precisamente as 24:00hs do dia 31/12 enquanto os fogos subiam a Savionetta descia. Sim enquanto ela vislumbrava o céu, esqueceu de uma depressão existente no piso da mansão Irreal's e splash!!!!!!! Pro chão, torceu feio o tornozelo(NDR: aos médicos de plantão: alguém precisa receitar cálcio para a Savionetta!), precisando de socorro rápido e eficiente da equipe de salvamento Sávio, Jake e Tutubarão, que em poucos minutos (10 a 15) já estavam com a situação controlada. É, a pequena Savionetta roubou a cena da passagem do milênio, mas isso não tem problema, daqui a mil anos teremos outra passagem, não é verdade?.

A festança continuava, brindes e cumprimentos, quando levantei um brinde! Um brinde a essa coisa maravilhosa, coisa inexplicável, coisa amistosa e fraternal que une pessoas e famílias em uma única família, chamado MOTOBASIL! Um VIVA ao MOTOBASIL e à AMIZADE e IRMANDADE que ele proporciona. VIIIIVAAAA!!!! Todos levantaram suas taças e brindaram (confesso que naquele momento, assim como agora meus olhos chegaram as lagrimas de emoção). Se analisarmos bem conseguimos, dentro dos laços da Família Motobrasileira, algo de causar inveja em muitas famílias por esse Brasil afora.

Passadas as fortes emoções, a descontração tomou conta da festa e aí que um tal de Preto, é, um convidado dos Irreal's, soltou seu repertório Gaúcho de anedotas onde os protagonistas eram sempre Paulistas. Nem o Dragão escapou. Até o Lenda, que é Mineiro, entrou na dança. Êta gauchismo porreta sô! Parece até macchhoo!!!! Grande figura esse tal de Preto, gente fina mesmo. Noite adentro a festa continuou até sermos vencidos pelo cansaço.

TUTUbarão



Toda viagem que se preza tem seus causos. Toda estrada tem seus sustos. A revoada motobr@sileira ao sul não foi diferente. O clima de camaradagem e bom humor imperou do começo ao fim, e a gente pôde desfrutar desse convívio maravilhoso que começou virtual e hoje está séculos-luz à frente do computador.

Por essa e mais outras que o Bela, inspiradíssimo, disse no churrasco do Lobo em Curitiba, última noite da viagem: “- O que menos me importa é a lista. Se me excluïrem, se a lista morrer, não faz mais diferença. O que me importa é essa comunidade de motociclistas que nasceu e se fortalece nos vôos. Se tiver um vôo, eu vou. Se alguém passar por aqui ou acolá, estarei presente. Se eu for a algum lugar, visitarei os MBs...” Esse é o espírito! Por isso, as nossas passagens por Curitiba transformaram-se em festa. Por isso, a comitiva paulista foi crescendo ao longo do caminho, acrescida de Fernão, Rubens, Harry, Remo, Lulu. Por isso, o trajeto foi elaborado coletivamente para aproveitar o conhecimento e experiência dos MBs dos locais e a coisa se transformou numa grande festa.

Aos causos:

A primeira brincadeira foi a do Restaurante Kiosque, quando Harry influenciou a conta e quase matou Lulu ex-Galinha. Mas teve outros episódios engraçados.

Na chegada a Torres, por exemplo, paramos na praça central para conversar com um PM. Um crioulo simpático, de bermudas, que logo se mostrou solícito. E que confirmou o que todo mundo fala, perguntando ao Dragão: “- Você não é o Ratinho???” Como a gente vinha falando isso há algum tempo, a pergunta inesperada acabou gerando umas boas gargalhadas e um sorriso amarelo.

Mas careta mesmo a Lagartixa com Azia fez foi em Floripa, ou melhor, no saguão do Hotel Kennedy, em São José (vizinha de Florianópolis). Todo mundo pronto pra sair, o Dragão resolve ir ao banco retirar dinheiro. Foram ele e Tutu, enquanto todo os outros (Rubens, Sávio, Helena, Lourdes, Felicidad, Silvia e eu) aguardávamos no saguão. Alguém teve a idéia de pregar uma peça no bigodudo sócia do Ratinho. Com o apoio dos recepcionistas, fomos todos à sala de tv, ao lado do saguão, mas oculto dele por uma parede. Vinte minutos depois, Dragão e Tutu chegaram, o primeiro louco por um banheiro, já andando com pernas apertadas, e não viram ninguém. Ao que aconteceu o seguinte diálogo entre Dragão e recepcionista:

- Cadê o pessoal que estava aqui?
- Subiram para os quartos.
- Como assim?
- Não sei. Levaram as chaves, tomaram o elevador...

A essa altura, o Dragão já estava ficando azul. E foi apertando as pernas, ralando uma coxa na outra, trançando os joelhos, que se dirigiu ao banheiro do térreo, ao lado da sala de tevê. Ao passar por nós, fez aquela cara simpática de susto e atirou 435 xispas de chama felizmente apagadas pelas 897 gargalhadas do grupo. A cara dele ficou devidamente registrada em foto batida com a máquina do Sávio.

Desde que ouviu falar em matambre, o Dragão quis provar a iguaria. Típico de vaqueiros uruguaios e adotado pelos gaúchos, o prato é feito com capa de costela enrolada em legumes, em forma de rocambole, e cozida em panela de pressão por 3 a 4 horas. O nome vem da junção da expressão 'mata hambre' (mata fome) castelhana. Raros são os restaurantes que o preparam, por ser muito regional. Só mesmo em casa de família.

Sabedores dessa vontade lombriguídica da Grande Lagartixa Flamejante, Harry e Remo entraram em contato com Anderson para que ele servisse Matambre ao homem. E assim foi feito. Logo que chegou na casa do Irreal, na noite de 31 de dezembro, Dragão foi chamado pelo anfitrião:

Irreal: disseram que você está com vontade de comer matambre, é verdade?

Dragão: É verdade. Não saio dos pampas sem comer matambre...

Irreal: Então, vamos fazer sua vontade.

E acenou para um dos convivas, fazendo as devidas apresentações:

-Dragão, te apresento um amigo nosso, o Matambre. Matambre, este é o Dragão, que tem muita vontade de te conhecer...

Mais uma vez, a cara do Dragão foi antológica. No papel de Matambre, o nosso Xispa, MB do Gramado MC, que demonstrou muito espírito esportivo pra entrar na brincadeira.

No dia 2, resolvemos dar um pulo no Vale dos Sinos, região produtora de calçados, a conselho do Baixinho. Também por sugestão dele, deveríamos subir de volta por outro caminho, via Sapiranga e Taquara que seria mais aventureiro, com estradas mais estreitas, mais serra etc e tal.

Descemos a Novo Hamburgo sob um sol abrasador, percorrendo de volta a BR 101, por entre flores e curvas, rumo às lojas de fábrica. Na entrada da cidade, quando aguardávamos o sinal verde, uma perua branca, pintada com o logotipo azul da CRT, companhia privada de telefonia, com o cara buzinando e gritando. Era o Jesus, o papagaio filho do homem!

Logo vimos que a cidade é um estress só. Os guardinhas municipais, chamados de xarope pelos soldados da PM, se divertem babando em cima dos carros que multam por estacionamento irregular. Se divertem mesmo. Precisa ver a cara de satisfação dos "romeus e julietas" andando pelas calçadas sem árvores, olhando os pára-brisas dos carros, um riso só! Um sujeito quase derrubou minha moto, ao tentar entrar de frente numa vaga ao lado dela, e rapidamente para tomar o lugar de outro carro que vinha fazendo a manobra devagar e de ré. Precisei gritar pro sujeito se tocar. Ninguém gostou do lugar.

Na volta, descobrimos que as lojas estão na verdade em Igrejinha e arredores, no Vale dos Sinos, mas fora do caldeirão novoamburguense. Aí era tarde. Como tarde demais também descobrimos que a estrada mais emocionante era na verdade mais massante, e que bonita era a BR e não aquela coisa.

Tarde demais, também, o Dragão descobriu o mecanismo que faz baixar a cancela dos pedágios. Os pedágios gaúchos não têm uma via lateral desimpedida para motos. Tem-se que aguardar na cabine a liberação. Em alguns pedágios paulista também é assim, na rodovia Washington Luiz, mas isso é exceção. Lá é regra. Talvez ansioso para chegar, por causa do imenso calor, Dragão entrou na sombra da cabine junto com a van do Tutu, parando ao lado dela. Depois de pago o valor, a moça liberou a passagem e Dragão arrancou com tudo. Quando Tutu saiu, segundos depois, a cancela baixou e se o cara não freia rápido tinha levado no peito. A freada foi tão brusca e violenta que arrancou as rodas traseiras do chão. O teto da Besta quase bateu no teto da cabine. Vendo aquilo pelo retrovisor, Dragão parou, a cerca de 10 metros. A moça da cabine teve problemas para liberar a perua, porque a programação anterior tinha sido contrariada pela moto e chamou um supervisor. O cara não estava gostando nada do que tinha visto e olhou com cara feia para o Senhor dos Maçaricos, que também não gostou nada. Algumas palavras ásperas depois, estávamos a caminho.

Fizemos de Gramado nossa base de apoio, de onde partimos todos os dias para explorar a região. Ficamos ali até a manhã de quinta, 4 de janeiro, fazendo programa de turista e sendo mimados pelo Irreal.

Depois do socorro à Savionete, que me obrigou a ultrapassar a barreira do milênio fazendo massagem no tornozelo da mulher do próximo (e bem próximo), e depois de ouvirmos centenas de piadas gaúchas contra o mundo civilizado, resolvemos fazer um passeio pelas belezas de Gramado e Canela no dia seguinte.

E foi assim que visitamos o Parque do Papai Noel, um lugarzinho agradável e cheio de coisinhas bonitinhas (NDR: quem vê esse marmanjo de barba e roupa de couro com cara de mal imagina ele falando no diminutivo?). Pena que não deu pra fotografar dentro da casa do bom velhinho, mas foi possível ver, por exemplo, a primeira máquina de fazer bolas de natal que o Brasil já teve, uma engenhoca de um metro quadrado, que é um dos muitos orgulhos do Rio Grande.

Depois, visitamos a Exposição Hollywood, de carros e harleys antigas, coisa para americano nenhum botar defeito, tanto o respeito que o magnífico acervo conquista para as marcas daquele país. Pagamos para entrar é claro, mas não foi preciso rezar para sair. O Dragão comprou uma bombeta (tradução: boné), e tiramos mais ou menos umas 500 fotos ao lado, em cima e babando nas harleys...

Dali, já um pouco cansados de pagar ingresso, seguimos para o Museu do Vapor, um acervo ferroviário considerado de nível internacional, mas nos limitamos a admirar a réplica, em tamanho natural, do acidente ferroviário acontecido na estação de Montparnasse, na Paris de 1.895, em que uma composição sem freios acabou levando tudo no peito e despencando para o lado de fora da estação. A locomotiva está lá, inteira, com o número 721 e tudo. Alguém do grupo, uma gaiata, tocou o sino colocado do lado de fora da estação. O Chefe do trem não teve dúvidas: acionou o apito!



Resolvida a questão do museu, atravessamos a rua e tiramos uma fotografia bem moderninha, em que todos os presentes mostraram sua capacidade de representação. Peço aos mais aquinhoados que coloquem a foto no Files para todos verem a Família Buscapé, com segurança armado e tudo, em que nos transformamos, para gáudio de todos, nosso e, principalmente, do fotógrafo. Tutu e família não participaram da foto, por estarem envolvidos em projetos diferentes, a léguas

de distância. Harry, o Baixinho do Guaíba, embora seja destaque individual e coletivo (posou com Marília e Stefan), resolveu não comprar a foto. Ainda se fosse ganha...

Tirada a foto, rumamos ao Café Gramado, na cidade de Canela, para um farto café colonial, com suco de uva, vinhos, tortas salgadas, quentes, frias, doces, embutidos, pães, bolos e outros doces, frituras, polenta, sanduíches, chás, café, leite, chocolate etc. Na mesa era tanto prato que faltava mesa, e nos pratos era tanta comida que faltava estômago. Comemos cerca de 20% do que nos foi servido, porque Harry nos ajudou bastante, comendo cerca de 45% de tudo o que foi consumido. Ao final, Stefan e Sávio, a nocaute, perderam os sentidos em duas confortáveis poltronas do lugar e fizeram a digestão aos roncos, enquanto Dragão ensinava Harry a falar alemão.

Mas o dia não havia terminado. Dali seguimos para a Cascata do Caracol e percorremos um pouco das estradas de terra do lugar. Pena que o avançado da hora nos impediu de conhecer um dos parques.

Incansáveis turistas, ainda paramos numa adega de vinhos coloniais, brincamos muito, bolimos muito, compramos um poquitito.

À noite fomos à casa do Irreal, terminar a comilança do dia anterior, pois ainda havia muito leitão e chopp. Dezenas de piadas de paulistas depois, resolvemos dormir, que ninguém é de ferro. O dia seguinte, 2, foi a visita a Novo Hamburgo, já relatada nos Causos.

À noite, bem, à noite estraçalhamos um rodízio de fondue (queijo, carne de gado (boi), frango e chocolate) com a família Irreal que, aliás, estavam muito além da perfeição. Nunca me senti tão paparicado em toda a minha vã existência.

E na véspera da partida, um passeio na famosa Maria Fumaça. Sávio e Senhora já se tinham retirado das plagas sulinas, Tutu e família seguiram de Besta para dar apoio logístico, Dragão &

Lourdès, Silvia & eu nos deliciamos com o passeio de 90 minutos entre Carlos Barbosa, terra de queijo, Garibaldi, terra do champanha nacional, e Bento Gonçalves, terra do vinho. Comemos queijo, vimos paisagens, ouvimos canções típicas italianas e gaúchas, fomos tirados para dançar por prendas tipicamente vestidas, tomamos vinho, tomamos vinho, tomamos vinho, tomamos champanha e, pra finalizar, tomamos vinho.

Como a excursão estava muito igual, visitamos a cantina vinícola (é assim que eles chamam a indústria) Aurora, da Cooperativa do mesmo nome, na qual conhecemos as barricas e tonéis de carvalho e de alumínio, em que são fermentados os vinhos tintos, brancos, os finos, os varietais, os populares e os reservas. Ao final do passeio, junto a um grupo de uns 100 curiosos, fomos... tomar vinho! À noite, fomos de novo com a família Irreal saborear umas massas e sopa de capeletti com vinho e cerveja! À mesa também havia o Matambre, mas ainda não era o que o Dragão queria comer!

Dia da partida, a manhã seguinte foi dia de chororô. A dona da Pousada Jardim Bella Vista, Milena, chorou ao se despedir de visitantes tão bem comportados e elegantes. Principalmente dos ocupantes do Apartamento Cor-de-Rosa: um tal de Ratinho Flamejante, que sempre primou por falar baixinho. Aliás, para esse senhor, em especial, ela e o marido, assim como o Irreal, prometeram diligenciar para localizar a bombeta adquirida no Museu Hollywood, desastradamente extraviada na Cantida Piccolo Paradiso, na noite anterior. Uma pena, é claro, mas até agora não há notícias da peça de arte.

Seguimos todos rumo a Lages, Tutu na frente levando Tutubaroneite, Tutubaromãe e Dragonete. E as duas motos atrás. Seguimos pela BR 116, passando por Caxias. Em Lages, Tutu desceu direto para Floripa, onde esperaria a nós, que seguimos para São Joaquim, rumo à Serra do Rio do Rastro. Esse trajeto entretanto, emocionou tanto ao Dragão... que a bola vai pra ele.

Jake

Corujões



Na volta, resolvemos passar pela Serra do Rio do Rastro, trajeto unanimemente indicado por todos os gaúchos e paranaenses. Primeiro, a BR 116, com o espetáculo da Serra Geral, entre Nova Petrópolis e Caxias do Sul. Muros de Pedra, abismos, vegetação exuberante, paredes. Depois de Caxias, porém, a estrada vai perdendo curvas e encantos e, ao entrar em Santa Catarina, o piso vai perdendo qualidade. São buracos, ondulações, remendos, intercalados com trechos razoáveis; um martírio. De repente, a moto começa a corcovear, e de repente fica tudo macio de novo. Num curva aberta, já perto de Lages, com asfalto bom, entramos tranquilos a cerca de 100 km por hora. De repente, ondulações fortes. Mal tive tempo de ver o corcoveio da Nave Draconiana, que decolou de verdade, porque minha moto resolveu sair pra fora da curva. Não dava pra deitar mais, não dava pra frear e não dava pra trazer a bichinha de volta. Chegou a ultrapassar a faixa separadora, e do outro lado uma formidável carreta branca avançava devagarinho em minha direção. Fui soltando o cabo e com isso retomando o controle da moto, que começava a voltar para o lado certo da pista, aos pouquinhos. Aliviado, vi o caminhão desviar-se também para a direita, abrindo mais espaço pra mim. Deu pra voltar antes de cruzar com o bitelo. Dali em diante, fomos a 80 km por hora até Lages.

Depois de Lages e São Joaquim, entramos no caminho que conduzia de volta à BR 101, em Tubarão, para descer pela estrada da Serra do Rio do Rastro. Como não tínhamos informações seguras a respeito da possibilidade da van descer por ela com carreta e moto atrás, Tutu desceu por outro caminho, direto para Floripa, onde nos esperaria. Antes de chegar ao trecho final da serra, o que tem as famosas curvas, passa-se por um longo trecho em serra, mas de curvas menos fechadas, embora nem sempre suaves. Numa delas, à esquerda e em subida, estava um carro da polícia rodoviária. Como fazia sempre que isso acontecia, Dragão cumprimentou os policiais com uma continência com a mão esquerda. Nesse momento, a moto ergueu-se e perdeu a tangência, indo direto para o acostamento. Segundo Bela, isso ocorreu porque Dragão tirou do guidão a mão do contra-esterço, jogando a pressão para o outro lado. Possa ser, não sei, só sei que foi assim. De repente, vi a luz de freio da nave se acender, a bicha tremer e balançar e, de novo repentinamente, deitar e sair da curva. Sobrou pra mim. O susto me distraiu uma fração de tempo, mas foi o suficiente pra me roubar a tangência também. E lá ia eu pro acostamento de brita, quando joguei a minha bichinha azul, ela deitou e esmerilhou a pedaleira esquerda no asfalto. Foi mais engraçado que assustador, porque foi gratuito e na frente dos guardas, que devem estar rindo até hoje!

Jake
Corujões



Depois de nos juntarmos com o Tutu e Cia em Lajes, separamos os caminhos. Tutu seguiu por um caminho mais direto para Floripa devido à paúra passada pelo amigo da pousada, dizendo que não conseguiria descer etc e tal.(hehehe até ônibus sobe e desce, hahaha) Assim seguimos a estrada para S.Joaquim. Estrada razoavelmente boa; poderíamos até dizer ótima depois do sufoco do trecho para Lages, onde após breve decolada resolvi olhar pra trás e vi um motociclista fazendo pêndulo numa custom.

Estradinha com curvas, serrinha e tal. Chegamos em S.Joaquim e demos uma breve parada para registro fotográfico. O calor estava brabo. Eu e o companheiro, digo Jake, já estávamos protegidos com os bloqueadores 150 e 230,5 respectivamente. (o 230,5 era o mais poderoso pois repelia o sol e atraia todo o resto que estava pela estrada).

Continuamos a tocada para chegar à tão temida serra do autorama, digo, rio do rato, digo, rio do rastro. A certo ponto da estrada tivemos que dar uma paradinha pra abastecer. Encontramos um posto em uma cidadezinha de passagem e paramos. Enquanto abastecíamos, um ao lado do outro, fiz uma pergunta pro Jake pois estava meio decepcionado com o que tinha visto até o momento. Então falei:

-Jake, por acaso é esta a tão falada estrada do rio do rastro????? Não me leve a mal mas se isso aqui é emoção, então preciso levar o pessoal do sul pra dar uma voltinha na estradinha de Cabreúva lá de SP.

O frentista do posto, que abastecia a minha moto e ouvia tudo se ardeu:

-É moço, o sinhô tá um pôco ansioso mas logo logo vai achar o que tá procurando...pera um poquinho...

Acabou de encher o tanque e foi pra dentro da casinha. Daqui a pouco volta com duas folhinhas, digo calendários, aqueles grande de parede. E ai continuou a prosa:

-Óia moço, óia aqui o que te espera pela frente. A tua tristeza vai acabar logo ai na frente.

A folhinha era linda. Era a imagem da serra do rio do rastro feita pelo mirante, porém de forma espetacular. Os olhos saltaram pra fora, mas não era pela bela imagem e sim porque me vi dentro daquela paisagem. O coração começou a acelerar e uma coisa que estava no meio das minhas pernas começou a despertar. Calma, não é o que vocês estão pensando suas mentes do mal! Foi o meu dragão negro, minha moto-metade que havia ligado a ventoinha.

No meio de todo esse bate papo e brincadeiras onde várias pessoas iam participando, chega um cara meio largado, e fica dando ordens e falando bobagens, começa a encher o saco pois estava alcoolizado. O frentista logo manda ele ir embora e parar de encher o saco. O cara vai saindo aos poucos mas não para de falar bobagens e dar ordens pros frentistas. Depois que o cara se afastou um pouco pergunto pro frentista quem era esse cara e o que ele estava fazendo lá pois apareceu do nada. Daí o frentista falou algo que me surpreendeu:

-Esse cara é um largado que anda por aí; ele era promotor na capital e sofreu tanto com as injustiças do mundo que acabou ficando assim. É uma pena, não é má pessoa, mas quando bebe...

Ouvi aquilo, mas meu desespero era grande de seguir viagem que resolvemos ir embora. Continuamos a tocada por uma estrada simples, porém com bela paisagem. Em determinado momento tive um vislumbre. Olhava a paisagem e parecia que estava vendo o patch do MB. Naquela hora não sabia dizer se assistíamos ou fazíamos parte da paisagem. A única coisa certa era que Rodávamos em Paz. De repente, olhando a paisagem, vejo que de um lado ela acaba. Não tinha mais nada. Parecia que tinha aparecido um grande buraco. Me levantei um pouco e realmente não tinha terra, era um buraco. Será que o caminho acaba aqui? Negativo. Aquilo era apenas o início de uma viagem que iria começar. Era o mirante da Serra do Rio do Rastro.

Bom. Pausa. Bem, falar o sentimento de ver aquilo sem chances. Tiramos varias fotos. Tentamos registrar aquilo mas depois vendo as fotos posso dizer com a maior certeza: NÃO CORRESPONDE

COM A REALIDADE.

Ficamos falando, fotografando, conversando, parecia uma concentração pra se preparar pro jogo. VAMOS? VAMOS!!!



E aí começa a descida. Um autorama. Pequenas retas seguidas de curvas cotovelo. Um zigue-zague, uma dança.

Comecei a descer e logo, vendo aquilo, fazendo aquela dança, quase parando literalmente pra fazer a

curva comecei a sorrir, gritar, gargalhar, sei lá mais o que. Não acreditava que estava naquela balada. Era um filme e eu estava como ator. É incrível a sensação. Conforme vai descendo as paredes vão crescendo e você vai olhando pra cima e vendo o gargalo do buraco. É coisa de louco. Paramos de novo pra tentar mais fotos mas não adianta, aquilo não se registra, não tem jeito, tem que estar lá; tem que viver aquilo. Foi o presente de Deus pra nós. Dia lindo, vista limpa, céu azul e total visão da paisagem. É UMA INJEÇÃO DE MOTOCICLISMO DIRETA NA VEIA. Deu pra entender?

Seguimos nosso baile ate o final. Eu não sabia se ria, chorava, se ia embora ou ficava lá. O negócio foi continuar acelerando e ir me separando de minha sombra que com certeza não estava querendo me acompanhar. Tocamos em frente com destino a Tubarão. No entroncamento com a 101 paramos num posto pra poder abastecer e assimilar o que havíamos presenciado. Uma coisa que me emociona quando recordo da descida da serra era a imagem do Jake na minha frente torneando as curvas e a Silvia na garupa abanando os braços como se estivesse alçando vôo e pronta pra se separar da garupa e deslizar naquele clima. Meu camarada, não é fácil, será que dá

Tutu: Bom, mas então o que se vai fazer? Decide logo senão eu vou encarar um sanduba por aqui mesmo e vou dormir.

Jake: Vou dormir.

Dragão: Tá bom, vamos dormir e pronto. Tutu, se vira por aí que a gente se vira por aqui.

Todos seguimos cada um para os seus aposentos. O jogo do esconde esconde começa aí. Depois de pensar, repensar, resolvemos seguir em direção ao Juca Pato. Chegando no local, estacionamos as motos e entrando no Juca Pato, grande pizzaria de Floripa, batemos de frente com um enorme peixe carnívoro, esposa e mãe:

-Tutu? Tutubaronete? Tutubaromãe? Mas vocês não iam....? hehehehehehehe

Foi a noite da pizza. A chave de ouro que faltava pra encerrar o maravilhoso dia. Uma bela pizza, numa quinta que parecia sábado, no maior astral. Dia seguinte o destino era Curitiba.

Dragão



Essa aconteceu em Guaratuba, no fim do IV Vôo, quando o Dan L-2 esticou a corrente da moto do Jake, antes da viagem, e esqueceu de colocar a cupilha.

O jornal do MB em edicao extra avisa:

Presidente de Motoclube tenta matar o Diretor

O presidente do Motoclube Corujões planeja matar seu Diretor, Jake, fazendo de conta que iria regular a corrente da moto e deixa a porca do eixo solta e sem a cupilha de trava. Eles já haviam se desentendido tempos atrás devido a uma discussão de quem estaria mais ativo no laço de arrebanhar integrantes.

Felizmente essa tentativa não obteve êxito, pois o presidente Pança esqueceu que o Jake está sempre acompanhado de DEUZ e momentos atrás também esteve com Jesus, portanto nunca daria certo essa sabotagem.



A única vantagem que o presidente Pança conseguiu com tudo isso foi realizar o seu grande e tão esperado desejo de rodar com o grande Dragão e sua inseparável companheira Dragonete, podendo assim conhecer um pouco mais os macetes de uma pilotagem motard e ter a fascinante visão de subir a serra da Graciosa com seu cheirinho de churrasco, as belas paisagens e rios e os seus slalons maravilhosos.....

Hoje, devido a insistência do insuperável Dragão, o presidente Pança pode dizer: “Continuo com a minha cicatriz na perna mas perdi o medo. Meu grande Guru, o Dragão, me fez enxergar que posso vencer meus medos, exorcizar meus fantasmas e poder apreciar as coisas belas do mundo que estão aí, esperando por mim.”

Este foi mais um informativo toca do Dragão.

HOHOHOHOHO

COMENTÁRIO ATUALIZADO: também vai em partes por conta da diversidade de autores. Não tem final, não tem lógica e nem muita seqüência (é, com trema sim!). Mas... e daí? Hilário o título original!

Essa é a Saga do MotoBr@sil. São crônicas escritas por vários integrantes e tão malucas que é melhor o leitor pedir ajuda aos universitários ou aos autores. O final faz menção ao I Salto Sul, realizado na cidade de Treze Tílias/SC

Silêncio dos Indecentes.

Título original : Silence of Mulambs

Duas horas da manhã. O quarto revirado, apenas a luz do monitor e da televisão iluminavam o caos do quarto. Na tv, matrix em dvd sem som. Do subwoofer do PC saía a doce melodia do SPC. Lechter alterava a fonte de um programa chamado Sub7.

De repente aquele som ridículo parecido com um cuco, "uh uh", chamou a sua atenção:

- Dr. Lechter, eu sou a Agente Especial Chatice do FBI. Nas horas vagas sou motociclista e estou trabalhando em um caso de pessoas que desapareceram de uma lista de discussão na internet. Dr. Lechter, preciso de sua ajuda pra resolver o caso. Se o senhor se sentir mais à vontade, podemos ligar o netmeeting”.

Na tela abriram-se duas janelas: em uma, a agente aparecia vestida com suas roupas de couro.

- Desculpe pelas minhas roupas, acabei de chegar de um encontro de motociclistas.

Em outra, Lechter estava de cueca, coçava a frieira do pé e usava uma máscara de hockey no rosto. Seguiu-se o diálogo:

-Alguns membros de uma lista de discussão andam sumindo e fui autorizada a deixar você voltar pra lista pra tentar descobrir o porquê desses sumiços. Eu tenho um interesse especial pois também faço parte da lista.

- E vocês discutem o quê nesta lista?

- Motociclismo, mecânica e irmandade.

- Não, Chatisse, não tente me enganar com essas suas roupas de couro compradas em ponta de estoque, com esses penduricalhos que você nem sabe o q são, com esse lenço vermelho amarrado na perna que você inventa um significado a cada encontro, com a lista de pessoas e moto clubes que você decora, com seus dois únicos comentários sobre eventos (foi duca ou foi uma M...), com seus discursos sobre a irmandade e com aquela almofadinha de gel escondida no banco de sua moto.

A agente se sentiu perturbada, pois de tudo aquilo que ela condenava nos outros aquela criatura a acusava e com tamanha convicção que ela chegou a acreditar que estava realmente se enganando e que não era uma motociclista.

- Me diga, Chatisse, você ouvia as chororãovelhinhas?

- Sim. - Desta vez a pergunta realmente a perturbou - Mas preciso desligar. Acordo cedo amanhã.

- Adeus Chatice. Fale pro Vicente que não esqueci das uvinhas...

Algum tempo depois:

- Bom dia, Chatisse.

- Dr. Lechter, mais dois sumiram você tem que me ajudar.



- Quem foi?

- O Bak...

- Este não sumiu, finalmente sua moto está andando. Quando ele tomar um chão ele volta. Quem mais?

- O Dragon...

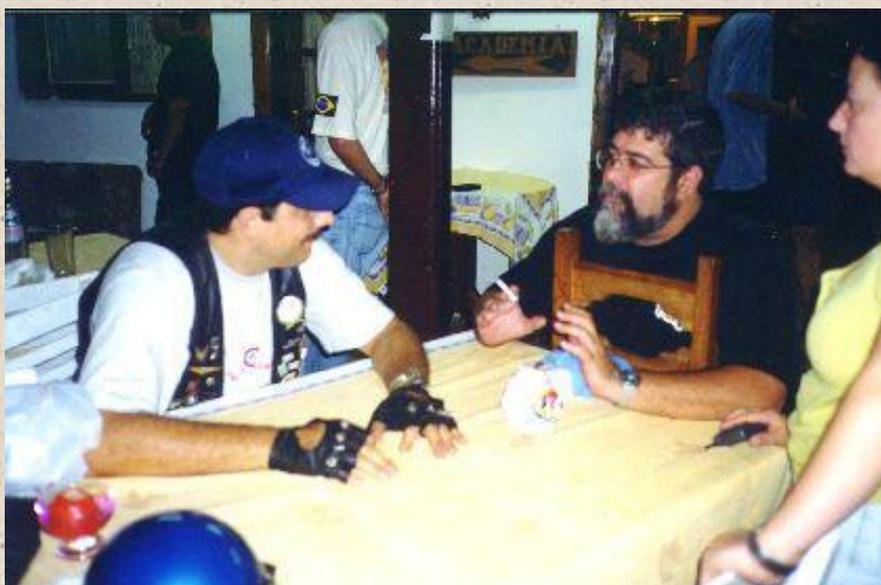
- Este é caso mais sério, é uma maldição.

- Maldição? Precisarei chamar o Morow e a Scudy?

- Talvez. Ele foi pro Sul onde comeu muito marreco com repolho roxo. Só não sabia que um dos marrecos na verdade era uma galinha preta tirada da encruzilhada. Assim, ele foi amaldiçoado. Agora só consegue ir pra Santos ou Campinas. É uma versão nacional do triângulo das bermudas e nisso o hodômetro congelou e ele some misteriosamente e quando aparece só sabe falar da viagem pro Sul e do tal marreco. Chatisse, agora que te ajudei...

- Não, você não me ajudou. Por quê as pessoas sumiram?

- Chatisse, porque talvez o lugar do motociclista seja na estrada, o lugar da irmandade esteja no encontro de amigos, o lugar de mecânica seja na oficina, talvez ao querer definir a essência do motociclismo você esteja limitando algo que é ilimitado: a experiência de viver. Talvez quando alguns buscam ser mais motociclistas que os outros estejam destruindo o que, por ideal, deveria ser a união.



A agente pensou em todas aquelas mensagens que preparava por horas, talvez dias, com o intuito de impressionar os colegas e por um instante se arrependeu. Algumas lágrimas começaram a surgir.

- Chatisse, e as Chororãovelhinhas? Me diga, você ouvia o choro delas?

- Sim....

- Aonde elas estavam ?

- Na estrada, com o pneu furado, esquecidas pelos irmãos, sem hotel, viajando sozinhas...

- Sim, Chatisse, e você motociclista podia ajudar?

- Sim! Eu podia!

A agente agora chorava aos berros.

- E o que pensava exatamente enquanto passava com sua moto por elas?

Apenas o choro....

- Chatisse...

- Sim! Eu confesso! No fundo no fundo eu vibrava e falava bem feito! Ainda bem que não sou eu !!!

- Chatisse, posso ir agora? Acho que você já solucionou o seu caso.

Algum tempo depois a agente especial Chatisse completou seus 3 meses de academia e ganhou um distintivo, um boné e uma camiseta. (sim, a camiseta só quando tiver número de pedidos suficientes para uma nova fornada. Pela 1300vez...)

Texto: Akira Sam

Texto sem o nome do autor porque o revisor aqui não pegou....

Após as devidas despedidas e um último gole na sua cerveja já quente, Lechter sai do boteco e se dirige à sua "princesa", já devidamente reabastecida. Sem olhar pra trás, ele engata uma primeira e soltando a embreagem se dá conta de que a moto está desligada... &%@#\$\$@!!!. Após as devidas correções, nosso herói volta pra estrada, onde acelera fundo em direção à cidade dos.... hã-hã... enfim, rumo a Campinas.

Na estrada rumo a Campinas, Lechter tem uma visão interior: antes de rodar para Campinas, porque não dar uma esticada ao Rio de Janeiro? Com esse calor louco e essa roupa de couro preta, até que seria bom dar uma arejada por lá. Pensamento na cabeça, reflexo na mão direita. Lechter acelera ainda mais fundo sua possante *macchina* rumo à Dutra e ao Rio de Janeiro.

Seis horas e várias paradas depois, eis que encontramos nosso herói sentado na praia de Copacabana tomando água de coco (pra hidratar) de canudinho, quando uma figura suspeita aproxima-se silenciosamente. Lechter, impressionado com a aproximação daquele personagem pergunta:

- Quem vem lá?

E a resposta vem imediata:

- Grande Lechter, eu sou Aloísio, e AMO todos os motociclistas!

Aí então eles decidiram mandar a água de coco às favas e detonaram juntos várias ampolas. Porém, algo continuava incomodando Lechter:

- Aloísio, afinal, o que é motociclismo?

- Grande Lechter, Motociclismo é mais que um conceito, mais que palavras e mais que explicação.

- Mas mestre Aloísio, quando vou conseguir entender o motociclismo?

- Gafanhoto, só a estrada te dará as respostas que procuras!!



Saiu então Lechter, de ânimo revigorado, em busca da resposta daquela esfinge fantástica. Em poucos minutos ele encontra uma corpulenta figura sobre uma Tenere e pergunta:

- Até tu, Brutus?

- Pois é, amigo Lechter, estou aqui para te ajudar em tua busca. A estrada te espera. Mantém teu curso e a estrada te responderá.

Lechter continua então em direção aos Lagos, em busca de suas respostas.

Chegando a uma pequena cidade do litoral, ele encontra duas estranhas figuras:

- Quem são vocês?



- Somos Fernando Martins e Arnaldo Rolim e você está em CamelotOstras. De onde vens, estranho?

- Venho percorrendo as estradas em busca de resposta a uma pergunta. O que é motociclismo? Vcs sabem a resposta?

- Não, mas eu pago a cerveja!!

- Feito.

Varias amarelinhas depois, já dormindo em sua barraca, Lechter tem um estranho sonho: andava por uma estrada no interior do Tocantins com uma Amazonas zero-bala quando vê parada à beira do caminho uma chororãovelhinha. Relutante entre o medo e o receio de se atrasar na contínua busca pela Luz, ele pára e oferece sua ajuda:

- O que foi? Um pneu furado?

Ao que vem a resposta:

- Ah, meu filho, eu não preciso de ajuda porque já encontrei a resposta e estou aqui para ver se o seu coração é bom e merece a Luz.

- Então, por todas as boas faíscas, me diga qual é o caminho para a compreensão.

A cigana que pilotava a chororãovelhinha pega a mão de Lechter e diz:

- O caminho é a estrada, o meio é a motocicleta, mas a alma esta um pouco com ela e muito com seu irmão que a controla. Considera na tua procura tudo o que surgir como um presente. Alguns te farão lembrar mais do que você gostaria de recordar, outros serão como tentações a lhe dizer que de nada vale o tempo gasto na sua busca pelo conhecimento, porque é melhor a burrice que é instantânea e nenhum esforço custa.

Em lágrimas, Lechter acorda, já na manhã de domingo, lembrando quantos iriam preferir a companhia da televisão e seus shows de milhão, farustão, o fanático que passa na plim-plim e almoço no shopping. Sem esquecer o sonho com a Cigana, ele vai para o bandeirão do café decidido a.....



Outro texto sem autor por culpa do revisor...

.....continuar sua procura. Após o rápido café, Lechter lembra-se de tudo que lhe foi dito mas sentia que algo ainda lhe faltava e à noite acordava banhado em suor. Em busca de um rumo voltou para a estrada, enrolando o cabo com vigor. Para se nortear, seguiu no sentido norte.

Seguindo por novos caminhos, encontrou outros ares, novas cores, novas paisagens. Do cerrado ao litoral, passando pelo sertão, viveu fortes emoções em conhecer nosso lindo país e a hospitalidade de nosso povo. Porém, nem tudo era novidade e na Bahia e Sergipe encontrou algo que já conhecia bem: um companheiro esperando com um sorriso e um abraço amigo. Eram seres alados que, com suas Asas Brancas alçaram vôo pela região, na tentativa de mostrar a Lechter o que estava procurando. De volta à terra firme, tomaram um geladíssimo suco de cevada pois, além do calor humano, o asfalto estava fritando. Boa companhia, boa conversa, e ele se sentia satisfeito consigo mesmo e com a vida. Será que finalmente sua busca terminou? Sem saber porque, despediu-se dos amigos, montou em sua máquina e rumou para o sul. Talvez já fosse o momento de voltar para casa e fazer o balanço de tudo o que viveu. Será que após tantos momentos vividos ele encontraria suas resposta sozinho em casa?



Cabo enrolado, sua Virago respondendo, olhava para o infinito enquanto o ponteiro do velocímetro subia. Passou por novos belos caminhos, mas desta vez estava determinado em voltar para seu lar e já não dava mais tanta atenção para o que se passava ao seu lado. A natureza parecia querer lhe mostrar muita coisa, pois o céu estava azul como nunca, o sol iluminando seu caminho, as serras verdes com suas curvas sensuais e Lechter seguia acelerando. O bravo guerreiro continuava determinado

no caminho de casa, mas seu corpo fatigado sucumbiu ao cansaço. Cerca de cem quilômetros do seu destino, pára à beira da estrada deserta, na sombra de uma heróica árvore. Lechter não se deu ao trabalho de descer de sua máquina e apenas debruçou-se sobre o painel. Enquanto descansava sentiu uma estranha vibração acompanhada de um certo rugido. Reunindo o restante de suas forças ergueu a cabeça e percebeu um brilho estranho à sua frente. Era um objeto azulado que emitia flashes prateados. Paralisado com a visão, ele realizava:

- Será que é um sonho, algo de outro mundo, um mito, uma motocicleta?



Quando finalmente conseguiu enxergar com nitidez, percebeu o que era realmente tudo aquilo: era uma Harley Davidson. Da belíssima máquina desceu um homem alto, altivo, longilíneo, devidamente vestido de couro, que ficou alguns segundos parado, como em posição de sentido, olhando para Lechter. Lechter não conseguia se

mexer. O homem lentamente tirou seu capacete, deixando à mostra seus cabelos de prata, e perguntou:

- O que procuras, irmão?

Lechter balbuciou:



O que é o motociclismo? Onde está a união dos motociclistas? Somos todos irmãos?

O homem esboçou um pequeno sorriso e, no alto dos seus anos e anos de experiência, sentenciou:

Apenas os tolos procuram o motociclismo com os olhos, e nada encontram. Assim, bravo guerreiro, feche seus olhos e olhe com o coração!

Lechter, ainda meio descrente, obedeceu e fechou os olhos. De repente, como num milagre, começa a ver luzes brilhantes. Como num caleidoscópio, várias formas e cores começam a surgir em sua mente. São mais de uma centena de homens, de motocicletas, de guerreiros, de companheiros, de motociclistas. Muitos ostentam brasões. São corujas, jacarés, ratos, dragões, anjos, mamutes... todos unidos empunhando bandeiras verde-amarelas sobre um fundo preto. Este belo sonho é interrompido por um novo rugido, desta vez mais forte, mais encorpado, mais real. Lechter abre os olhos assustado e o homem da máquina azul já não está mais lá. O ronco aumenta e parece se aproximar. Ele levanta a cabeça e olha pelos retrovisores onde revê as imagens que antes estavam apenas em sua mente. Sentindo-se iludido pelos dois pedaços de vidro, Lechter vira-se rapidamente para trás e o sonho se concretiza. Eles estavam realmente lá o tempo todo. Eram seus irmãos lhe acompanhando por toda sua viagem. Era o MOTOBRA@S... que nunca o deixou, em nenhum momento!"

Mais um....

Voltando pra dentro do boteco, os três aventureiros, Gordon, Dragonfly e Mestre Lee, ao perceberem que Lechter já se dirigia para a saída do posto de combustíveis, rumo à estrada, entreolharam-se, e sem dizer uma palavra, levantaram-se da mesa e seguiram em direção ao balcão, para acertar a conta, pois não havia mais nenhum motivo para que ali permanecessem.



Mestre Lee lacoca, já um pouco alterado devido às oito doses daquele Jack Daniel's falsificado, comprado no Paraguay pelo Gordon, e vendido sorrateiramente ao *barman*, levanta-se com um ar extremamente contrariado e com um mau-humor insuportável pergunta pela décima Quarta vez para aquela figura grotesca que está esborrachada numa cadeira atrás do balcão:

- ÔRRA MEU! CADÊ A TUA FILHA...?!?!?!?

Sem ao menos desviar o olhar, o monstrengo responde, também pela décima quarta vez:



- Há três dias esteve aqui um companheiro de vocês, cujo nome é algo parecido com "Coce e Carque", montado numa moto-foguete de cor verde, e raptou Tília, minha única filha solteira. Ao sair, ele disse que iria levá-la para uma cidade ao sul, chamada Doze Tílias, pois minha filha era a princesa que estava faltando naquele lugar. Desde então, minha vida ficou vazia, e nada mais me dá alegria. Meu nome é Rei Naldo, e eu fui um dentista muito famoso da região oeste do Paraná e agora virei esse trapo que vocês estão vendo. Não tenho mais nem vontade de

andar de moto...

Aquela última frase entrou como um rojão pelos tímpanos dos três aventureiros, causando uma uma surpresa geral:

- O quê...?!?! Você também é motociclista...?!?!

- Sim, tenho uma Kawasaki 750 na garagem, que já faz mais de dois meses que não é ligada!!!

Os olhos de Dragonfly começaram imediatamente a brilhar e a cigarrilha caiu-lhe do canto da boca e pensou: "Oba! Arranjei mais serviço..." Gordon sentiu que aquilo era uma reação típica de Dragonfly, e não se abalou:

- Então, após a desmontagem do seu motor, e dos reparos necessários, você seguirá conosco, rumo ao sul, onde tentaremos encontrar resgatar sua filha Tília - emendou Gordon, convidando Rei Naldo a seguir viagem com os outros.

Os quatro viajantes, já paramentados com suas roupas de couro cheias de penduricalhos, saíram do boteco e já iam se preparando para pegar a estrada quando notaram que entrava rapidamente no posto uma outra motocicleta. Ao chegar próximo à bomba, o piloto desequilibrou-se e despencou para o lado esquerdo, deixando a moto cair por cima dele. Sob o olhar incrédulo dos outros quatro, o piloto foi saindo debaixo da moto, rastejando, vociferando e praguejando contra o mundo:

- Quem foi o #%&\$# que deixou o piso escorregadio e irregular desse jeito?... E alguém viu meu par de luvas por aí?



Claro! Imediatamente o cara foi reconhecido: era ninguém mais do que o agente ZDP! E foi a maior festa! O reencontro foi sobejamente comemorado, pois ZDP havia se perdido do grupo, quando parou para conversar com uns amigos que estavam numa Pampa de cor prata, com placas de Medianeira. Todos preparados, motos abastecidas, os cinco aventureiros pegaram a estrada rumo ao sul do Brasil.

Juntavam-se assim, mais cinco motociclistas que futuramente também fariam

parte daquele sonho de Lechter, juntamente com mais uma centena de aventureiros. Estava assim se delineando o [MotoBr@s...!!!](#)

Outra vez!

Sim, eles estavam todo o tempo lhe acompanhando. Mas nas entranhas de sua cabeça algo ainda lhe perturbava:

- O [Motobr@sil](#) sempre esteve comigo. Mas ouvi dizer que tinham dado fim à lista... Que lista? VIVA O MB!!!

Mais e mais se misturavam os pensamentos e a tão esperada resposta para a pergunta, apesar de inúmeros caminhos seguidos, ainda não estava clara. Lechter coloca o seu capacete, e resolve partir em busca de mais respostas, ou melhor, a única resposta. Qual caminho seguir então? Talvez procurar um ermitão na capital do Paraná. Soubera que esse ermitão era conhecido na localidade de Dr. Fritz (seria aquele Médium que sabe tudo?). Conhecido e desconhecido ao



mesmo tempo. Todos o admiravam, pois mesmo com sua moto que teoricamente deveria ficar muito atrás, chegava sempre junto aos demais na estrada. Só poderia ser força "divina". Ele sim saberia a resposta.

Lechter à caminho da capital, ficou sabendo através

de um "Presidente", um tal de Jacaré, que o ermitão havia sido convidado para participar de uma "legião" de motociclistas um pouco estranhos, com rabo comprido, orelhas em pé, faro aguçado, parecidos com ratos. Além disso, o Presidente deu um conselho:

- Siga em busca de sua resposta, e aproveite para me responder uma coisa: onde está Wally?

Lechter não entendera, mas mesmo assim acreditava que poderia encontrá-lo e valer a pena.

Ao chegar à capital, pediu informações num posto sobre a tal figura. Logicamente que todos conheciam. Fora informado para procurar em algum BEKO, mas era para ter cuidado pois muitos ratos se reuniam naquele local.



ENQUANTO ISSO: KAKO. Todos preparados, motos abastecidas, os cinco aventureiros pegaram a estrada rumo ao sul do Brasil. Juntavam-se assim, mais cinco motociclistas que futuramente também fariam parte daquele sonho de Lechter, juntamente com mais uma centena de aventureiros. Estava assim se delineando o [MotoBr@sil!!!](#) Com seu tutorial de ações, onde a regra principal era deixar a "borracha para o lado de baixo". Estrada e mais estrada, curvas e curvas admiradas principalmente pelo Gordon foram chegando. A admiração foi grande ao se depararam com um lindo Lago "HJRWERSIMMRERSEERE", próximo à cidade onde havia 12 Tílias. Naquele lago havia um boteco. Nesse instante Mestre Lee babava, mas não de sede, como todos imaginavam, mas ali havia uma linda princesa.

- É ela! É ela! Deve ser a Tília! (filha daquela figura grotesca que estava esborrachada numa cadeira atrás do balcão no último boteco).

Infelizmente, para a tristeza de todos, a busca não havia terminado, pois a princesa não se chamava Tília. A viagem devia seguir. Tinham poucos momentos antes que a mesma fosse agrupada às outras 12. Apesar da determinação, e um pequeno atraso com uma "luva que se perdera" no caminho, pelo agente ZDP, nossos aventureiros chegaram à cidadezinha e quando se deram conta, já não estavam mais, pois já haviam passado. Retorno feito, foram em busca de uma estalagem para descansar os trapos. De frente a uma dessas, havia uma figura estranha, levantando um moto verde que estava ao chão. Percebeu-se claramente que surgiram lágrimas nos olhos do Dragonfly ao ver aquela cena. De pronto, os 5 companheiros ajudaram a deixá-la em pé. A admiração foi maior ainda por parte do agente ZDP, pois ali estava um companheiro dele, aqueles que fazem tudo para ser igual a você. Após alguns "goles" de uma bebida gelada à base de cevada ficaram sabendo que a figura era o tal "Coce e Carque", e que já era tarde demais. As 13 Tílias já estavam juntas e a partir daquele momento estariam esperando os príncipes encantados que, diz o Lenda, chegariam em motocicletas.....

Pois é. Acabaram-se os textos.

Espero que vocês tenham se divertido e acho que seria legal se alguém desse uma garimpada pra ver se acrescenta mais capítulos nessa história.

Valeu povo!

Vamo vuáááááááááá

Dan L-2
Corujões MC



OS VOOS...









TO

BE

CONTINUED....